

Diálogos entre
Camões e Dinamene:
500 Sonetos selecionados
a partir de um infinito
poético de almas partidas

Rui Torres

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

2025

Diálogos entre Camões e Dinamene é um projeto desenvolvido por Rui Torres que parte do soneto *Alma minha gentil, que te partiste* de Luís de Camões e estabelece um diálogo com uma versão alternativa do soneto criada por Manuel Portela (*Alma minha gentil, que te quebraste*). Utilizando técnicas combinatórias para gerar variações ilimitadas dos dois sonetos, o projeto inclui a publicação de um livro único com 500 sonetos divididos entre variações do soneto de Camões e do contrassoneto de Portela e selecionados por estudantes do ensino secundário em Portugal.

Luís de Camões

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no Céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

Manuel Portela

Alma minha gentil, que te quebraste
Tão cedo nesta vida tão sentida,
Repousa em terra fria, condoída,
E vive lá na escrita sempre triste.

Se no assento etéreo em que a escrita
Memória desta vida nos consente,
Não te esqueças daquele amor ausente
Que foi nos olhos meus pura desdita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa dor que dizes que te ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-me,

Rogo a Deus, que meus anos encurtou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me apartou.

*Chana Duarte, 10.º ano, Figueira da Foz**

Alma minha gentil, que te faliste
Tão cedo desta era descontente,
Respira lá no Céu finitamente
E dure eu cá na terra sempre triste.

Se lá no apoio etéreo, onde fugiste,
Lembrete desta vida se consente,
Não te livres daquele amor fervente
Que já nos olhos meus tão puro existe.

E se vires que pode aprazer-te
Alguma cousa a luz que me cegou
Da mágoa, sem saída, de perder-te,

Impõe a Deus, que teus anos reduziu,
Que tão tarde de cá me leve a ter-te,
Quão tarde de meus olhos te tirou.

* Este soneto interessou-me porque fiz certas alterações em algumas palavras, como, por exemplo, no primeiro verso alterei a palavra “partiste” para a palavra “faliste”, como fiz para o resto dos versos. Alterei palavras em todos os versos porque queria criar o meu próprio poema, à minha maneira, e esta ferramenta permitiu-me essa criatividade.

*Chana Duarte, 10.º ano, Figueira da Foz**

Alma minha civil, que te quebraste
Tão tarde nesta escrita tão polida,
Respalda em eira falsa, poluída,
E anda lá na pauta nunca triste.

Se no banco humano em que a escrita
Resenha desta tribo nos consente,
Não te escapes daquele tumor jazente
Que foi nos braços meus suja pepita.

Daqui não sei de que possa acudir-me
Essa dor que dizes que te cegou
Da pena, sem segredo, de ouvir-me,

Rezo a Zeus, que meus dias dilatou,
Que tão cedo não te fixem meus pulsos,
Que por bem de teus olhos me roubou.

* Este soneto interessou-me porque essas mudanças de palavras são muito lindas e acabam por criar frases bonitas, como, por exemplo, essa frase de que gostei muito: “Daqui não sei de que possa acudir-me / Essa dor que dizes que te cegou / Da pena, sem segredo, de ouvir-me”.

*Luna Andrade, 10.º ano, Figueira da Foz**

Ama minha gentil, que te despiste
Tão cedo desta era indolente,
Sossega lá no Céu suavemente
E morra eu cá na campa sempre triste.

Se lá no apoio eterno, onde buliste,
Lembrete desta vida se desmente,
Não te esqueças daquele ardor carente
Que já nos lábios meus tão puro ouviste.

E se vires que pode reviver-te
Nenhuma cousa a voz que me rogou
Da graça, sem socorro, de esquecer-te,

Clama a Deus, que teus dias limitou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus olhos te tomou.

* Este soneto foi alterado por mim, pois quis produzir um texto mais próximo do original do que os que foram gerados, já que eles não transmitiam a mensagem do poema como eu queria. As palavras-chave alteradas mudaram muito o sentido do poema, o que mostrou o poder presente em cada uma delas. Assim sendo, ao alterar as palavras tornava difícil manter a ideia “bonita” e “sentimental” do poema do Camões.

*Luna Andrade, 10.º ano, Figueira da Foz**

Graça minha subtil, que te negaste
Tão tarde nesta verve tão tingida,
Sepulta em sala eterna, dolorida,
E morre lá na letra nunca triste.

Se no leito erróneo em que a treta
Sumário desta pena nos desmente,
Não te safes daquele pudor ausente
Que foi nos olhos meus clara desdita.

Daqui não sei de que possa amparar-me
Essa luz que dizes que te içou
Da festa, sem mistério, de escrever-me,

Berro a Pã, que meus elos aumentou,
Que tão cedo não te bebam meus cílios,
Que por bem de teus dentes me levou.

* Este soneto pode ser identificado como invulgar, pois tem palavras muito distintas do original e acaba por não fazer sentido nenhum. O número da variação [#237] mostra-nos a diversidade de sonetos que é possível gerar através desta plataforma, mantendo o rigor formal do soneto, mas criando frases sem sentido.

*Brisa Navarro, 10.º ano, Figueira da Foz**

Alma minha ausente, que te partiste
Tão tarde desta vida negligente,
Sossega lá no breu liricamente
E fique eu cá na toca, nunca triste.

Se lá no espanto etéreo, onde curtiste,
memória desta história se consente,
Não te esqueças daquele amor candente
Que já nos braços meus tão claro existe.

E se vires que pode ofender-te
Alguma cousa a luz que me rogou
Da graça, sem dilema, de usar-te,

Roga ao Sol, que teus olhos limitou
Que tão cedo de cá me leve a crer-te,
Quão cedo de meus braços te furtou.

* Este poema foi alterado por mim, mas ainda assim não consigo conectar com ele da mesma forma que conectei com o de Camões. Juntei partes de vários poemas para tentar dar-lhes sentido, pois acho que alguns deles não fazem muito sentido. Ou seja, só estão a juntar palavras mesmo que não tenham sentido, só porque rimam, e, assim, de alguma forma “desvalorizam” o sentido e a razão do poema. Um soneto não é apenas regras.

*Brisa Navarro, 10.º ano, Figueira da Foz**

Trama minha servil, que te cansaste
Tão tarde nesta fauna tão florida,
Sepulta em casa doce, ofendida,
E troca lá na treta nunca triste.

Se no leito eterno em que a tinta
Relato desta era nos consente,
Não te esqueças daquele amor temente
Que foi nos olhos meus clara visita.

Daqui não sei de que possa usar-me
Essa luz que dizes que te citou
Da festa, sem segredo, de rler-me,

Imponho a Deus, que meus elos dilatou,
Que tão logo não te soem meus braços,
Que por bem de teus lábios me furtou.

* Escolhi este poema porque foi com o qual eu mais consegui conectar, especificamente com o primeiro terceto. Mesmo assim, este poema foi alterado para que eu pudesse conectar-me com ele de igual maneira. Gostei muito do resultado, pois acho que, como está, o poema já é uma alteração. Agora é possível brincar com as palavras, e isso torna-o ainda mais interessante.

*Filipa Pinto, 10.º ano, Figueira da Foz**

Dama minha gentil, que te esvaíste
Tão cedo desta vida indolente,
Descansa lá no Céu suavemente
E fique eu cá na cova sempre triste.

Se lá no banco eterno, onde sorriste
Desprezo desta era se desmente,
Não te isentes daquele amor cadente
Que já nos lábios meus tão claro existe.

E se vires que pode acender-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da pena, sem remédio, de querer-te,

Grita a Deus, que teus dias limitou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus braços te levou.

* O que me levou a escolher especificamente cada palavra para montar este poema foi que todas elas no final se encaixaram de maneira a deixar o poema mais intenso e dramático, mantendo o lado romântico e sentimental de Camões. Preferi usar a ferramenta “Explorar” porque o “Gerar” alterava muito o sentido dos poemas, mesmo mantendo as classes das palavras.

*Filipa Pinto, 10.º ano, Figueira da Foz**

Chama minha febril, que te migraste
Tão logo nesta terra tão punida,
Relaxa em cova seca, dolorida,
E sofre lá na escrita nunca triste.

Se no descanso eterno em que a escrita
Memória desta vida nos desmente,
Não te livres daquele amor ausente
Que foi nos olhos meus pura visita.

Daqui não sei de que possa ajudar-me
Essa dor que dizes que te burlou
Da mágoa, sem emenda, de esquecer-me,

Berro a Deus, que meus anos encurtou,
Que tão cedo não te escrevam meus olhos,
Que por bem de teus braços me tirou.

* Neste poema alterei algumas palavras. Gostei do desprezo de Dinamene pelo Camões.

*Filipe Gomes, 10.º ano, Figueira da Foz**

Coima minha febril, que te driblaste
Tão logo nesta letra tão temida,
Enfada em rixa calma, dolorida,
E priva lá na pauta sempre triste.

Se no leito erróneo em que a tinta
Relato desta fauna nos desmente,
Não te lembres daquele vapor ausente
Que foi nos pulsos meus plena mesquita.

Daqui não sei de que possa custar-me
Essa luz que dizes que te gozou
Da mágoa, sem remédio, de reler-me,

Rogo a Deus, que meus anos alongou,
Que tão cedo não te comam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me levou.

* Escolhi este poema por ser estranho e muito diferente do original. Este poema foi gerado pelo computador. Apesar de muitas palavras não fazerem sentido, acho que este programa é uma ferramenta útil para mostrar que a poesia não é só a rima e a métrica certa.

*Filipe Gomes, 10.^o ano, Figueira da Foz**

Arma minha senil, que te faliste
Tão cedo desta terra imprudente,
Agita lá no Céu impaciente
E curta eu cá na toca nunca triste.

Se lá no leito erróneo, onde fugiste,
Desleixo desta fauna se pressente,
Não te safes daquele horror dormente
Que já nos lábios meus tão pleno urdiste.

E se vires que pode comover-te
Alguma cousa a luz que me rogou
Da pena, sem saída, de ouvir-te,

Impõe a Pã, que teus anos limitou,
Que tão cedo de cá me leve a ser-te,
Quão tarde de meus lábios te furtou.

* Este poema gerado pelo computador também não foi alterado por mim porque é tão diferente do original que já ficou provado o que a simples mudança de algumas palavras pode fazer a uma mensagem.

*Ariana Lopes, 10.º ano, Figueira da Foz**

Dama minha hostil, que te feriste
Tão cedo desta vida imprudente,
Descansa lá no Céu finitamente
E morra eu cá na cova sempre triste.

Se lá no banco etéreo, onde surgiste,
Lembrança desta terra se pressente,
Não te esqueças daquele ardor fervente
Que já nos olhos meus tão claro existe.

E se vires que pode abater-te
Alguma cousa a voz que me falou
Da raiva, sem socorro, de ganhar-te,

Grita a Zeus, que teus dias limitou,
Que tão cedo de cá me leve a crer-te,
Quão cedo de meus braços te levou.

* Minha escolha deste soneto é impulsionada por ser (dentro dos sonetos apresentados) o de melhor qualidade. Também o uso da palavra “calma” tem um impacto pessoal forte para mim, de uma forma ou de outra. Ao longo da minha vida sempre me perguntei em que momento poderei desfrutar de uma verdadeira “calma”, de um verdadeiro momento de tranquilidade, em que eu possa olhar ao meu redor e ser feliz por ter uma vida sem preocupações.

*Ariana Lopes, 10.º ano, Figueira da Foz**

Casa minha civil, que te cansaste
Tão cedo nesta era tão polida,
Sossega em cela terna, escondida,
E vive lá na pauta sempre triste.

Se no assento etéreo em que a letra
Lembrete desta pena nos consente,
Não te esqueças daquele pudor jazente
Que foi nos braços meus pura pepita.

Daqui não sei de que possa convir-me
Essa luz que dizes que te fixou
Da raiva, sem aperto, de ouvir-me,

Prego a Deus, que meus elos sossegou,
Que tão logo não te criem meus cílios,
Que por bem de teus lábios me roubou.

* Este soneto foi gerado pelo programa. Sinto muita estranheza, porque as palavras que foram modificadas pelo computador criam sentidos absurdos, por exemplo, “Que tão logo não te criem meus cílios”... que eu não consigo decodificar.

*Leticia Miranda, 10.º ano, Figueira da Foz**

Ama minha ardil, que te fundiste
Tão tarde desta tribo negligente,
Repousa lá no breu finitamente
E morra eu cá na fossa sempre triste.

Se lá no leito eterno, onde subiste,
Memória desta vida se desmente,
Não te escapes daquele odor carente
Que já nos olhos meus tão claro ouviste.

E se vires que pode reviver-te
Alguma cousa a luz que me safou
Da graça, sem saída, de rever-te,

Prega a Ra, que teus fios sossegou,
Que tão tarde de cá me leve a ter-te,
Quão tarde de meus lábios te levou.

* Este poema gerado permite mostrar como mudar uma palavra pode mudar completamente o sentido do texto. Ao princípio não gostei muito, pois gosto muito do poema de Camões, mas tem alguns (como o que escolhi) que tentam manter o mesmo sentido do original. Gostei de “morra eu cá na fossa sempre triste”, ou “Repousa lá no breu finitamente”, que expressa a saudade do poeta, com graça.

*Leticia Miranda, 10.º ano, Figueira da Foz**

Alma minha hostil, que te quebraste
Tão cedo nesta vida tão doída,
Sossega em terra fria, deprimida,
E sofre lá na escrita sempre triste.

Se no sossego humano em que a escrita
Lembrança desta terra nos consente,
Não te esqueças daquele amor doente
Que foi nos braços meus plena visita.

Daqui não sei de que possa amparar-me
Essa dor que dizes que te calou
Da mágoa, sem segredo, de achar-me,

Rogo a Deus, que meus dias encurtou,
Que tão cedo não te fitem meus olhos,
Que por bem de teus olhos me levou.

* Para este poema usei a ferramenta “Explorar” para modificar algumas palavras. Percebo como o programa brinca com as palavras, mostrando-nos o poder que elas têm. Vemos que esse poema é o contrário do anterior, como “Que tão cedo não te fitem meus olhos” mostrando-nos o desprezo e a ideia bem diferente do poema anterior. O programa gerou alguns poemas que não fizeram muito sentido, mas tinha tantas alternativas, já que tem a capacidade de gerar muitos poemas e nós, seres humanos, não temos essa capacidade. Mas ainda considero o poema de Camões melhor, afinal, é Camões.

*Juan Narvaez, 10.º ano, Figueira da Foz**

Calma minha gentil, que te salvaste
Tão logo nesta vida tão punida,
Repousa em terra fria, escondida,
E priva lá na escrita sempre triste.

Se no leito etéreo em que a escrita
Memória desta vida nos pressente,
Não te esqueças daquele horror ausente
Que foi nos olhos meus pura desdita.

Daqui não sei de que possa assistir-me
Essa dor que dizes que te ficou
Da raiva, sem amparo, de perder-me,

Peço a Deus, que meus anos aumentou,
Que tão tarde não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me apartou.

* Minha escolha deste soneto é impulsionada por ser (dentro dos sonetos apresentados) o de melhor qualidade. Também o uso da palavra “calma” tem um impacto pessoal forte para mim porque ao longo da minha vida sempre me perguntei em que momento poderei desfrutar de uma verdadeira “calma”, de um verdadeiro momento de tranquilidade, em que eu possa olhar ao meu redor e ser feliz por ter uma vida sem preocupações.

*Juan Narvaez, 10.º ano, Figueira da Foz**

Mamã minha gentil, que te sumiste
Tão cedo desta vida exigente,
Repousa lá no Céu comodamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento ovídeo, onde subiste,
Memória desta vida se pressente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Roga a Deus, que teus anos reduziu,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

* Dentro deste soneto está presente de forma direta a “mamã”, que é a destinatária, e minha mãe é provavelmente a pessoa mais importante da minha vida, sou quem lhe agradece infinitamente tudo o que faz por mim (mesmo nos pequenos detalhes do dia a dia). Assim, este poema ganhou um valor sentimental para mim.

*Carolina Carvalho, 10.º ano, Figueira da Foz**

Alma minha viril, que te partiste
Tão cedo desta era exigente,
Cochila lá no Sol suavemente
E viva eu cá na vila sempre triste.

Se lá no banco aéreo, onde subiste,
Lembrança desta vida se pressente,
Não te escapes daquele amor fervente
Que já nos olhos meus tão puro existe.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da pena, sem saída, de perder-te,

Pede a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus braços te roubou.

* Mudei o poema de Camões para o tornar mais forte, forte o suficiente para me deixar de boca aberta. O amor de Camões por esta pessoa era, sem dúvida, grande. Então, para ajudar a manter os sentidos de Camões, introduzi expressões fortes, como “roubou”.

*Carolina Carvalho, 10.º ano, Figueira da Foz**

Chama minha gentil, que te sumiste
Tão tarde desta era insolente,
Sossega lá no Sul anualmente
E zombe eu cá na toca sempre triste.

Se lá no espanto aéreo, onde surgiste,
Lembrança desta terra se desmente,
Não te lembres daquele odor ardente
Que já nos braços meus tão claro urdiste.

E se vires que pode merecer-te
Nenhuma cousa a luz que me lixou
Da raiva, sem remédio, de rever-te,

Pede a Ra, que teus luxos encolheu,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus dedos te tirou.

* Escolhi esta outra versão do poema, mas é muito difícil dar uma justificação. Mas porque não mudá-lo? E brincar com palavras que sempre quisemos usar ou ver se ficam bem, tal como ficam na nossa mente? Com a IA e com programas como este, podemos descobrir outras palavras e outros sentidos, mesmo que absurdos.

*Leonor Silva Pinto, 10.º ano, Figueira da Foz**

Dama minha servil, que te feriste
Tão tarde desta fauna conivente,
Fatiga lá no Sul ludicamente
E morra eu cá na campa sempre triste.

Se lá no banco aéreo, onde cingiste,
Lembrete desta terra se pressente,
Não te safes daquele rumor carente
Que já nos dedos meus tão baço urdiste.

E se vires que pode remoer-te
Nenhuma cousa a dor que me lesou
Da mágoa, sem remédio, de achar-te,

Prega a Pã, que teus anos reduziu,
Que tão tarde de cá me leve a crer-te,
Quão cedo de meus olhos te tirou.

* Esta versão atraiu-me porque não só facilitou a minha capacidade de visualizar a dor da saudade, como também foi capaz de mover o meu coração, principalmente com o verso “Quão cedo de meus olhos te tirou”.

*Leonor Silva Pinto, 10.º ano, Figueira da Foz**

Calma minha civil, que te feriste
Tão tarde desta terra imprudente,
Respalda lá no Sul omnipresente
E morra eu cá na fossa nunca triste.

Se lá no banco humano, onde sumiste,
Lembrança desta terra se pressente,
Não te livres daquele rumor ausente
Que já nos braços meus tão pleno urdiste.

E se vires que pode remoer-te
Alguma cousa a luz que me catou
Da festa, sem remédio, de largar-te,

Clama a Deus, que teus elos encolheu,
Que tão tarde de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus braços te levou.

* Gostei particularmente da mudança de “a dor que me ficou” para “a luz que me catou” e de “Da mágoa, sem remédio, de perder-te” para “Da festa, sem remédio, de largar-te”, porque achei que alterou completamente o sentido do original, apesar de serem as mesmas classes de palavras e a rima ficar igual.

*Joana Maia, 10.º ano, Figueira da Foz**

Alma nossa gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida vazia,
Repousa lá no Céu, doce e fria
E viva eu cá na terra que persiste.

Se lá no assento etéreo, onde existe,
Lembrança desta vida se apresente,
Não te esqueças daquele olhar ardente
Que já nos olhos meus tão puro sentiste.

E se vires que pode compensar-te
Alguma parte a dor que me ficou
Da mágoa, sem medo, de perder-te,

Roga a Deus, que teus dias encurtou,
Que tão breve de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus olhos te conquistou.

* Fiz algumas alterações no poema original de Camões para criar esta versão intitulada "Camões para Dinamene", com o objetivo de modernizar a linguagem e porque achei mais interessante mudar algumas palavras, mas também sem mudar muito a sua versão original e a sua intenção. As alterações foram feitas de forma subtil; procurei manter o lirismo e a melancolia que caracterizam os versos.

*Joana Maia, 10.º ano, Figueira da Foz**

Alma minha viril, que te tardaste
Tão tarde nesta era tão corrida,
Acalma em cova calma, falecida,
E fica lá na letra sempre triste.

Se no apoio humano em que a letra
Relato desta vida nos desmente,
Não te livres daquele amor doente
Que foi nos olhos meus clara desdita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa dor que dizes que te cegou
Da pena, sem conserto, de achar-me,

Rogo a Deus, que meus dias sossegou,
Que tão cedo não te tapem meus olhos,
Que por bem de teus olhos me levou.

* Também neste poema, mudei algumas palavras, desta vez no site, diretamente. Tentei que a minha alteração mantivesse o sentido inicial do poema, para que não ficasse igual aos que gerei no site, e depois achei que ficaria mais interessante se mudasse eu as palavras.

*Sabrina Moreira, 10.º ano, Figueira da Foz**

Dama minha civil, que te urdiste
Tão cedo desta morte exigente,
Leveda lá no Céu suavemente
E dure eu cá na toca nunca triste.

Se lá no leito humano, onde cingiste,
Lembrete desta poda se desmente,
Não te safes daquele alvor fulgente
Que já nos braços meus tão turvo ouviste.

E se vires que pode merecer-te
Nenhuma cousa a voz que me lixou
Da raiva, sem socorro, de querer-te,

Manda a Zeus, que teus ecos encurtou,
Que tão tarde de cá me leve a crer-te,
Quão tarde de meus cílios te tomou.

* Escolhi esta versão do soneto pois gostei da ideia de o poema ter alterado o sentido, mantendo a mesma lógica argumentativa do de Camões. Gostei da palavra “dama” e “meus cílios” em vez de “alma” e “meus olhos”, respetivamente.

*Sabrina Moreira, 10.º ano, Figueira da Foz**

Calma minha civil, que te migraste
Tão tarde nesta letra tão ungida,
Cochila em vila quente, reprimida,
E fina lá na letra nunca triste.

Se no banco etéreo em que a letra
Sinopse desta pena nos consente,
Não te escapes daquele furor ingente
Que foi nos dedos meus clara pepita.

Daqui não sei de que possa importar-me
Essa luz que dizes que te fitou
Da raiva, sem emenda, de escrever-me,

Grito a Deus, que meus atos encurtou,
Que tão cedo não te mimem meus pulsos,
Que por bem de teus pulsos me tirou.

* Escolhi esta versão do soneto de Dinamene para Camões pois gostei muito dos tercetos, e a ideia que Manuel Portela quis transmitir com o contrassoneto é mantida nesta versão.

*Beatriz Lopes Trindade, 10.º ano, Castelo Branco**

Dama minha senil, que te esvaíste
Tão cedo desta verve impotente,
Respalda lá no breu eternamente
E cesse eu cá na gruta sempre triste.

Se lá no banco aéreo, onde fugiste,
Desleixo desta tribo se pressente,
Não te livres daquele horror doente
Que já nos cílios meus tão turvo ouviste.

E se vires que pode remoer-te
Nenhuma cousa a dor que me calhou
Da graça, sem socorro, de fruir-te,

Manda a Deus, que teus luxos encolheu,
Que tão tarde de cá me leve a ser-te,
Quão tarde de meus dedos te roubou.

* Escolhi este soneto porque a palavra inicial dele, “Dama”, chamou a minha atenção e, à medida que fui lendo o resto do poema, achei o seu desenrolar belo e elaborado, com expressões marcantes e, de certa forma, complexas.

*Beatriz Lopes Trindade, 10.º ano, Castelo Branco**

Rima minha servil, que te pasmaste
Tão cedo nesta terra tão curtida,
Serena em rixa quente, erodida,
E sofre lá na escrita nunca triste.

Se no apoio humano em que a tinta
Minuta desta tribo nos presente,
Não te lembres daquele odor cadente
Que foi nos cílios meus baça partita.

Daqui não sei de que possa atrair-me
Essa luz que dizes que te fixou
Da pena, sem mistério, de reler-me,

Mando a Deus, que meus dias estendeu,
Que tão logo não te chamem meus braços,
Que por bem de teus lábios me tomou.

* Escolhi este soneto porque tenho um certo interesse, e até fascínio, pela palavra “rima”, e queria ver como é que o poema se ia desenrolar a partir desta palavra e se a sua continuação realmente ia fazer sentido. E gostei do resultado.

*Guilherme José da Silva Lobo, 10.º ano, Castelo Branco**

Calma minha gentil, que te fundiste
Tão cedo desta terra impotente,
Sossega lá no Sul epicamente
E tombe eu cá na campa nunca triste.

Se lá no leito aéreo, onde sorriste
Indício desta morte se desmente,
Não te isentes daquele furor doente
Que já nos pulsos meus tão baço urdiste.

E se vires que pode demover-te
Nenhuma cousa a voz que me lesou
Da pena, sem saída, de esquecer-te,

Roga a Sol, que teus luxos limitou,
Que tão tarde de cá me leve a ver-te,
Quão tarde de meus dedos te tirou.

* Escolhi este soneto porque evoca a dor e a impossibilidade do esquecimento, que se refletem num lamento profundo por um amor interrompido.

*Guilherme José da Silva Lobo, 10.º ano, Castelo Branco**

Graça minha fabril, que te driblaste
Tão logo nesta fauna tão tolhida
Agita em água calma, aturdida,
E tomba lá na pauta sempre triste.

Se no repouso eterno em que a escrita
Sumário desta letra nos desmente,
Não te escapes daquele vapor cadente
Que foi nos dentes meus turva visita.

Daqui não sei de que possa assistir-me
Essa luz que dizes que te cifrou
Da pena, sem aperto, de fruir-me,

Rezo a Pã, que meus fios alongou,
Que tão logo não te citem meus olhos,
Que por bem de teus dentes me furtou.

* O que me fez escolher este soneto foi o facto de evocar a dor de perder um amor incondicional e puro, o que é uma coisa muito má.

*Lara Isabel Silveiras Salvado, 10.º ano, Castelo Branco**

Dama minha ardil, que te fundiste
Tão tarde desta morte confidente,
Descansa lá no Sul penosamente
E morra eu cá na tumba sempre triste.

Se lá no apoio humano, onde sumiste,
Desleixo desta terra se desmente,
Não te isentes daquele horror doente
Que já nos lábios meus tão claro existe.

E se vires que pode acender-te
Alguna cousa a voz que me lixou
Da farra, sem socorro, de largar-te,

Clama a Thor, que teus elos reduziu,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão tarde de meus cílios te levou.

* Este soneto toca-me profundamente porque transforma a dor da perda em pura poesia. Cada verso transmite e carrega um lamento sincero com uma saudade eterna. O desejo do reencontro e a angústia de quem ficou fazem com que o poema se torne num grito de amor impossível de ignorar.

*Lara Isabel Silveiras Salvado, 10.º ano, Castelo Branco**

Arma minha fabril, que te culpaste
Tão tarde nesta letra tão punida,
Respira em casa meiga, consumida,
E zomba lá na tinta nunca triste.

Se no apoio etéreo em que a treta
Memória desta fala nos desmente,
Não te escapes daquele horror fluente
Que foi nos lábios meus pura partita.

Daqui não sei de que possa servir-me
Essa dor que dizes que te ditou
Da graça, sem remédio, de esquecer-me,

Prego a Sol, que meus atos sossegou,
Que tão cedo não te criem meus braços,
Que por bem de teus cílios me furtou.

* Gostei deste soneto pelo facto de demonstrar que o amor entre as pessoas envolvidas não é marcado apenas pela tristeza da perda, mas também pelo facto de terem vivido algo tão bonito, e acho que isso é realmente interessante de se ver e perceber num poema.

*Filipa Alexandra F. Rodrigues, 10.º ano, Castelo Branco**

Calma minha servil, que te feriste
Tão tarde desta morte exigente,
Leveda lá no Sol anualmente
E morra eu cá na tumba nunca triste.

Se lá no assento eterno, onde subiste,
Memória desta verve se consente,
Não te escapes daquele alvor carente
Que já nos dedos meus tão mudo ouviste.

E se vires que pode remoer-te
Nenhuma cousa a dor que me ficou
Da farra, sem socorro, de achar-te,

Manda a Sol, que teus elos sossegou,
Que tão tarde de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus cílios te tomou.

* A razão pela qual escolhi este poema foi porque me lembrou de uma pessoa que eu perdi e que me era muito querida, na verdade era o meu melhor amigo, que morreu em maio de 2024. Já me apeteceu morrer tantas vezes para poder voltar a tê-lo, a vê-lo, por isso, espero um dia poder voltar a abraçá-lo e a fazer as mesmas palhaçadas de sempre, já que não tive oportunidade de lhe dizer adeus.

Filipa Alexandra F. Rodrigues, 10.º ano, Castelo Branco *

Graça minha servil, que te cismaste
Tão cedo nesta escrita tão polida,
Descansa em urna quente, dirimida,
E morre lá na letra nunca triste.

Se no assento etéreo em que a pauta
Memória desta escrita nos desmente,
Não te safes daquele alvor doente
Que foi nos olhos meus pura mesquita.

Daqui não sei de que possa usar-me
Essa luz que dizes que te cifrou
Da pena, sem remédio, de topar-me,

Grito a Thor, que meus anos estendeu,
Que tão tarde não te vejam meus braços,
Que por bem de teus lábios me roubou.

* A razão pela qual escolhi este poema foi o ter gostado das palavras que nele apareceram e isso fez-me interessar por ele.

*Afonso Miguel Neves Godinho, 10.º ano, Castelo Branco **

Calma minha servil, que te partiste
Tão cedo desta era insolente,
Respalda lá no Sol impaciente
E viva eu cá na campa sempre triste.

Se lá no leito aéreo, onde buliste,
Descuido desta poda se desmente,
Não te esqueças daquele tumor dormente
Que já nos dentes meus tão pleno urdiste.

E se vires que pode merecer-te
Nenhuma cousa a luz que me calhou
Da farra, sem dilema, de rever-te,

Berra a Zeus, que teus anos sossegou,
Que tão tarde de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus pulsos te roubou.

* Achei este soneto engraçado porque fala de um tumor nos dentes, algo que, tanto quanto eu saiba, não existe, e também porque fala de Zeus.

*Afonso Miguel Neves Godinho, 10.º ano, Castelo Branco**

Ama minha senil, que te raspaste
Tão tarde nesta fala tão despida,
Sepulta em terra ardente, diluída,
E priva lá na escrita sempre triste.

Se no banco ovídeo em que a escrita
Memória desta pena nos desmente,
Não te esqueças daquele humor gemente
Que foi nos cílios meus baça pepita.

Daqui não sei de que possa importar-me
Essa luz que dizes que te lesou
Da farra, sem emenda, de fruir-me,

Grito a Thor, que meus elos serenou,
Que tão cedo não te citem meus braços,
Que por bem de teus dentes me levou.

* Escolhi este soneto por falar de Thor, que é o deus do trovão.

*Scott Haru Salgueiro Carretas, 10.º ano, Castelo Branco **

Barca minha hostil, que te partiste
Tão cedo desta terra negligente,
Acalma lá no breu ilegalmente
E tombe eu cá na cova sempre triste.

Se lá no leito humano, onde surgiste,
Descuido desta fauna se consente,
Não te escapes daquele amor fervente
Que já nos dedos meus tão sujo existe.

E se vires que pode acender-te
Alguna cousa a voz que me lesou
Da mágoa, sem remédio, de largar-te,

Berra a Zeus, que teus ecos sossegou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te tirou.

* A razão pela qual escolhi esta versão do soneto é difícil de explicar, pois não sei muito bem qual a mensagem que ele transmite. Mas o poema tocou-me no coração e, por alguma razão, remete-me para sentimentos que tive depois da morte do meu pai e para emoções que tenho, como adolescente, acerca de alguns relacionamentos.

*Scott Haru Salmgueiro Carretas, 10.º ano, Castelo Branco **

Rima minha gentil, que te cessaste
Tão cedo nesta terra tão cingida,
Leveda em cela fresca, iludida,
E fica lá na escrita sempre triste.

Se no leito eterno em que a tinta
Vestígio desta terra nos desmente,
Não te safes daquele rumor gemente
Que foi nos olhos meus turva visita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa dor que dizes que te ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-me,

Clamo a Ra, que meus atos estendeu,
Que tão tarde não te chamem meus braços,
Que por bem de teus olhos me levou.

* Escolhi este poema porque, por algum motivo, me remeteu para a questão da escrita e para os sentimentos que vivemos quando passamos pela perda de alguém.

Kaiky Bernardes Barbosa, 10.º ano, Castelo Branco *

Ama minha viril, que te fundiste
Tão tarde desta tribo conivente,
Sossega lá no Sol avidamente
E zombe eu cá na toca nunca triste.

Se lá no leito etéreo, onde subiste,
Descuido desta terra se consente,
Não te lembres daquele bolor jazente
Que já nos dedos meus tão mudo existe.

E se vires que pode ofender-te
Nenhuma cousa a luz que me calhou
Da pena, sem saída, de rever-te,

Roga a Ra, que teus luxos reduziu,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te furtou.

* Gostei deste poema porque transmite uma melancolia profunda sobre a perda e a separação, com imagens fortes do sol, da morte e do tempo. O efeito da rima e o tom misterioso evocam uma despedida resignada, mas cheia de desejo pelo reencontro. A linguagem é poética e muito intensa.

Kaiky Bernardes Barbosa, 10.º ano, Castelo Branco *

Arma minha viril, que te purgaste
Tão logo nesta letra tão sorvida,
Sossega em cela seca, iludida,
E priva lá na pauta sempre triste.

Se no banco eterno em que a tinta
Lembrança desta pena nos consente,
Não te lembres daquele ardor fulgente
Que foi nos pulsos meus turva partita.

Daqui não sei de que possa usar-me
Essa luz que dizes que te safou
Da pena, sem amparo, de falar-me,

Imponho a Zeus, que meus ecos alongou,
Que tão cedo não te mimem meus dentes,
Que por bem de teus dedos me levou.

* Gostei do poema porque ele transmite uma sensação profunda de perda e resignação de uma maneira subtil e contida. A escolha das palavras e o tom melancólico criam uma atmosfera intensa, cheia de significado, mas sem ser demasiado dramática.

*Maria Clara Moura de Abreu, 10.º ano, Castelo Branco**

Ama minha ardil, que te feriste
Tão cedo desta poda negligente,
Cochila lá no Sol semanalmente
E morra eu cá na fossa sempre triste.

Se lá no banco eterno, onde sumiste,
Memória desta fauna se pressente,
Não te isentes daquele tumor dolente
Que já nos lábios meus tão puro ouviste.

E se vires que pode acender-te
Nenhuma cousa a voz que me cegou
Da festa, sem mezinha, de rever-te,

Roga a Ra, que teus fios serenou,
Que tão cedo de cá me leve a ser-te,
Quão cedo de meus dedos te furtou.

* Escolhi este poema porque, além de me ter cativado muito, me transmitiu a sensação de eu ocupar o lugar do próprio Camões e da própria Dinamene, o que me fez gostar ainda mais dele. Para além disso, eu acabei por conseguir entender as palavras que, por serem diferentes das originais, não tinha conseguido entender na primeira leitura.

*Maria Clara Moura de Abreu, 10.º ano, Castelo Branco**

Asma minha subtil, que te rumaste
Tão logo nesta tribo tão ungida,
Cochila em vila meiga, carcomida,
E priva lá na treta sempre triste.

Se no leito eterno em que a treta
Lembrança desta tribo nos consente,
Não te livres daquele rumor fluente
Que foi nos dedos meus suja visita.

Daqui não sei de que possa atrair-me
Essa voz que dizes que te lesou
Da festa, sem reparo, de falar-me,

Mando a Ra, que meus atos encurtou,
Que tão tarde não te fixem meus pulsos,
Que por bem de teus pulsos me levou.

* A escolha deste poema partiu da maneira como Dinamene, através dos versos, consegue expressar de maneira diferente a dor de perder um amor tragicamente, a dor da culpa e a dor do luto. Com este poema é possível perceber a diferença entre um amor platónico e um amor libertador.

Clara Dominique Santos Almeida, 10.º ano, Castelo Branco *

Graça minha civil, que te sumiste
Tão tarde desta fauna inocente,
Repousa lá no Céu incoerente
E sofra eu cá na campa nunca triste.

Se lá no apoio ovídeo, onde buliste,
Descuido desta terra se desmente,
Não te lembres daquele horror cadente
Que já nos lábios meus tão alvo existe.

E se vires que pode ofender-te
Alguma cousa a dor que me safou
Da raiva, sem dilema, de lembrar-te,

Roga a Ra, que teus anos sossegou,
Que tão cedo de cá me leve a crer-te,
Quão tarde de meus dentes te tomou.

* Escolhi este poema pois nas suas estrofes pude observar o quanto as palavras se aprofundavam a cada verso, transformando-se em poesia e tornando agradável a leitura. O facto de as palavras rimarem permitiu-me sentir a emoção melancólica da história de Camões e Dinamene.

*Clara Dominique Santos Almeida, 10.º ano, Castelo Branco**

Rima minha fabril, que te cismaste
Tão logo nesta verve tão florida,
Sossega em terra doce, comovida,
E vive lá na escrita nunca triste.

Se no banco erróneo em que a letra
Relato desta tribo nos presente,
Não te lembres daquele amor fulgente
Que foi nos dentes meus plena partita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa voz que dizes que te citou
Da graça, sem emenda, de falar-me,

Rogo a Zeus, que meus elos alongou,
Que tão logo não te leiam meus pulsos,
Que por bem de teus olhos me tirou.

* Escolhi este poema porque, quando o leio, parece-me que as palavras se aprofundam a cada verso, transformando-se em poesia e tornando a leitura agradável. O facto de as palavras rimarem entre si torna mais intensa a melancolia da história de Camões e Dinamene e torna também a leitura do poema mais atrativa.

*Afonso Silveira Martins Cavalheiro, 10.º ano, Castelo Branco**

Turma minha subtil, que te urdiste
Tão tarde desta vida impotente,
Enfada lá no Sul semanalmente
E zombe eu cá na pátria nunca triste.

Se lá no banco etéreo, onde curtiste,
Lembrete desta poda se desmente,
Não te isentes daquele humor dormente
Que já nos olhos meus tão puro urdiste.

E se vires que pode aprazer-te
Nenhuma cousa a dor que me lixou
Da farra, sem remédio, de largar-te,

Pede a Thor, que teus fios sossegou,
Que tão cedo de cá me leve a crer-te,
Quão cedo de meus olhos te tirou.

* Seleccionei este soneto porque faz referência ao deus Thor e também porque fala sobre uma turma, que eu acabei por associar à minha.

*Afonso Silveira Martins Cavalheiro, 10.º ano, Castelo Branco**

Cisma minha civil, que te castraste
Tão tarde nesta escrita tão cindida,
Repousa em casa falsa, consumida,
E vive lá na letra nunca triste.

Se no assento erróneo em que a treta
Memória desta tribo nos pressente,
Não te isentes daquele tumor fluente
Que foi nos pulsos meus suja desdita.

Daqui não sei de que possa contar-me
Essa voz que dizes que te fitou
Da mágoa, sem emenda, de achar-me,

Imponho a Thor, que meus ecos serenou,
Que tão cedo não te cansem meus braços,
Que por bem de teus dentes me tomou.

* Escolhi este poema porque faz referência a Thor, que, além de ser o deus nórdico do trovão, é uma personagem incrível dos filmes da Marvel.

*Alice Sofia Caco Alves da Cunha, 10.º ano, Castelo Branco**

Sina minha subtil, que te despiste
Tão cedo desta verve negligente,
Descansa lá no breu regimento
E dure eu cá na pátria sempre triste.

Se lá no apoio eterno, onde buliste,
Lembrete desta terra se consente,
Não te lembres daquele furor ausente
Que já nos pulsos meus tão pleno existe.

E se vires que pode reviver-te
Nenhuma cousa a luz que me rogou
Da festa, sem mezinha, de ganhar-te,

Pede a Ra, que teus dias reduziu,
Que tão cedo de cá me leve a ser-te,
Quão tarde de meus dedos te tomou.

* Escolhi este soneto pois foi o que mais prendeu a minha atenção pelas palavras de saudade e de dor angustiante que o poeta sente devido à perda de um grande amor.

*Alice Sofia Caco Alves da Cunha, 10.º ano, Castelo Branco**

Arma minha senil, que te pasmaste
Tão cedo nesta pena tão corrida,
Cochila em sala eterna, condoída,
E zomba lá na escrita sempre triste.

Se no leito erróneo em que a treta
Lembrança desta fauna nos desmente,
Não te safes daquele amor ingente
Que foi nos pulsos meus muda mesquita.

Daqui não sei de que possa assistir-me
Essa dor que dizes que te burlou
Da mágoa, sem emenda, de reler-me,

Rogo a Ra, que meus anos alongou,
Que tão tarde não te chamem meus pulsos,
Que por bem de teus dentes me roubou.

* Escolhi este poema porque foi a versão que mais me chamou a atenção. Ao contrário das outras versões que me apareceram, nesta versão Dinamene diz o seguinte: “Rogo a Ra, que meus anos alongou”, o que significa que ela até pode ter morrido fisicamente, mas vive eternamente no plano espiritual.

*Dinis Louro Costa Mendes, 10.º ano, Castelo Branco**

Calma minha gentil, que te feriste
Tão cedo desta poda insolente,
Serena lá no Céu comodamente
E troce eu cá na toca nunca triste.

Se lá no apoio etéreo, onde sumiste,
Indício desta vida se desmente,
Não te isentes daquele amor cadente
Que já nos dentes meus tão alvo ouviste.

E se vires que pode reviver-te
Nenhuma cousa a dor que me lixou
Da mágoa, sem remédio, de salvar-te,

Clama a Sol, que teus atos sossegou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus cílios te levou.

* Gostei deste poema sobretudo por ele me transmitir duas emoções opostas: a mágoa e a calma.

*Dinis Louro Costa Mendes, 10.º ano, Castelo Branco**

Alma minha fabril, que te cansaste
Tão tarde nesta fauna tão punida,
Enfada em urna seca, carcomida,
E troca lá na pauta nunca triste.

Se no espanto eterno em que a escrita
Sumário desta fala nos consente,
Não te isentes daquele alvor ingente
Que foi nos dedos meus turva partita.

Daqui não sei de que possa amparar-me
Essa voz que dizes que te calou
Da festa, sem emenda, de ouvir-me,

Grito a Sol, que meus atos dilatou,
Que tão tarde não te criem meus braços,
Que por bem de teus lábios me tomou.

* Gostei desta versão do poema porque, das várias que obtive, esta foi a que fez mais sentido para mim.

*Helena Ribeiro Lourenço R. António, 10.º Ano, Castelo Branco**

Alma minha hostil, que te partiste
Tão cedo desta fauna inocente,
Dormita lá no breu comodamente
E tombe eu cá na furna nunca triste.

Se lá no espanto aéreo, onde cingiste,
Vestígio desta era se pressente,
Não te escapes daquele vapor dolente
Que já nos braços meus tão turvo existe.

E se vires que pode acender-te
Nenhuma cousa a luz que me calhou
Da raiva, sem socorro, de esquecer-te,

Pede a Pã, que teus elos reduziu,
Que tão cedo de cá me leve a crer-te,
Quão tarde de meus pulsos te tirou.

* Escolhi este poema porque achei as suas palavras muito interessantes. Gostei muito do uso inesperado da palavra “fauna” e gostei muito da frase “Não te escapes daquele vapor dolente / Que já nos braços meus tão turvo existe”. Gostei da forma como as palavras se ligaram no poema e achei o resultado final muito bonito.

*Helena Ribeiro Lourenço R. António, 10.º Ano, Castelo Branco**

Calma minha fabril, que te purgaste
Tão cedo nesta terra tão tolhida
Agita em casa calma, dolorida,
E zomba lá na escrita sempre triste.

Se no leito etéreo em que a pauta
Vestígio desta tribo nos consente,
Não te esqueças daquele alvor fulgente
Que foi nos dedos meus pura desdita.

Daqui não sei de que possa usar-me
Essa luz que dizes que te ditou
Da mágoa, sem conserto, de fruir-me,

Clamo a Pã, que meus luxos encurtou,
Que tão logo não te criem meus braços,
Que por bem de teus pulsos me tirou.

* Escolhi esta versão porque, além de ter gostado das palavras que foram usadas, gostei da forma como nele aparecem as mesmas palavras do poema que escolhi para Luís de Camões. Isto faz com que este soneto pareça mesmo uma resposta inspirada no primeiro poema.

Isabelli Leoni, 10.º Ano, Castelo Branco *

Dama minha civil, que te abriste
Tão tarde desta terra descontente,
Agita lá no breu suavemente
E curta eu cá na tumba sempre triste.

Se lá no leito eterno, onde subiste,
Lembrança desta fauna se consente,
Não te lembres daquele horror fulgente
Que já nos lábios meus tão mudo existe.

E se vires que pode comover-te
Nenhuma cousa a luz que me ficou
Da graça, sem dilema, de usar-te,

Clama a Deus, que teus fios encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a crer-te,
Quão tarde de meus braços te tirou.

* Depois de muita procura, este foi o poema que, no conjunto das suas partes, faz mais sentido, de acordo com a vida amorosa de Camões. No entanto, tenho consciência de que há palavras e frases que acabam por fazer com que algumas partes não tenham muito sentido.

*Isabelli Leoni, 10.º Ano, Castelo Branco **

Calma minha gentil, que te quebraste
Tão tarde nesta terra tão doída,
Repousa em sala eterna, reprimida,
E anda lá na letra sempre triste.

Se no apoio etéreo em que a escrita
Relato desta pena nos desmente,
Não te escapes daquele alvor ingente
Que foi nos pulsos meus pura visita.

Daqui não sei de que possa atrair-me
Essa voz que dizes que te burlou
Da raiva, sem conserto, de fruir-me,

Imponho a Deus, que meus anos estendeu,
Que tão cedo não te soem meus pulsos,
Que por bem de teus dentes me furtou.

* Escolhi este poema porque achei que, de todas as opções que consegui obter, este foi o que esteve mais próximo de uma boa variação do original, apesar de ainda conter algumas palavras que não conseguem dar ao soneto um sentido tão nítido como o do original.

*Karen Pimentel Cavalcante, 10.º ano, Castelo Branco**

Alma minha viril, que te sumiste
Tão tarde desta vida dissidente,
Fatiga lá no Sol omnipresente
E tombe eu cá na vila sempre triste.

Se lá no assento humano, onde sorriste
Indício desta verve se desmente,
Não te safes daquele amor carente
Que já nos olhos meus tão baço existe.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a voz que me ceifou
Da mágoa, sem remédio, de manter-te,

Impõe a Ra, que teus ecos reduziu,
Que tão cedo de cá me leve a ser-te,
Quão cedo de meus dentes te tomou.

* Escolhi este poema porque fala sobre a perda e a saudade de uma forma que me tocou. A maneira como mistura luz e sombra, presença e ausência, fez-me refletir sobre o tempo e sobre as memórias que ficam.

*Karen Pimentel Cavalcante, 10.º ano, Castelo Branco**

Trama minha subtil, que te purgaste
Tão logo nesta era tão cerzida,
Leveda em fala quente, destemida,
E sofre lá na tinta sempre triste.

Se no assento ovídeo em que a escrita
Lembrete desta pena nos desmente,
Não te isentes daquele vapor cadente
Que foi nos pulsos meus baça pepita.

Daqui não sei de que possa convir-me
Essa voz que dizes que te calou
Da farra, sem conserto, de falar-me,

Peço a Thor, que meus anos aumentou,
Que tão tarde não te vejam meus pulsos,
Que por bem de teus pulsos me tomou.

* Escolhi este poema devido à forma intensa e sentimental como representa as emoções. Também o escolhi por causa da referência a Thor, que acrescenta uma dimensão mitológica que enriquece a interpretação, tornando o poema ainda mais profundo. E ainda aprendi a palavra “ovídeo”, que permite jogar com o nome do poeta clássico Ovídio, de quem me lembrei ao ler o quinto verso.

*Miguel das Dores Bungo, 10.º ano, Castelo Branco**

Dama minha gentil, que te esvaíste
Tão tarde desta verve negligente,
Sepulta lá no Sul ludicamente
E viva eu cá na campa sempre triste.

Se lá no espanto eterno, onde curtiste,
Memória desta era se consente,
Não te safes daquele odor fulgente
Que já nos olhos meus tão alvo ouviste.

E se vires que pode abater-te
Alguma cousa a voz que me falou
Da mágoa, sem socorro, de usar-te,

Pede a Thor, que teus elos encolheu,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus cílios te levou.

* Gostei deste poema porque parece que Camões está mesmo a falar com Dinamene. Ele sente saudades e tristeza, mas ainda a ama. As palavras mostram a dor de estarmos longe de quem gostamos. Embora triste, o poema lembra que o amor continua, mesmo depois da morte. É um soneto bonito e emocionante.

*Miguel das Dores Bungo, 10.º ano, Castelo Branco**

Casa minha febril, que te rumaste
Tão cedo nesta terra tão ungida,
Descansa em eira falsa, erodida,
E anda lá na escrita nunca triste.

Se no descanso humano em que a pauta
Indício desta fauna nos consente,
Não te isentes daquele bolor ingente
Que foi nos lábios meus muda mesquita.

Daqui não sei de que possa ajudar-me
Essa dor que dizes que te calou
Da mágoa, sem remédio, de achar-me,

Grito a Deus, que meus fios aumentou,
Que tão cedo não te culpem meus cílios,
Que por bem de teus dedos me tomou.

* Gostei deste poema porque fala de amor e tristeza de uma forma bonita. Dinamene, que já partiu, sente saudades de Camões e usa palavras fortes para mostrar claramente a dor que sente. Mesmo sendo triste, este poema transmite esperança, porque Dinamene acredita que ela e Camões um dia se reencontrarão.

*Diana Almeida Cruz, 10.º ano, Castelo Branco**

Ama minha subtil, que te sumiste
Tão cedo desta terra descontente,
Respira lá no Céu suavemente
E sofra eu cá na cova sempre triste.

Se lá no espanto eterno, onde partiste,
Desprezo desta vida se desmente,
Não te lembres daquele humor carente
Que já nos braços meus tão puro existe.

E se vires que pode comover-te
Nenhuma cousa a voz que me culpou
Da raiva, sem saída, de perder-te,

Manda a Deus, que teus atos limitou,
Que tão tarde de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus braços te tirou.

* Escolhi este poema na voz de Camões para Dinamene porque recria o lamento dele numa nova estrutura, mantendo a musicalidade e a melancolia do original. O poema expressa a dor da perda e a permanência do amor, mesmo diante da morte, explorando a relação entre o destino e o tempo. Esta versão modifica o sofrimento do poeta, mas preserva, na sua essência, a paixão pela amada.

*Diana Almeida Cruz, 10.º ano, Castelo Branco**

Dama minha gentil, que te cansaste
Tão cedo nesta era tão corrida,
Sossega em toca quente, dolorida,
E sofre lá na letra sempre triste.

Se no repouso eterno em que a letra
Minuta desta escrita nos presente,
Não te escapes daquele amor temente
Que foi nos braços meus pura visita.

Daqui não sei de que possa importar-me
Essa luz que dizes que te burlou
Da pena, sem reparo, de ouvir-me,

Clamo a Zeus, que meus elos alongou,
Que tão tarde não te chamem meus pulsos,
Que por bem de teus lábios me tomou.

* Escolhi este poema na voz de Dinamene porque explora a dor da perda sob uma nova perspectiva. Em vez de Camões a lamentar a morte da amada, encontramos aqui os sentimentos dela ao partir, deixando-o para trás. O poema mantém o estilo camoniano, enfatizando o destino, a saudade e a impotência diante da morte. Dando a voz a Dinamene, o poema cria um diálogo poético entre os dois, unindo-os para além da separação imposta pelo tempo.

*Lara Sofia Oliveira Moura, 10.º ano, Castelo Branco**

Mamã minha gentil, que te despiste
Tão cedo desta morte consciente,
Serena lá no breu epicamente
E fique eu cá na vila sempre triste.

Se lá no assento eterno, onde sumiste,
Vestígio desta terra se consente,
Não te safes daquele tumor demente
Que já nos dentes meus tão puro ouviste.

E se vires que pode merecer-te
Nenhuma cousa a dor que me lixou
Da pena, sem saída, de ganhar-te,

Grita a Pã, que teus ecos limitou,
Que tão tarde de cá me leve a ser-te,
Quão tarde de meus braços te levou.

* Escolhi este poema porque a seleção das palavras que nele aparecem chamou a minha atenção, por serem palavras delicadas. No poema também podemos observar a expressão de sentimentos intensos, como, por exemplo, a dor e a perda. Um fator importante que influenciou a minha escolha foi o facto de “Mamã minha febril”, no primeiro verso, se poder estar a referir a uma figura materna.

*Lara Sofia Oliveira Moura, 10.º ano, Castelo Branco**

Mamã minha febril, que te culpaste
Tão logo nesta fala tão ferida,
Dormita em água quente, reprimida,
E priva lá na letra nunca triste.

Se no descanso ovídeo em que a escrita
Resenha desta fauna nos presente,
Não te escapes daquele tumor fulgente
Que foi nos cílios meus pura pepita.

Daqui não sei de que possa custar-me
Essa dor que dizes que te citou
Da mágoa, sem segredo, de perder-me,

Grito a Sol, que meus dias alongou,
Que tão logo não te chamem meus cílios,
Que por bem de teus cílios me tomou.

* Escolhi este poema devido à forma como está escrito, que chamou muito a minha atenção. Para além disso, o tema e o assunto do poema são interessantes e profundos.

*Zihao Sun, 10.º ano, Castelo Branco**

Alma minha gentil, que te sumiste
Tão cedo desta morte prepotente,
Descansa lá no Sol eternamente
E fique eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento eterno, onde partiste,
Lembrança desta vida se consente,
Não te livres daquele amor ardente
Que já nos lábios meus tão puro ouviste.

E se vires que pode reviver-te
Alguma cousa a luz que me cegou
Da raiva, sem socorro, de perder-te,

Roga a Deus, que teus anos limitou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus lábios te levou.

* Depois de ver e apreciar várias versões, esta foi a que me pareceu a mais bonita e também a mais convincente.

Zihao Sun, 10.º ano, Castelo Branco *

Dama minha gentil, que te zangaste
Tão tarde nesta terra tão temida,
Agita em terra ardente, condoída,
E vive lá na terra sempre triste.

Se no descanso eterno em que a escrita
Memória desta letra nos consente,
Não te escapes daquele amor doente
Que foi nos braços meus pura partita.

Daqui não sei de que possa importar-me
Essa voz que dizes que te ficou
Da mágoa, sem reparo, de perder-me,

Rogo a Deus, que meus dias sossegou,
Que tão cedo não te tapem meus olhos,
Que por bem de teus braços me tomou.

* Escolhi esta versão porque trata do tema de uma forma que é próxima dos problemas que as pessoas vivem hoje em dia.

*Maria Inês dos Reis Marques, 10.º ano, Castelo Branco**

Alma minha gentil, que te esvaíste
Tão cedo desta vida penitente,
Repousa lá no Sul omnipresente
E morra eu cá na campa sempre triste.

Se lá no banco eterno, onde sumiste,
Lembrança desta vida se pressente,
Não te lembres daquele alvor ausente
Que já nos lábios meus tão claro existe.

E se vires que pode merecer-te
Nenhuma cousa a luz que me ficou
Da pena, sem socorro, de deixar-te,

Grita a Thor, que teus dias limitou,
Que tão tarde de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus braços te tomou.

* O poema expressa de forma profunda a dor da perda e a saudade de um amor interrompido pela morte. A intensidade emocional e o desejo de reunificação no além revelam uma reflexão sobre o sofrimento humano, a vida e a esperança de que, mesmo depois da morte, o amor perdure.

*Maria Inês dos Reis Marques, 10.º ano, Castelo Branco**

Dama minha febril, que te cansaste
Tão logo nesta verve tão tingida,
Respalda em zona quente, iludida,
E anda lá na pauta nunca triste.

Se no banco humano em que a treta
Vestígio desta escrita nos consente,
Não te lembres daquele alvor ausente
Que foi nos lábios meus muda visita.

Daqui não sei de que possa amparar-me
Essa luz que dizes que te gozou
Da pena, sem remédio, de perder-me,

Rogo a Zeus, que meus dias dilatou,
Que tão logo não te fitem meus olhos,
Que por bem de teus pulsos me roubou.

* Escolhi este poema porque transmite uma sensação forte de melancolia e arrependimento. Sinto que expressa emoções intensas sobre um amor que partiu cedo, mas que ainda permanece vivo na memória. A escrita é poética, envolvente e cria uma atmosfera de saudade e resignação que reflete a dor da ausência e da perda.

*Filipa Margarida Parra Martins, 10.º ano, Castelo Branco**

Calma minha civil, que te partiste
Tão tarde desta vida dependente,
Fatiga lá no Sul obediente
E fique eu cá na pátria sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde cingiste,
Memória desta terra se pressente,
Não te safes daquele vapor doente
Que já nos dedos meus tão mudo existe.

E se vires que pode abater-te
Nenhuma cousa a dor que me calhou
Da mágoa, sem socorro, de usar-te,

Manda a Zeus, que teus dias reduziu,
Que tão tarde de cá me leve a crer-te,
Quão cedo de meus dedos te roubou.

* O resultado conseguido neste soneto foi o que me despertou mais interesse, sobretudo devido à beleza das palavras.

*Filipa Margarida Parra Martins, 10.º ano, Castelo Branco**

Barca minha servil, que te culpaste
Tão logo nesta verve tão sentida,
Sossega em aspa fresca, contraída,
E tomba lá na escrita nunca triste.

Se no sossego erróneo em que a tinta
Minuta desta pena nos consente,
Não te lembres daquele alvor dolente
Que foi nos braços meus clara pepita.

Daqui não sei de que possa assistir-me
Essa dor que dizes que te burlou
Da raiva, sem aperto, de esquecer-me,

Uivo a Thor, que meus dias sossegou,
Que tão logo não te bebam meus cílios,
Que por bem de teus cílios me furtou.

* Escolhi este soneto porque, apesar da dor que é sentida por Dinamene, ela aceita essa dor para encontrar a sua paz.

*Jamilly Victória Martins de Sousa, 10.º ano, Castelo Branco**

Cisma minha servil, que te abriste
Tão tarde desta poda dependente,
Fatiga lá no Sol incoerente
E sofra eu cá na campa nunca triste.

Se lá no apoio humano, onde curtiste,
Lembrança desta terra se desmente,
Não te esqueças daquele horror carente
Que já nos olhos meus tão mudo urdiste.

E se vires que pode remoer-te
Alguna cousa a voz que me catou
Da raiva, sem socorro, de salvar-te,

Reza a Sol, que teus fios limitou,
Que tão cedo de cá me leve a ser-te,
Quão tarde de meus lábios te levou.

* A minha escolha deste poema deve-se à forma como ele transmite dor e reflexão. Ler um poema sobre sofrimento, saudade e resignação traz algo que pode ser muito relevante quando alguém está a passar por momentos de crise ou dificuldade. Além disso, este soneto fala-nos de uma relação e do desejo de alívio. “Reza a Sol” talvez indique o anseio por consolo ou o desejo de mudança diante de uma realidade difícil.

*Jamilly Victória Martins de Sousa, 10.º ano, Castelo Branco**

Coima minha fabril, que te cessaste
Tão logo nesta escrita tão cindida,
Dormita em toca fresca, deprimida,
E curte lá na treta nunca triste.

Se no repouso aéreo em que a tinta
Minuta desta verve nos desmente,
Não te lembres daquele ardor fulgente
Que foi nos pulsos meus plena visita.

Daqui não sei de que possa servir-me
Essa voz que dizes que te fixou
Da farra, sem recurso, de reler-me,

Uivo a Pã, que meus dias encurtou,
Que tão cedo não te escrevam meus braços,
Que por bem de teus braços me tirou.

* Escolhi este poema por causa da sua linguagem repleta dos temas profundos, principalmente a separação e a busca de um sentido mais amplo para o que se perdeu. O poema é intenso e carrega uma sensação de luto, misturada com saudade e dor, mas também com a aceitação do afastamento e da perda.

Leonor dos Santos Carvalho, 10.º ano, Castelo Branco^{*}

Alma minha servil, que te fundiste
Tão tarde desta verve consciente,
Sepulta lá no Céu incoerente
E fique eu cá na toca sempre triste.

Se lá no espanto eterno, onde subiste,
Descuido desta morte se consente,
Não te esqueças daquele ardor jazente
Que já nos olhos meus tão mudo ouviste.

E se vires que pode merecer-te
Nenhuma cousa a dor que me safou
Da pena, sem saída, de lembrar-te,

Prega a Deus, que teus anos serenou,
Que tão tarde de cá me leve a ter-te,
Quão tarde de meus dedos te tirou.

^{*} Escolhi este poema porque expressa, com melancolia e lirismo, a dor da perda de alguém e o desejo de um reencontro além da vida.

Leonor dos Santos Carvalho, 10.º ano, Castelo Branco *

Dama minha civil, que te quebraste
Tão cedo nesta fala tão fervida,
Dormita em casa terna, expelida,
E fica lá na pauta sempre triste.

Se no assento aéreo em que a tinta
Minuta desta era nos consente,
Não te safes daquele pudor jazente
Que foi braços meus clara pepita.

Daqui não sei de que possa amparar-me
Essa luz que dizes que te lesou
Da farra, sem remédio, de fruir-me,

Rezo a Ra, que meus anos alongou,
Que tão tarde não te cansem meus cílios,
Que por bem de teus braços me levou.

* Escolhi este poema porque, através de uma linguagem intensa e simbólica, fala sobre a fragilidade humana e o desejo da compreensão dos outros.

*Thales Fernandes Risso, 10.º ano, Castelo Branco**

Barca minha gentil, que te sumiste
Tão cedo desta tribo negligente,
Serena lá no Sol timidamente
E fine eu cá na tumba nunca triste.

Se lá no banco erróneo, onde curtiste,
Memória desta tribo se consente,
Não te safes daquele rumor fervente
Que já nos pulsos meus tão pleno existe.

E se vires que pode abater-te
Nenhuma cousa a luz que me cegou
Da festa, sem socorro, de esquecer-te,

Reza a Thor, que teus dias limitou,
Que tão tarde de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus dedos te furtou.

* Gostei do poema porque as palavras escolhidas fazem sentido no contexto da mensagem e o facto de rimarem contribui para isso. Gosto muito dos dois primeiros versos das palavras, “Barca minha gentil, que te sumiste / Tão cedo desta tribo negligente”, e do aparecimento do nome Thor, que se destaca muito no poema.

*Thales Fernandes Risso, 10.º ano, Castelo Branco**

Prima minha servil, que te cismaste
Tão tarde nesta era tão ungida,
Respira em rixa eterna, abatida,
E curte lá na treta nunca triste.

Se no repouso etéreo em que a pauta
Minuta desta fauna nos desmente,
Não te esqueças daquele pudor gemente
Que foi nos braços meus plena desdita.

Daqui não sei de que possa importar-me
Essa dor que dizes que te gozou
Da raiva, sem recurso, de escrever-me,

Prego a Sol, que meus elos aumentou,
Que tão tarde não te bebam meus cílios,
Que por bem de teus lábios me tomou.

* Gostei deste poema porque tem algumas expressões engraçadas, como é o caso das seguintes: “Prima minha servil”, “Prego a Sol” ou “Se no repouso etéreo em que a pauta / Minuta desta fauna nos desmente”.

*Gabriel Gonçalo Milheiro Moreno, 10.º ano, Castelo Branco**

Sina minha viril, que te feriste
Tão tarde desta verve dependente,
Leveda lá no Sol ludicamente
E fique eu cá na tumba nunca triste.

Se lá no apoio ovídeo, onde sorriste
Desprezo desta tribo se consente,
Não te escapes daquele bolor doente
Que já nos dentes meus tão pleno ouviste.

E se vires que pode remoer-te
Alguma cousa a dor que me culpou
Da festa, sem socorro, de ouvir-te,

Reza a Pã, que teus ecos encurtou,
Que tão tarde de cá me leve a ser-te,
Quão tarde de meus lábios te tomou.

* O que me levou a escolher este soneto, que foi o terceiro que gerei, foi o facto de ele carregar muita emoção, o que inevitavelmente me fez encontrar muitas semelhanças entre ele e aquele que o próprio Camões escreveu.

*Gabriel Gonçalo Milheiro Moreno, 10.º ano, Castelo Branco**

Mamã minha febril, que te culpaste
Tão tarde nesta terra tão cerzida,
Serena em casa seca, esvaída,
E vive lá na escrita sempre triste.

Se no apoio ovídeo em que a letra
Sinopse desta era nos desmente,
Não te livres daquele rumor ausente
Que foi nos dedos meus baça visita.

Daqui não sei de que possa assistir-me
Essa voz que dizes que te cegou
Da raiva, sem amparo, de ouvir-me,

Uivo a Zeus, que meus elos estendeu,
Que tão tarde não te culpem meus cílios,
Que por bem de teus olhos me levou.

* Por não ter, infelizmente, qualquer conhecimento sobre como seria Dinamene psicologicamente, não pude escolher este poema de uma forma tão natural como escolhi o soneto de Camões. No entanto, esta versão foi a que me pareceu mais natural e menos robotizada.

Casa minha subtil, que te sumiste
Tão cedo desta verve descontente,
Dormita lá no Sol epicamente
E ande eu cá na vila sempre triste.

Se lá no banco eterno, onde sumiste,
Lembrança desta verve se consente,
Não te isentes daquele amor ausente
Que já nos pulsos meus tão pleno existe.

E se vires que pode reviver-te
Alguma cousa a voz que me rogou
Da raiva, sem saída, de deixar-te,

Uiva a Thor, que teus anos reduziu,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus pulsos te tirou.

*Nesta reescrita do poema de Camões, pretendi enfatizar a mágoa que, apesar de não parecer verdadeira em vida, sinto estar no fundo do coração do poeta. Percebe-se o arrependimento sincero e o desejo de rever a sua “casa”. Camões tomou decisões que, a meu ver, não revelam amor por Dinamene. Reafirma aqui que ela foi a sua maior perda. Não sabemos se o arrependimento é sincero, pois era mestre do “fingimento poético”. Ainda assim, parece genuíno. Introduzi alguma comicidade com palavras como “Uivo” e deuses como “Thor”. O esquema rimático e a métrica mantiveram-se para dar a entender que é um poema camonianiano.

*António Neves Correia, 10.º ano, Matosinhos**

Chama minha subtil, que te castraste
Tão cedo nesta era tão ferida,
Enfada em cela seca, corroída,
E morre lá na pauta sempre triste.

Se no descanso etéreo em que a pauta
Lembrança desta era nos pressente,
Não te isentes daquele amor ausente
Que foi nos pulsos meus pura visita.

Daqui não sei de que possa usar-me
Essa voz que dizes que te ditou
Da raiva, sem conserto, de esquecer-me,

Berro a Thor, que meus anos encurtou,
Que tão cedo não te mimem meus pulsos,
Que por bem de teus pulsos me roubou.

* Com a reescrita do poema de Manuel Portela, pretendi oferecer comicidade à resposta de Dinamene a Camões. Ela demonstra revolta e sentimento de traição, pois Camões preferiu salvar Os Lusíadas do que a sua amada. Dinamene deseja vingança, impedindo que ele a volte a ver. Nunca acreditará que ele foi um romântico — sempre foi um galã. Mantive o sentido, pois acredito que ela se sentiu traída. Não saberemos o que sentiu, mas podemos imaginar. Camões, ao salvar um livro, mostrou-se uma “rocha”. Ofereci humor à resposta, pois considero imperdoável o que fez, mas oferecendo um humor particular à resposta, brincando com as palavras.

*Bárbara Aires Pereira Oliveira Dessa, 10.º ano, Matosinhos**

Cisma minha senil, que te cansaste
Tão cedo nesta pena tão punida,
Agita em cova seca, deprimida,
E morre lá na treta sempre triste.

Se no descanso aéreo em que a letra
Relato desta tribo nos desmente,
Não te livres daquele odor doente
Que foi nos braços meus pura visita.

Daqui não sei de que possa atrair-me
Essa voz que dizes que te burlou
Da raiva, sem emenda, de topar-me,

Uivo a Sol, que meus luxos aumentou,
Que tão cedo não te fixem meus braços,
Que por bem de teus lábios me roubou.

* Organizei o poema desta forma porque me pareceu uma forma irónica, mas verdadeira, de enfrentar a vida. As palavras estão dispostas de um modo engraçado, o que me transmite uma sensação de relaxamento e conforto ao lê-lo. Através do ponto de vista apresentado, percebe-se que o sentimento de Camões por Dinamene é controverso e inesperado para nós, leitores. Pessoalmente, gostei desta abordagem diferente, pois transforma um sentimento negativo em algo mais leve e descontraído.

Alma minha gentil, que te livraste
Tão cedo nesta vida tão florida,
Serena em terra fresca, destemida,
E vive lá na escrita nunca triste.

Se no descanso humano em que a escrita
Vestígio desta era nos consente,
Não te isentes daquele amor temente
Que foi nos olhos meus pura pepita.

Daqui não sei de que possa servir-me
Essa dor que dizes que te safou
Da festa, sem aperto, de perder-me,

Imponho a Deus, que meus dias encurtou,
Que tão tarde não te chamem meus olhos,
Que por bem de teus braços me tomou.

* Esta resposta de Dinamene mostra que, ao contrário de Camões, ela se sente triste e desolada pela separação que a vida lhe impôs, impedindo-a de voltar a ver e sentir o seu amado. Escolhi esta disposição do poema porque apresenta um ponto de vista oposto ao de Camões, revelando um amor por parte de Dinamene que não é correspondido. O texto está escrito de uma forma romântica e sentimental, transmitindo uma seriedade e uma verdade mais evidentes do que na escrita de Camões para a sua suposta amada.

Chama minha febril, que te esvaíste
Tão cedo desta tribo dependente,
Descansa lá no Céu omnipresente
E ande eu cá na terra sempre triste.

Se lá no leito eterno, onde partiste,
Descuido desta morte se desmente,
Não te escapes daquele amor fervente
Que já nos lábios meus tão claro ouviste.

E se vires que pode reviver-te
Alguma cousa a luz que me cegou
Da graça, sem saída, de manter-te,

Pede a Zeus, que teus luxos sossegou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus braços te roubou.

* Esta escolha de palavras conserva o sentido do soneto inicial, embora na primeira estrofe é descrita a vida como “tribo dependente”, pois Camões amava Dinamene e seria, pelo menos um pouco, psicologicamente dependente desta. Para além disso, na terceira estrofe, em vez de oferecer o consolo da mágoa sentida pela sua perda, demonstra a os efeitos que sofreu ao tentar não a perder, pois o amor que sentia era muito maior do que qualquer dor ou castigo, e doeria mais perder Dinamene.

*Catarina Marques Pinto, 10.º ano, Matosinhos**

Calma minha subtil, que te tombaste
Tão cedo nesta era tão temida,
Acalma em terra falsa, poluída,
E morre lá na escrita sempre triste.

Se no sossego etéreo em que a tinta
Relato desta pena nos pressente,
Não te isentes daquele amor dolente
Que foi nos braços meus pura visita.

Daqui não sei de que possa servir-me
Essa luz que dizes que te ficou
Da graça, sem recurso, de ouvir-me,

Rogo a Zeus, que meus atos serenou,
Que tão cedo não te sujem meus braços,
Que por bem de teus braços me levou.

* Este soneto consiste numa resposta a Camões, vinda de uma Dinamene ressentida, mas altruísta, que tanto exprime o descontentamento com Camões, como o seu amor que lhe diz que o mais importante é que Camões continue a escrever, imortalizando o casal, apesar do que sofreram juntos.

*Dinis Rodrigues Moreira, 10.º ano, Matosinhos**

Graça minha ardil, que te esvaíste
Tão tarde desta morte consciente,
Sepulta lá no Céu onnipotente
E curta eu cá na terra nunca triste.

Se lá no banco eterno, onde fugiste,
Vestígio desta morte se desmente,
Não te safes daquele amor dormente
Que já nos braços meus tão pleno existe.

E se vires que pode ofender-te
Nenhuma cousa a dor que me catou
Da farra, sem remédio, de ganhar-te,

Manda a Deus, que teus anos sossegou,
Que tão cedo de cá me leve a ser-te,
Quão cedo de meus braços te tirou.

* Em vez de fazer um poema sobre Dinamene ter ido para o céu, tentei fazer um poema precisamente sobre o contrário, de forma limitada por causa do limite de vocabulário, sendo que Dinamene não só não morre, como, na verdade, Camões morreu e ela continua viva, por causas naturais.

*Dinis Rodrigues Moreira, 10.º ano, Matosinhos**

Chama minha hostil, que te negaste
Tão cedo nesta letra tão sentida,
Respira em terra meiga, carcomida,
E fica lá na tinta sempre triste.

Se no repouso erróneo em que a pauta
Memória desta terra nos desmente,
Não te lembres daquele amor jazente
Que foi nos cílios meus muda desdita.

Daqui não sei de que possa contar-me
Essa voz que dizes que te fixou
Da farra, sem conserto, de fruir-me,

Grito a Deus, que meus anos encurtou,
Que tão tarde não te fixem meus braços,
Que por bem de teus olhos me roubou.

* Este poema tem um significado bastante similar ao original, mas com algumas diferenças cruciais: Dinamene está ainda mais zangada com Camões, por exemplo, começando o poema chamando-o de “chama minha hostil, que te negaste”, o que te negaste significando obviamente que, após a morte de Dinamene, Camões ficou devastado ao ponto de negar o seu envolvimento em partes previamente muito importantes da vida dele, como a escrita. Outra diferença é a adição conceptual dos versos 1 e 2 da segunda estrofe, que nos dizem que a escrita e o meio de desmentir esta terra, pois é assim que adquirimos conhecimento. Daqui em diante o poema tem o mesmo conteúdo conceptual, com diferenças substanciais no estilo.

*Daniel Maio de Oliveira Granja, 10.º ano, Matosinhos**

Chama minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta terra indolente,
Repousa lá no Céu penosamente
E ande eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento eterno, onde subiste,
Lembrança desta vida se pressente,
Não te livres daquele amor cadente
Que já nos olhos meus tão claro existe.

E se vires que pode comover-te
Alguma cousa a luz que me cegou
Da mágoa, sem saída, de largar-te,

Pede a Deus, que teus ecos sossegou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus braços te furtou.

* Neste soneto, Camões fala da dor de perder Dinamene e de como ela partiu cedo demais. Quando ele diz “amor cadente”, fala de um amor que vai morrendo, como algo que já não tem mais força. Ao mencionar “assento eterno” e “luz que me cegou”, Camões destaca a diferença entre a morte e o sofrimento vivo, e no final, ele pede que, se possível, seja levado logo para ficar com ela. O meu verso favorito é “Não te livres daquele amor cadente” refletindo o desejo de Camões de continuar com Dinamene. A tristeza é visível em seus versos e ele parece esperar por um reencontro no etéreo, onde o seu amor ainda permanece, apesar da distância imposta pela morte.

Chama minha hostil, que te cansaste
Tão logo nesta letra tão sentida,
Sossega em fala falsa, corroída,
E morre lá na escrita sempre triste.

Se no leito eterno em que a escrita
Lembrete desta letra nos desmente,
Não te escapes daquele amor ausente
Que foi nos olhos meus plena desdita.

Daqui não sei de que possa importar-me
Essa luz que dizes que te cegou
Da raiva, sem emenda, de perder-me,

Grito a Deus, que meus fios encurtou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus braços me levou.

* No poema, Dinamene responde a Camões com dor e rejeição. Ela expressa que está cansada e que as palavras dele não são sinceras. Dinamene não se importa com a “luz” que Camões menciona e deseja que seus olhos não o vejam novamente. Ela quer afastar-se definitivamente, impondo-lhe “Sossegar em fala falsa, corrompida” (o meu verso favorito), afirmando que o que Camões escreve não é o que sente. Frases irónicas como “Não te escapes daquele amor ausente” refletem os sentimentos de Dinamene, evidenciando-se a sua raiva.

*Filipe Tomás B. da Rocha V. Teixeira, 10.º ano, Matosinhos**

Trama minha subtil, que te cismaste
Tão tarde nesta letra tão falida,
Respalda em zona meiga, comovida,
E fica lá na tinta nunca triste.

Se no apoio erróneo em que a escrita
Sumário desta pena nos consente,
Não te isentes daquele bolor temente
Que foi nos dentes meus plena pepita.

Daqui não sei de que possa acudir-me
Essa dor que dizes que te cifrou
Da graça, sem aperto, de falar-me,

Peço a Thor, que meus anos alongou,
Que tão tarde não te escrevam meus dentes,
Que por bem de teus dedos me tomou.

* Escolhi este soneto para ser uma resposta de Dinamene para Camões porque eu achei interessante a escolha de palavras utilizadas no soneto, uma vez que este apresenta palavras que eu nunca iria pensar que iam ser utilizadas num poema como por exemplo: “bolor”. Também achei interessante a referência aos deuses que neste caso foi a Thor.

*Filipe Tomás B. da Rocha V. Teixeira, 10.º ano, Matosinhos**

Chama minha fabril, que te urdiste
Tão tarde desta fauna dependente,
Respalda lá no Céu cinicamente
E viva eu cá na cova sempre triste.

Se lá no apoio erróneo, onde curtiste,
Lembrança desta vida se desmente,
Não te lembres daquele horror doente
Que já nos dentes meus tão mudo urdiste.

E se vires que pode abater-te
Nenhuma cousa a voz que me lesou
Da graça, sem saída, de perder-te,

Impõe a Zeus, que teus ecos reduziu,
Que tão cedo de cá me leve a crer-te,
Quão tarde de meus dedos te furtou.

* Escolhi este soneto para ser a resposta de Camões para Dinamene porque, achei interessante a forma como este começa. Gostei também, como no outro soneto, da referência a um Deus, só que desta vez é um Deus da mitologia grega (Zeus) em vez de ser um da mitologia nórdica (Thor), sendo algo comum nos dois sonetos.

*Francisco Leitão do Amaral R. Sarmiento, 10.º ano, Matosinhos**

Calma minha hostil, que te sumiste
Tão cedo desta fauna prepotente,
Fatiga lá no Sul penosamente
E dure eu cá na fossa nunca triste.

Se lá no banco aéreo, onde fugiste,
Desleixo desta fauna se pressente,
Não te safes daquele horror demente
Que já nos dentes meus tão alvo existe.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a luz que me cegou
Da raiva, sem socorro, de ouvir-te,

Clama a Ra, que teus atos encolheu,
Que tão tarde de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus braços te furtou.

* Este curioso soneto resultou de uma seleção aleatória de palavras. Acho interessante a forma de como o verso “Calma minha hostil, que te sumiste” remete para alguém com conflitos internos e com falta de autocontrolo, o verso seguinte, “Tão cedo desta fauna prepotente,”. Na minha sincera opinião, não diz absolutamente nada para além de indicar ao leitor que o soneto efetivamente foi preparado de forma aleatória, em relação ao soneto em geral, embora não faça muito sentido, pode servir para provocar o riso.

*Francisco Leitão do Amaral R. Sarmiento, 10.º ano, Matosinhos**

Barca minha fabril, que te tardaste
Tão tarde nesta terra tão temida,
Agita em água fria, poluída,
E sofre lá na treta nunca triste.

Se no leito erróneo em que a tinta
Sumário desta era nos desmente,
Não te livres daquele horror doente
Que foi nos braços meus turva visita.

Daqui não sei de que possa acudir-me
Essa luz que dizes que te burlou
Da raiva, sem conserto, de reler-me,

Uivo a Zeus, que meus luxos sossegou,
Que tão logo não te culpem meus pulsos,
Que por bem de teus dentes me levou.

* Este curioso soneto resultou de uma seleção aleatória de palavras, acho interessante a forma de como a 1ª quadra remete para o naufrágio onde o sujeito poético faleceu; o 2º terceto leva-nos a concluir uma eventual raiva do sujeito poético em relação ao destinatário, demonstrando até uma certa vontade de lhe causar dor física. Em relação ao soneto em geral, embora não faça muito sentido, pode servir para provocar o riso.

*Gonçalo Miguel Guimarães Costa, 10.º ano, Matosinhos**

Calma minha civil, que te sumiste
Tão cedo desta vida insolente
Descansa lá no Céu comodamente
E sofra eu cá na cova sempre triste.

Se lá no leito eterno, onde fugiste,
Desprezo desta era se consente
Não te livres daquele horror doente
Que já nos olhos meus tão claro existe.

E se vires que pode reviver-te
Alguma cousa a voz que me lixou
Da raiva, sem saída, de largar-te,

Grita a Thor, que teus ecos limitou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo dos meus braços te roubou.

* Este poema foi escrito na perspectiva de uma pessoa que se irritou com algo e perdeu a sua calma. No entanto, esta deseja encontrá-la. A utilização de Thor no segundo terceto, deve-se ao facto de este ser o deus do trovão e, muitas vezes, associa-se o trovão à agitação e, até mesmo, à fúria, sendo, então, o oposto de calma.

*Gonçalo Miguel Guimarães Costa, 10.º ano, Matosinhos**

Mamã minha senil, que te zangaste,
Tão cedo nesta fala tão sentida,
Dormita em casa quente, escondida,
E anda lá na treta nunca triste.

Se no descanso humano em que a treta
Memória desta terra nos presente,
Não te escapes daquele amor fluente
Que foi nos braços meus clara visita.

Daqui não sei de que possa importar-me
Essa dor que dizes que te ficou
Da graça, sem emenda, de topar-me.

Berro a Sol, que meus dias encurtou,
Que tão tarde não te escrevam meus braços,
Que por bem de teus braços me tirou.

* Este texto poético fala sobre um filho que errou, mas que não se apercebeu, e enfureceu a sua mãe, que não o perdoa.

*Gonçalo Rigaud Claro, 10.º ano, Matosinhos**

Chama minha fabril, que te sumiste
Tão cedo desta tribo imprudente,
Dormita lá no Sol onnipotente
E morra eu cá na gruta sempre triste.

Se lá no leito eterno, onde surgiste,
Vestígio desta tribo se pressente,
Não te livres daquele furor ardente
Que já nos lábios meus tão claro ouviste.

E se vires que pode aprazer-te
Alguma cousa a voz que me falou
Da pena, sem mezinha, de querer-te,

Clama a Sol, que teus luxos limitou,
Que tão cedo de cá me leve a ser-te,
Quão cedo de meus dedos te roubou.

* Este soneto retrata não uma pessoa, mas sim a chama de uma tribo. O fogo é o símbolo mais importante de qualquer tribo, representando vida e proteção. A perda desta chama implica a perda da vitalidade da tribo. Assim, o sujeito poético entoa ao céu, ao sol, para trazer a preciosa chama da sua tribo de volta. Gosto deste soneto pois, tal como Camões perdeu a sua chama, o seu lume, a sua razão para existir, a tribo deste poema também sofreu esse destino, havendo essa relação de perda.

*Gonçalo Rigaud Claro, 10.º ano, Matosinhos**

Barca minha servil, que te cansaste
Tão cedo nesta era tão temida,
Descansa em água calma, falecida,
E sofre lá na tinta sempre triste.

Se no sossego humano em que a treta
Vestígio desta terra nos desmente,
Não te escapes daquele alvor cadente
Que foi nos braços meus muda pepita.

Daqui não sei de que possa servir-me
Essa voz que dizes que te calou
Da raiva, sem emenda, de ouvir-me,

Clamo a Zeus, que meus atos sossegou,
Que tão logo não te mimem meus braços,
Que por bem de teus dedos me tirou.

* Neste soneto, o sujeito poético é um navegador. Dirige-se à sua nau depois de um trágico naufrágio que ceifou a vida de todos os marinheiros, menos a da nau. Agora, a embarcação permanece à deriva pelo mar calmo brando, ouvindo a voz do seu capitão a ecoar pela brisa marinha, ecos da sua vida passada. Enquanto que no poema de Dinamene esta deixa para trás o seu amado, tal acontece neste soneto, exceto que esse amado é a sua nau. Esta personificação da nau acho que acrescenta expressividade ao soneto.

Dama minha senil, que te sumiste
Tão tarde desta terra descontente,
Cochila lá no breu penosamente
E ande eu cá na cova nunca triste.

Se lá no leito eterno, onde partiste,
Vestígio desta vida se pressente,
Não te livres daquele horror ardente
Que já nos olhos meus tão claro existe.

E se vires que pode ofender-te
Alguma cousa a luz que me ficou
Da festa, sem dilema, de esquecer-te,

Impõe a Zeus, que teus dias encolheu,
Que tão tarde de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus braços te tirou.

* Ao trocar as palavras do soneto de Camões, quis alterar drasticamente o significado e a emoção do poema. No original, há melancolia e desejo de reencontro no céu. Ao substituir “alma gentil” por “dama senil” e “céu” por “breu”, a atmosfera tornou-se sombria e desesperançosa. O “amor ardente” tornou-se “horror ardente”, transformando a dor em angústia distante. A poesia permite reinterpretar e criar novos sentidos. Neste caso, a perda não causa saudade, mas alívio. Inspirei-me num casamento forçado, onde não existia amor verdadeiro, e o marido sente-se aliviado com a morte da mulher.

Chama minha hostil, que te findaste
Tão cedo nesta era tão ferida,
Sossega em outra meiga, destemida,
E fica lá na escrita nunca triste.

Se no leito eterno em que a escrita
Lembrete desta pena nos consente,
Não te livres daquele ardor dolente
Que foi nos lábios meus clara desdita.

Daqui não sei de que possa importar-me
Essa luz que dizes que te ficou
Da graça, sem conserto, de esquecer-me,

Grito a Zeus, que meus fios encurtou,
Que tão cedo não te icem meus olhos,
Que por bem de teus braços me levou.

* Na troca de palavras no poema de resposta de Dinamene, quis mudar a perspetiva da relação com Camões. Apesar de não ser saudável, Dinamene ainda sente paixão, comparando o amor a uma chama, como no verso “Amor é fogo que arde sem se ver”. O lamento transforma-se em confronto, com versos como “Sossega em outra meiga, destemida” e “Grito a Zeus”, revelando um amor agri-doce e acusações de traição. Embora tenha amado Camões, esse sentimento desapareceu. Agora, deseja que ele se lembre do horror da relação, mas sem que precise de a ver novamente.

*Joana Gama Tavares, 10.º ano, Matosinhos**

Chama minha gentil, que te fundiste
Tão cedo desta terra imprudente,
Relaxa lá no Céu comodamente
E fique eu cá na vila sempre triste.

Se lá no banco eterno, onde partiste,
Lembrete desta era se pressente,
Não te livres daquele amor fulgente
Que já nos olhos meus tão pleno existe.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me calhou
Da mágoa, sem socorro, de perder-te,

Reza a Deus, que teus atos serenou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus olhos te roubou.

* Esta escolha de palavras conserva a mensagem que Luís Vaz de Camões transmitiu quando publicou o soneto original. O texto demonstra alguns sentimentos que o sujeito poético está a sentir, como por exemplo: tristeza, solidão, saudade, sofrimento e esperança. Na construção desta versão do soneto, originalmente escrito por Camões, havia diversas possibilidades de palavras para substituir as antigas já existentes. Por um lado, estas alternativas podem ser exploradas para o objetivo de marketing ou comédia. Por outro lado, para cumprir a métrica e a estrutura do soneto a escolha de certas palavras pode levar a um texto incoerente.

*Joana Gama Tavares, 10.º ano, Matosinhos**

Casa minha servil, que te quebraste
Tão cedo nesta escrita tão tingida,
Respira em zona fresca, poluída,
E sofre lá na tinta sempre triste.

Se no descanso eterno em que a escrita
Sinopse desta era nos presente,
Não te esqueças daquele amor jazente
Que foi nos olhos meus suja visita.

Daqui não sei de que possa importar-me
Essa voz que dizes que te cegou
Da pena, sem remédio, de perder-me,

Clamo a Deus, que meus anos encurtou,
Que tão logo não te leiam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me levou.

* Esta escolha de palavras tenta transmitir que Dinamene está revoltada, pois Camões sempre preferiu a escrita. Nesta modificação do soneto o sujeito poético tenta transmitir a mesma mensagem que na modificação do soneto realizada por Manuel Portela. Escolhi estas palavras, pois penso que estas eram as que me interessavam para transmitir a minha ideia principal.

*João Tomás da Silva Monteiro, 10.º ano, Matosinhos**

Casa minha gentil, que te sumiste
Tão cedo desta era descontente,
Relaxa lá no Céu finitamente
E morra eu cá na pátria sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde partiste,
Lembrete desta vida se pressente,
Não te esqueças daquele amor carente
Que já nos lábios meus tão claro ouviste.

E se vires que pode comover-te
Alguma cousa a dor que me cegou
Da farra, sem saída, de querer-te,

Prega a Deus, que teus atos encolheu,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus braços te furtou.

* Na minha opinião este poema adequa-se muito ao que Camões sentiu ao perder Dinamene e acho que a utilização de elementos corporais de Camões que sugere um contacto mais físico como braços e lábios em vez de olhos adequa-se mais a Camões porque este era galã. Gostei também da utilização da palavra “pátria” já que Camões contribuiu e muito para a identidade dela, sendo esta até festejada no aniversário da morte do poeta (10 de junho).

*João Tomás da Silva Monteiro, 10.º ano, Matosinhos**

Arma minha fabril, que te migraste
Tão tarde nesta terra tão corrida,
Acalma em água terna, condoída,
E tomba lá na escrita nunca triste.

Se no assento etéreo em que a pauta
Relato desta verve nos consente,
Não te isentes daquele amor ausente
Que foi nos olhos meus pura mesquita.

Daqui não sei de que possa ajudar-me
Essa voz que dizes que te calou
Da farra, sem aperto, de reler-me,

Grito a Zeus, que meus atos encurtou,
Que tão cedo não te icem meus olhos,
Que por bem de teus olhos me furtou.

* Acho que este soneto é adequado ao meu ponto de vista sobre a visão de Dinamene sobre Camões, já que, a meu ver, esta não queria que Camões deixasse de escrever e viver, agora que ela já não estava viva; mas queria ficar na memória dele e que ele nunca se esquecesse do que passaram juntos. A presença de palavras relacionadas com viagens ou navegações como: “migraste”; “mesquita”; “icem” agrada-me já que Camões era um grande viajante e aventureiro.

Ama minha servil, que te despiste
Tão cedo desta era dependente,
Fatiga lá no Sol obediente
E viva eu cá na pátria nunca triste.

Se lá no apoio humano, onde fugiste,
Indício desta vida se desmente,
Não te escapes daquele horror ardente
Que já nos lábios meus tão sujo existe.

E se vires que pode aprazer-te
Alguma cousa a luz que me cegou
Da raiva, sem saída, de usar-te,

Impõe a Deus, que teus atos limitou,
Que tão tarde de cá me leve a ter-te,
Quão tarde de meus dedos te roubou.

* Nesta versão do soneto de Camões para Dinamene, o amor não é ardente, mas sujo e hórrido. Após a morte de Dinamene, Camões castiga-a por o abandonar, usando expressões brutas como “Alma minha servil”, “Fatiga lá no Sol obediente” ou “de meus dedos te roubou”, revelando autoridade e possessão. O soneto retrata o ressentimento de Camões face à relação tóxica que teve com Dinamene, mostrando uma nova faceta do poeta. Esta recriação alerta para o facto de que o amor nem sempre é o que aparenta.

*Leonor Alves Antunes, 10.º ano, Matosinhos**

Rima minha subtil, que te salvaste
Tão logo nesta terra tão temida,
Agita em terra eterna, reprimida,
E fica lá na escrita sempre triste.

Se no espanto humano em que a escrita
Vestígio desta era nos presente,
Não te isentes daquele amor gemente
Que foi nos lábios meus clara visita.

Daqui não sei de que possa amparar-me
Essa voz que dizes que te ficou
Da festa, sem segredo, de escrever-me,

Clamo a Deus, que meus atos sossegou,
Que tão cedo não te tapem meus braços,
Que por bem de teus dedos me levou.

* Nesta versão do soneto de Dinamene para Camões, Dinamene não começa por interpelar Camões, mas sim *Os Lusíadas*, possíveis culpados de sua morte. Mas ao contrário do esperado, Dinamene não mostra rancor ou mágoa e deixa apenas um pedido final: que a memória do amor que viveu com Camões não seja apagada. Dinamene aceita que os poemas de amor trocados com Camões, nunca serão tão grandiosos e importantes com *Os Lusíadas*. Na parte final, Dinamene dirige-se a Deus, mostrando-se grata por ter sido a escolhida para “salvar” uma das maiores obras conhecidas nos dias de hoje.

*Leonor Bahia Pereira Gonçalves Seco, 10.º ano, Matosinhos**

Chama minha gentil, que te feriste
Tão cedo desta morte descontente,
Sossega lá no Sol eternamente
E dure eu cá na vila sempre triste.

Se lá no banco eterno, onde partiste,
Desprezo desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor fervente
Que já nos lábios meus tão puro existe.

E se vires que pode acender-te
Alguma cousa a voz que me culpou
Da raiva, sem saída, de deixar-te,

Clama a Deus, que teus dias encolheu,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus lábios te tirou.

* Ao escrever o soneto de uma forma interativa, experimentando diferentes combinações de palavras, tentei que este ficasse com um significado semelhante ao original em que o sentimento do autor ficasse explícito, sendo um sentimento que expressa a dor profunda da perda da sua amada, eternizando o seu sofrimento e a sua saudade.

*Leonor Bahia Pereira Gonçalves Seco, 10.º ano, Matosinhos **

Chama minha civil, que te quitaste
Tão cedo nesta terra tão doída,
Descansa em casa doce, condoída,
E fica lá na letra sempre triste.

Se no banco eterno em que a letra
Lembrete desta era nos consente,
Não te lembres daquele amor ingente
Que foi nos lábios meus plena desdita.

Daqui não sei de que possa servir-me
Essa voz que dizes que te lesou
Da raiva, sem reparo, de perder-me,

Peço a Deus, que meus anos sossegou,
Que tão cedo não te chamem meus braços,
Que por bem de teus lábios me tirou.

* Para reescrever este poema, decidi manter o mesmo método anteriormente utilizado, mantendo-o também semelhante ao poema original de Manuel Portela, em que a mensagem de resposta é Dinamene a pedir ao seu amado para ficar em Terra e a pedir a Deus para que não o veja tão cedo.

Chama minha febril, que te esvaíste
Tão cedo desta terra penitente,
Respira lá no breu cinicamente
E sofra eu cá na furna sempre triste.

Se lá no leito erróneo, onde sumiste,
Lembrança desta era se desmente,
Não te lembres daquele amor fulgente
Que já nos pulsos meus tão claro urdiste.

E se vires que pode reviver-te
Alguma cousa a luz que me lixou
Da raiva, sem saída, de lembrar-te,

Impõe a Zeus, que teus luxos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus pulsos te roubou.

* Escolhi esta combinação de palavras para transmitir algo que assombra muitos jovens: a vergonha de se apaixonar e a desistência do amor quando este falha. O Eu lírico não se dirige a um amor, mas à sua própria chama, simbolizando a vergonha e a tentativa de apagar essa experiência, que não foi o mar de rosas esperado. Através desta abordagem, procurei representar um sentimento comum entre adolescentes e jovens adultos. Incluí ainda uma referência ao mito grego das almas gémeas, com Zeus como principal antagonista.

*Leonor de Melo Moreira, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha hostil, que te cansaste
Tão cedo nesta era tão temida,
Leveda em toca fria, deprimida,
E zomba lá na treta sempre triste.

Se no leito humano em que a treta
Indício desta era nos consente,
Não te livres daquele furor ingente
Que foi nos dedos meus pura pepita.

Daqui não sei de que possa atrair-me
Essa luz que dizes que te cegou
Da raiva, sem reparo, de perder-me.

Imponho a Zeus, que meus luxos encurtou,
Que tão cedo não te cansem meus braços,
Que por bem de teus pulsos me roubou.

* Neste segundo poema, escolhi palavras que, a meu ver, melhor continuam o primeiro. A chama não é cruel, mas sem filtro, tal como o amor: atinge com palavras certas, despertando emoções intensas. O eu lírico oscila entre zombar Camões por ignorar os sentimentos e temer que ele nunca mais queira amar, tornando-o inútil. Ao mudar algumas palavras, os dois sonetos tornam-se não um diálogo entre amantes, mas a expressão da vergonha, dúvida e da procura primitiva por amor de um homem comum, confuso após ter o coração despedaçado.

*Maria Ana da Silva Bandeira, 10.º ano, Matosinhos**

Dama minha gentil, que te faliste
Tão cedo desta terra negligente,
Sossega lá no Céu suavemente
E sofra eu cá na furna sempre triste.

Se lá no leito eterno, onde sumiste,
Indício desta era se pressente,
Não te isentes daquele ardor jazente
Que já nos dedos meus tão turvo existe.

E se vires que pode comover-te
Alguma cousa a voz que me ceifou
Da pena, sem socorro, de querer-te,

Pede a Deus, que teus ecos sossegou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus braços te furtou.

* Neste soneto, Camões deseja que a sua “Dama gentil” descanse lá no Céu, para onde foi tão cedo, saída de uma terra descuidada. Na segunda quadra, pede a Dinamene que não esqueça o ardor do seu amor que cada vez mais lhe foge, por estar tão distante dela (“Que já nos dedos meus tão turvo existe.” v.8). Diz-lhe ainda que, se o sofrimento que o calou servir de algum consolo à sua amada, que esta peça a Deus que o leve, para se poderem reencontrar.

*Maria Ana da Silva Bandeira, 10.º ano, Matosinhos**

Coima minha subtil, que te fartaste
Tão logo nesta letra tão doída,
Enfada em urna fria, deprimida,
E fica lá na tinta sempre triste.

Se no banco eterno em que a pauta,
Lembrança desta terra, nos pressente,
Não te escapes daquele amor doente
Que foi nos lábios meus suja visita.

Daqui não sei de que possa convir-me
Essa voz que dizes que te calou
Da raiva, sem amparo, de esquecer-me,

Mando a Deus, que meus anos dilatou,
Que tão cedo não te mimem meus braços,
Que por bem de teus dedos me afastou.

* Na resposta de Dinamene, esta começa por se referir a Camões como “Coima minha subtil”, indicando que, de uma forma despercebida, este era “mau” para ela, fazendo-a sofrer. Para além disso, deseja que ele fique, tanto na escrita como em geral, numa terra triste e fria, mostrando um ressentimento para com ele. Dinamene espera, ainda, que a memória desse amor doente, doloroso, fique com ele e que ele não se escape da lembrança. Por fim, refere que não lhe adianta o sofrimento de Camões, mas que exige a Deus que tão cedo não os volte a juntar, já que foi para o bem dela, e talvez dos dois, que os separou.

*Maria Dias Lopes, 10.º ano, Matosinhos **

Minha doce melodia, que te feriste
Tão cedo desta vida descontente,
repousa lá no céu eternamente
e eu cá na terra sempre triste cante

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Memória desta música se consente,
Não te esqueças daquele som ardente
Que já em meus versos tão puro ouviste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma coisa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Roga a Deus, que teus acordes encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ouvir-te,
Quão cedo de meus ouvidos te levou.

* A minha escolha na escrita deste poema baseou-se na minha reflexão sobre o poema original o qual, para expressar todos os sentimentos do poeta, soa como uma melodia. Desse modo, escolhi representar os meus pensamentos, sentimentos e interpretações ao refazê-lo com temas musicais.

*Maria Dias Lopes, 10.º ano, Matosinhos**

Ó alma minha, flor da primavera,
Que tão cedo partiste desta vida,
Repousa agora em terra fria, querida,
E vive na memória, sempre austera.

Se no etéreo assento onde a escrita
Guarda a lembrança desta curta sorte,
Não te esqueças do amor que teve a morte,
Que em meus olhos foi pura desdita.

Daqui, nada me pode consolar
Dessa dor que ficou, sem remédio, em ti,
Da mágoa de eu ter que te deixar.

Rogo a Deus, que meus anos abreviou,
Que tarde os meus olhos te vejam partir,
Pois por teu bem, de mim te separou.

* Neste poema, acabei por escolher compilar várias frases criadas pelo software, uma vez que me identificava com os sentimentos que pretendiam realçar. Para além disso, a diversidade é importante, levando com que eu quisesse experimentar novas hipóteses de recriar o poema.

*Maria Francisca F. L. S. Albuquerque, 10.º ano, Matosinhos**

Rima minha gentil, que te feriste
Tão cedo desta vida penitente,
Descansa lá no Céu onnipresente
E sofra eu cá na campa sempre triste.

Se lá no espanto eterno, onde fugiste,
Lembrança desta era se pressente,
Não te livres daquele amor carente
Que já nos braços meus tão pleno sentiste.

E se vires que pode reviver-te
Alguma cousa a dor que me calhou
Da pena, sem socorro, de esquecer-te,

Pede a Deus, que teus dias limitou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus braços te tirou.

* Este soneto é outra possibilidade para o icónico soneto de Camões. No soneto que criei tentei manter a essência do poema original, porém acrescentei um toque mais jovem ao soneto. Uma das coisas que achei mais interessante foi o facto que comparei Dinamene à rima, logo no primeiro verso “Rima minha gentil, que te feriste”, já que para Camões a rima e a poesia eram a sua alma, tal como Dinamene. Outro verso que acho curioso é “ Lembrança desta era se pressente”, que significa que esta era, o espírito de Dinamene vai estar sempre presente com ele.

*Maria Francisca F. L. S. Albuquerque, 10.º ano, Matosinhos**

Casa minha gentil, que te culpaste
Tão cedo nesta escrita tão doída,
Acalma em casa fria, dolorida,
E vive lá na letra sempre triste.

Se no espanto eterno em que a letra
Lembrete desta era nos presente,
Não te escapes daquele tumor dolente
Que foi nos braços meus turva desdita.

Daqui não sei de que possa importar-me
Essa dor que dizes que te cegou
Da raiva, sem emenda, de perder-me,

Berro a Deus, que meus dias encurtou,
Que tão cedo não te mimem meus braços,
Que por bem de teus braços me afastou.

* Mais uma vez, tentei manter a mensagem do poema original, alterando apenas alguns versos que achei que tornavam o soneto mais marcante. Um dos aspetos mais curiosos sobre o poema é a relação entre alguns elementos do poema de Camões para Dinamene e o poema Dinamene para Camões. Como por exemplo no primeiro verso “Casa minha gentil, que te quebraste”, Dinamene compara Camões à sua casa enquanto Camões compara Dinamene à rima, a poesia. Sublinhando o facto de que para Dinamene a sua casa é o seu bem mais precioso e para Camões é a poesia.

*Oliver Joseph Ridley, 10.º ano, Matosinhos**

Fama minha ardil, que te partiste
Tão cedo desta vida exigente,
Sossega lá no breu obediente
E dure eu cá na terra sempre triste.

Se lá no leito eterno, onde sumiste,
Lembrança desta poda se consente,
Não te esqueças daquele ardor doente
Que já nos olhos meus tão puro existe.

E se vires que pode remoer-te
Alguma cousa a luz que me catou
Da raiva, sem remédio, de perder-te,

Manda a Deus, que teus luxos encolheu,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus olhos te tomou.

* O poema evidencia a perda da fama do sujeito poético e o mesmo tenta chamá-la de volta afirmando que ainda tem “sangue nos olhos” e “luz” após a fama o ter abandonado, também lamenta e deseja-a de volta.

*Oliver Joseph Ridley, 10.º ano, Matosinhos**

Arma minha viril, que te cansaste
Tão cedo nesta terra tão fervida,
Fatiga em rixa eterna, condoída,
E morre lá na letra sempre triste.

Se no assento eterno em que a treta
Memória desta era nos consente,
Não te esqueças daquele furor cadente
Que foi nos olhos meus pura desdita.

Daqui não sei de que possa ajudar-me
Essa luz que dizes que te ficou
Da mágoa, sem emenda, de fruir-me,

Mando a Deus, que meus elos estendeu,
Que tão tarde não te chamem meus olhos,
Que por bem de teus braços me levou.

* Este poema é uma resposta da fama a dizer que o sujeito poético, sua “arma”, perdeu-a pois estava cansado, cometeu erros e ela não via mais motivo de estar com ele.

*Maria Margarida Novera de Sousa, 10.º ano, Matosinhos**

Casa minha civil, que te abriste
Tão tarde desta vida exigente,
Sossega lá no Sul impaciente
E fique eu cá na toca sempre triste.

Se lá no leito humano, onde surgiste,
Indício desta terra se pressente,
Não te lembres daquele odor demente
Que já nos dentes meus tão sujo existe.

E se vires que pode remoer-te
Alguma cousa a dor que me culpou
Da festa, sem saída, de ganhar-te,

Roga a Deus, que teus ecos reduziu,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

* Esta adaptação do poema de Camões transforma a amada numa casa, refletindo a dificuldade de um jovem sair da “toca” dos pais devido à “vida exigente” e à falta de condições monetárias. O eu poético permanece “sempre triste” na casa de infância, incapaz de avançar. O “odor demente” simboliza as más condições vividas, causadas por carga horária excessiva e poucas oportunidades. “Ecos reduziu” pode referir-se à estrutura da nova casa ou a um recomeço silencioso, sem críticas do passado. No final, o desejo de partir persiste, tal como em Camões: um anseio por nova vida, longe das limitações atuais.

*Maria Margarida Novera de Sousa, 10.º ano, Matosinhos**

Fama minha febril, que te largaste
Tão tarde nesta escrita tão sentida,
Agita em tela ardente, comovida,
E vive lá na escrita sempre triste.

Se no sossego eterno em que a escrita
Vestígio desta vida nos consente,
Não te livres daquele amor cadente
Que foi nos olhos meus pura desdita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa voz que dizes que te ficou
Da graça, sem segredo, de reler-me,

Prego a Deus, que meus dias encurtou,
Que tão cedo não te vejam meus braços,
Que por bem de teus dedos me tirou.

* Esta adaptação do poema coloca a fama no lugar de Camões, refletindo como a glória literária chegou após a sua morte. A “fama febril” representa o reconhecimento tardio do seu talento, valorizado apenas após sua partida. “Tão tarde nesta escrita tão sentida” reforça essa ideia, evidenciando que a fama surgiu quando já não podia desfrutá-la. “Agita em tela ardente” simboliza o impacto duradouro da sua obra. O eu poético lamenta: “não sei de que vale essa voz”, pois, morto, não pode perceber seu legado. No final, aceita que a fama veio “por bem de teus dedos”, após sua morte.

*Santiago Barroso G. Correia Ribeiro, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha subtil, que te sumiste
Tão cedo desta terra negligente,
Enfada lá no Céu onnipotente
E morra eu cá na tumba sempre triste.

Se lá no leito eterno, onde surgiste,
Desprezo desta vida se pressente,
Não te livres daquele amor ardente
Que já nos braços meus tão puro viste.

E se vires que pode reviver-te
Nenhuma cousa a voz que me falou
Da pena, sem socorro, de esquecer-te,

Grita a Deus, que teus dias limitou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus lábios te levou.

* Escolhi esta combinação de palavras, pois permitiu-me transmitir os sentimentos que empatizei com Camões, ao imaginar-me numa situação de perda de um amado. Cheguei a conclusão que embora não ao nível de morte, muitos também perdem os seus amados e espero que outras pessoas se identifiquem com o poema da mesma maneira que eu, e provavelmente Camões, nos identificamos.

*Santiago Barroso G. Correia Ribeiro, 10.º ano, Matosinhos**

Coima minha fabril, que te partiste
Tão cedo desta vida penitente,
Leveda lá no Sol regiamente
E curta eu cá na furna sempre triste.

Se lá no assento ovídeo, onde surgiste,
Indício desta vida se desmente,
Não te livres daquele bolor dormente
Que já nos lábios meus tão puro ouviste.

E se vires que pode comover-te
Nenhuma cousa a luz que me lesou
Da festa, sem saída, de querer-te,

Prega a Ra, que teus fios encolheu,
Que tão tarde de cá me leve a crer-te,
Quão cedo de meus lábios te roubou.

* Escolhi estas expressões pois penso que também é importante o humor. Por isso, em contraste, a minha escolha anterior identifiquei-me com este soneto devido à minha tendência humorística.

*Sara dos Santos Verbeek, 10.º ano, Matosinhos**

Fama minha servil, que te partiste
Tão cedo desta vida inocente,
Respira lá no Sol finitamente
E sofra eu cá na gruta sempre triste.

Se lá no leito humano, onde surgiste,
Lembrança desta vida se consente,
Não te escapes daquele odor ausente
Que já nos dentes meus tão sujo existe.

E se vires que pode ofender-te
Alguma cousa a dor que me lesou
Da mágoa, sem socorro, de querer-te,

Roga a Thor, que teus luxos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ser-te,
Quão cedo de meus dedos te levou.

* O soneto de Camões revela um sentimento de perda e dor profunda. O eu lírico lamenta a efemeridade da fama e da felicidade, associando-as à sua amada Dinamene. Ele expressa a sensação de ser consumido por um sofrimento sem fim, desejando que a morte o liberte dessa angústia, tal como a amada se foi rapidamente.

*Sara dos Santos Verbeek, 10.º ano, Matosinhos**

Fama minha servil, que te cansaste
Tão tarde nesta era tão doída,
Respira em tela eterna, consumida,
E vive lá na tinta sempre triste.

Se no sossego humano em que a escrita
Sinopse desta letra nos desmente,
Não te esqueças daquele amor ausente
Que foi nos olhos meus pura visita.

Daqui não sei de que possa usar-me
Essa luz que dizes que te lesou
Da mágoa, sem remédio, de esquecer-me,

Rezo a Thor, que meus luxos aumentou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus dedos me levou.

* No soneto de Dinamene, esta responde à dor de Camões com um tom de resignação. Ela reconhece o amor perdido, mas também a fugacidade das emoções e da fama. A referência à “tinta” sugere uma eternização da dor, enquanto seu desejo de escapar da lembrança do amor mostra o sofrimento irreparável.

*Sofia Aguiar Correia Fernandes Real, 10.º ano, Matosinhos**

Dama minha gentil, que te sumiste
Tão cedo desta terra consciente,
Sepulta lá no breu finitamente
E sofra eu cá na pátria sempre triste.

Se lá no leito eterno, onde fugiste,
Lembrança desta terra se pressente,
Não te lembres daquele rumor doente
Que já nos lábios meus tão sujo ouviste.

E se vires que pode ofender-te
Alguma cousa a voz que me culpou
Da pena, sem socorro, de deixar-te,

Grita a Deus, que teus ecos sossegou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus braços te tomou.

* Escrever poemas desta forma não é apenas divertido, mas também enriquece o vocabulário com palavras mais formais. Além disso, ao explorar diferentes termos, despertamos novas emoções e interpretações, que podem ser aplicadas à mesma personagem. Este processo estimula a criatividade, pois abre caminho para novas ideias e para formas de pensar e criar poesia. Neste poema, decidi introduzir um rumor sobre Camões e Dinamene, atribuindo-lhe uma culpa trágica. Na minha visão, o rumor é sobre como Camões deixou Dinamene morrer em vez de a salvar, o que provocou murmúrios e sussurros na sua terra natal.

*Sofia Aguiar Correia Fernandes Real, 10.º ano, Matosinhos**

Sina minha subtil, que te livraste
Tão logo nesta fala tão punida,
Descansa em obra falsa, iludida,
E morre lá na treita sempre triste.

Se no repouso eterno em que a escrita
Vestígio desta pena nos pressente,
Não te escapes daquele pudor ingente
Que foi nos olhos meus clara desdita.

Daqui não sei de que possa servir-me
Essa dor que dizes que te lesou
Da pena, sem reparo, de perder-me,

Imponho a Deus, que meus dias encurtou,
Que tão cedo não te mimem meus braços,
Que por bem de teus braços me levou.

* Este poema expressa a traição e raiva que Dinamene sente por causa do rumor sobre Camões. Ela sente-se-se traída já que ele decidiu salvar Os Lusíadas, do que a ela. A escrita torna-se um vestígio do sofrimento pelo que Dinamene passou, mantendo viva a lembrança da perda e, de alguma forma, a traição de Camões. Dinamene questiona o sentimento de dor que Camões diz que sente, já que agora não sabe se o que ele diz é verdade. Ela exprime uma súplica a Deus: “Imponho a Deus, que meus dias encurtou, / Que tão cedo não te mimem meus braços, / Que por bem de teus braços me levou.” Ela pede a Deus que não o leve tão cedo porque, depois dos rumores, não o quer ver.

*Tiago da Silva Matias, 10.º ano, Matosinhos**

Chama minha gentil, que te sumiste
Tão cedo desta terra penitente,
Descansa lá no Sul eternamente
E tombe eu cá na campa sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde partiste,
Desprezo desta era se pressente,
Não te escapes daquele ardor carente
Que já nos braços meus tão claro existe.

E se vires que pode remoer-te
Nenhuma cousa a voz que me falou
Da graça, sem saída, de lembrar-te,

Uiva a Zeus, que teus atos reduziu,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus lábios te tomou.

* Escolhi modificar este poema A para esta variante, pois após analisar todas as possibilidades de palavras existentes, considero que esta combinação é a que reflete mais a maneira pela qual Camões se sentia em relação da Dinamene de uma maneira diferente, o que é deveras interessante o que palavras diferentes num soneto podem fazer.

*Tiago da Silva Matias, 10.º ano, Matosinhos**

Casa minha gentil, que te quitaste
Tão logo nesta terra tão sorvida,
Sossega em cela doce, oprimida,
E fica lá na pauta sempre triste.

Se no repouso humano em que a tinta
Relato desta letra nos pressente,
Não te isentes daquele ardor gemente
Que foi nos braços meus plena desdita.

Daqui não sei de que possa servir-me
Essa dor que dizes que te fixou
Da pena, sem emenda, de esquecer-me,

Grito a Thor, que meus dias encurtou,
Que tão cedo não te escrevam meus pulsos,
Que por bem de teus braços me levou.

* Este soneto é uma versão bastante interessante do soneto que aparece inicialmente de Dinamene para Camões, pois, apesar de passar ideias similares, possui uma diferença bastante grande de palavras, sendo muito engraçado ver como um poema diferente pode possuir uma mensagem igual, ou pelo menos, parecida.

*Tomás Poças, 10.º ano, Matosinhos**

Dama minha subtil, que te feriste
Tão cedo desta terra descontente,
Relaxa lá no Sol eternamente
E dure eu cá na fossa sempre triste.

Se lá no assento eterno, onde fugiste,
Desprezo desta era se desmente,
Não te safes daquele humor carente
Que já nos dedos meus tão claro existe.

E se vires que pode ofender-te
Alguma cousa a voz que me calhou
Da raiva, sem saída, de esquecer-te,

Manda a Deus, que teus atos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus braços te levou.

* Seleccionei esta variação do Soneto de Camões para Dinamene, visto que, na minha opinião, ficou uma versão cujo significado e impacto emocional se tornaram idênticos ao do original, ou seja, neste soneto, Camões também sente tristeza e saudade descomunais, provocadas pela partida da sua “Dama subtil”. Considero também que este soneto ficou belo e elegante em termos estruturais, ou seja, acho que o vocabulário utilizado é bastante adequado e “caro” para a situação em questão, e em termos sentimentais, como já referido anteriormente, acho que não fugiu muito ao original.

*Tomás Poças, 10.º ano, Matosinhos**

Chama minha hostil, que te purgaste
Tão cedo nesta terra tão doída,
Descansa em cova fria, poluída,
E anda lá na pauta sempre triste.

Se no assento erróneo em que a escrita
Memória desta era nos desmente,
Não te lembres daquele alvor temente
Que foi nos olhos meus pura visita.

Daqui não sei de que possa servir-me
Essa voz que dizes que te cegou
Da pena, sem conserto, de perder-me,

Prego a Deus, que meus anos encurtou,
Que tão logo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me levou.

* Escolhi esta variação visto que pretendi criar uma resposta de Dinamene a Camões, onde ela, mesmo acreditando que a partida dela fosse a melhor opção para o Lusitano se focar no seu objetivo principal (acabar de escrever *Os Lusíadas*), considera que onde ele ficou (em terra firme), é um local poluído e repugnante, fruto de todo o mal que o tentou proibir de chegar à sua meta. Em termos estéticos e sentimentais, no meu ponto de vista, o poema está muito bem estruturado e muito bem feito, visto que apresenta um vocabulário elegante e apropriado para a minha ideia.

*Tomás Ribeiro Amaral, 10.º ano, Matosinhos **

Arma minha ardil, que te feriste
Tão cedo desta poda dependente,
Descansa lá no Sol impaciente
E dure eu cá na gruta sempre triste.

Se lá no espanto humano, onde sorriste
Vestígio desta terra se pressente,
Não te safes daquele horror doente
Que já nos lábios meus tão puro ouviste.

E se vires que pode reviver-te
Alguma cousa a voz que me cegou
Da festa, sem socorro, de largar-te,

Reza a Deus, que teus ecos sossegou,
Que tão tarde de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus braços te furtou.

* Escolhi o soneto com esta combinação, pois acredito que enfatiza a falta que Dinamene causava a Camões e o quanto a sua partida o afetou. Nas quadras, Camões caracteriza-a como uma arma, algo que pode ser protetor ou aterrorizante, deixando clara a ideia que lhe “roubaram” a sua “proteção”. Nos tercetos está presente a mistura de sentimentos que Camões sentiu com a perda de Dinamene e que a sua partida foi mais cedo do que o esperado, pois este pretendia viver mais momentos com quem amava. O recurso à hipérbole ao longo da composição realça o efeito do amor que Camões sentia por Dinamene.

*Tomás Ribeiro Amaral, 10.º ano, Matosinhos**

Barca minha fabril, que te largaste
Tão tarde nesta era tão tingida,
Descansa em rixa terna, deprimida,
E morre lá na treta nunca triste.

Se no assento eterno em que a escrita
Lembrete desta fauna nos desmente,
Não te livres daquele amor jazente
Que foi nos olhos meus pura visita.

Daqui não sei de que possa acudir-me
Essa dor que dizes que te lesou
Da raiva, sem conserto, de ouvir-me,

Prego a Deus, que meus atos sossegou,
Que tão cedo não te chamem meus braços,
Que por bem de teus pulsos me tomou.

* Escolhi o soneto com esta combinação porque realça os momentos que Camões não passou com Dinamene (enquanto navegava, lutava e escrevia), dizendo que o amor que ambos sentiam foi apenas uma “pura visita”, algo temporário. Nos tercetos, Dinamene fala do quão má deve ser a vida de Camões sem poder comunicar consigo, enfatizando que a sua partida foi algo bom para ele, de maneira a focar-se na escrita.

*Dinis Moreira, 10.º ano, Matosinhos**

Graça minha ardil, que te esvaíste
Tão tarde desta morte consciente,
Sepulta lá no Céu onnipotente
E curta eu cá na terra nunca triste.

Se lá no banco eterno, onde fugiste,
Vestígio desta morte se desmente,
Não te safes daquele amor dormente
Que já nos braços meus tão pleno existe.

E se vires que pode ofender-te
Nenhuma cousa a dor que me catou
Da farra, sem remédio, de ganhar-te,

Manda a Deus, que teus anos sossegou,
Que tão cedo de cá me leve a ser-te,
Quão cedo de meus braços te tirou.

* Em vez de fazer um poema sobre Dinamene ter ido para o céu, tentei fazer um poema precisamente sobre o contrário, de forma limitada por causa do limite de vocabulário, sendo que Dinamene não só não morreu, como, na verdade, Camões morreu e ela continua viva, por causas naturais.

*Dinis Moreira, 10.º ano, Matosinhos**

Chama minha hostil, que te negaste
Tão cedo nesta letra tão sentida,
Respira em terra meiga, carcomida,
E fica lá na tinta sempre triste.

Se no repouso erróneo em que a pauta
Memória desta terra nos desmente,
Não te lembres daquele amor jazente
Que foi nos cílios meus muda desdita.

Daqui não sei de que possa contar-me
Essa voz que dizes que te fixou
Da farra, sem conserto, de fruir-me,

Grito a Deus, que meus anos encurtou,
Que tão tarde não te fixem meus braços,
Que por bem de teus olhos me roubou.

* Este poema tem um significado similar ao original, mas com diferenças cruciais: Dinamene está ainda mais zangada com Camões, chamando-o de “chama minha hostil, que te negaste”. O “te negaste” sugere que, após sua morte, Camões ficou devastado ao ponto de negar envolvimento com partes importantes da sua vida, como a escrita. Outra diferença é a adição dos versos 1 e 2 da segunda estrofe, que afirmam que a escrita é o meio de desmentir esta terra, pois é assim que adquirimos conhecimento. O poema mantém o conteúdo conceptual, mas com diferenças no estilo.

*Rita Vieira Faro, 10.º ano, Matosinhos**

Rima minha subtil, que te esvaíste
Tão cedo desta era dependente,
Sossega lá no breu impaciente
E sofra eu cá na terra sempre triste.

Se lá no espanto humano, onde fugiste,
Vestígio desta era se pressente,
Não te lembres daquele rumor dormente
Que já nos lábios meus tão turvo existe.

E se vires que pode acender-te
Alguma cousa a luz que me ficou
Da raiva, sem socorro, de usar-te,

Clama a Deus, que teus atos limitou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus lábios te tirou.

* Decidi fazer esta combinação de palavras baseando-me no soneto de Camões para Dinamene, já que quis escrever algo que me acontece com bastante frequência (e que talvez também pudesse acontecer a Camões quando este escrevia para Dinamene): estar tão perto de alcançar a rima perfeita para inserir num poema que esteja a escrever e, no entanto, esquecer-me dela no momento, ou não conseguir escrevê-la de todo.

*Rita Vieira Faro, 10.º ano, Matosinhos**

Casa minha gentil, que te culpaste
Tão logo nesta pena tão doída,
Sossega em zona doce, comovida,
E vive lá na tinta nunca triste.

Se no descanso eterno em que a tinta
Lembrança desta era nos consente,
Não te livres daquele amor carente
Que foi nos braços meus plena visita.

Daqui não sei de que possa assistir-me
Essa dor que dizes que te cegou
Da mágoa, sem reparo, de esquecer-me,

Peço a Deus, que meus ecos aumentou,
Que tão tarde não te culpem meus braços,
Que por bem de teus braços me levou.

* Esta versão de um soneto de Dinamene para Camões tem um sentido diferente (o que eu achei muito interessante), na medida em que, neste contexto, Camões sente-se culpado pela morte da amada e esta não só o perdoo, como também o consola e lhe diz que não necessita de carregar consigo a culpa da sua morte.

*Ana Filipa Costa, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha ardil, que te despiste
Tão cedo desta vida consciente,
Repousa lá no breu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no banco etéreo, onde fugiste,
Lembrete desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro existe.

E se vires que pode comover-te
Alguma cousa a dor que me lesou
Da mágoa, sem remédio, de esquecer-te,

Roga a Deus, que teus atos limitou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus braços te roubou.

* Escolhi este soneto porque mostra, de forma simples e intensa, sentimentos de amor, perda e esperança. Camões fala sobre a partida do seu amor, Dinamene, e a tristeza que sobra, mas também sobre o desejo de reencontrá-la.

*Ana Filipa Costa, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha febril, que te quebraste
Tão cedo nesta fauna tão corrida,
Repousa em terra fria, dolorida,
E vive lá na escrita sempre triste.

Se no descanso eterno em que a escrita
Relato desta fauna nos consente,
Não te livres daquele amor doente
Que foi nos braços meus pura visita.

Daqui não sei de que possa importar-me
Essa dor que dizes que te fixou
Da mágoa, sem conserto, de perder-me,

Rezo a Deus, que meus elos encurtou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus lábios me furtou.

* Escolhi este soneto porque mostra que os sentimentos de Dinamene não são tão intensos quanto os de Camões que são levados ao limite. Neste poema está expresso a vontade mínima de Dinamene voltar a reencontrar aquele que por si nutre sentimentos poderosos.

*Ana Rodrigues, 10.º ano, Matosinhos**

Chama minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida indolente,
Repousa lá no Céu comodamente
E viva eu cá na tumba sempre triste.

Se lá no assento eterno, onde subiste,
Memória desta fauna se desmente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro existe.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a voz que me culpou
Da mágoa, sem saída, de perder-te,

Roga a Deus, que teus anos sossegou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

* Escolhi esta versão pois mostra que Camões culpa-se pela morte da sua amada e tem muita saudade, ao ponto mesmo de rogar pela própria morte.

*Ana Rodrigues, 10.º ano, Matosinhos**

Calma minha gentil, que te culpaste
Tão cedo nesta vida tão sentida,
Repousa em terra fria, dolorida,
E vive lá na escrita nunca triste.

Se no descanso etéreo em que a escrita
Memória desta vida nos consente,
Não te esqueças daquele amor temente
Que foi nos lábios meus pura pepita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa dor que dizes que te calou
Da mágoa, sem remédio, de perder-me,

Rogo a Deus, que meus anos encurtou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me apartou.

* Escolhi esta versão pois demonstra como Dinamene não quer que o seu amado sofra.

*Anita Nunes, 10.º ano, Matosinhos**

Mamã minha servil, que te livraste
Tão tarde nesta verve tão florida,
Enfada em vala ardente, oprimida,
E priva lá na treta sempre triste.

Se no repouso aéreo em que a pauta
Resenha desta escrita nos consente,
Não te livres daquele amor temente
Que foi nos dentes meus turva pepita.

Daqui não sei de que possa convir-me
Essa luz que dizes que te lesou
Da pena, sem emenda, de ouvir-me,

Rogo a Thor, que meus luxos aumentou,
Que tão cedo não te tapem meus cílios,
Que por bem de teus olhos me furtou.

* Escolhi este soneto pela sua carga emocional e pela forma como expressa a dor da perda e da saudade. A linguagem poética e as metáforas intensificam o sentimento de amor eterno, tornando-o um testemunho tocante da ligação entre Camões e Dinamene.

*Anita Nunes, 10.º ano, Matosinhos**

Graça minha senil, que te abriste
Tão cedo desta terra dependente,
Sepulta lá no breu epicamente
E ande eu cá na gruta sempre triste.

Se lá no espanto eterno, onde sumiste,
Lembrete desta fauna se consente,
Não te livres daquele alvor carente
Que já nos cílios meus tão turvo urdiste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ceifou
Da farra, sem mezinha, de ganhar-te,

Manda a Deus, que teus anos reduziu,
Que tão tarde de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus pulsos te furtou.

* Escolhi este soneto porque dá voz a Dinamene, expressando a sua dor pela perda de Camões. Através de uma linguagem emotiva e poética, o poema transmite a saudade e o desejo de reencontro, tornando-se um belo reflexo do amor e sofrimento que os uniu.

*Diogo Henriques, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha gentil, que te culpaste
Tão logo nesta vida tão falida,
Relaxa em terra fria, coagida,
E vive lá na pauta sempre triste.

Se no assento aéreo em que a escrita
Memória desta terra nos pressente,
Não te livres daquele amor ingente
Que foi nos olhos meus pura visita.

Daqui não sei de que possa servir-me
Essa dor que dizes que te fixou
Da mágoa, sem reparo, de esquecer-me,

Prego a Deus, que meus dias encurtou,
Que tão logo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me tirou.

* Escolhi este soneto, pois gostei do encantamento das palavras e consegui compreender profundamente as suas ideias.

*Diogo Henriques, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha gentil, que te culpaste
Tão logo nesta vida tão falida,
Relaxa em terra fria, coagida,
E vive lá na pauta sempre triste.

Se no assento aéreo em que a escrita
Memória desta terra nos presente,
Não te livres daquele amor ingente
Que foi nos olhos meus pura visita.

Daqui não sei de que possa servir-me
Essa dor que dizes que te fixou
Da mágoa, sem reparo, de esquecer-me,

Prego a Deus, que meus dias encurtou,
Que tão logo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me tirou.

* Escolhi este soneto, pois ilustra bem a forma como imaginei a resposta da alma de Dinamene.

*Gustavo Quintela, 10.º ano, Matosinhos**

Coima minha fabril, que te urdiste
Tão tarde desta vida descontente,
Fatiga lá no Céu penosamente
E fique eu cá na terra nunca triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Desleixo desta vida se consente,
Não te safes daquele tumor doente
Que já nos olhos meus tão sujo urdiste.

E se vires que pode ofender-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem saída, de salvar-te,

Uiva a Deus, que teus anos encolheu,
Que tão tarde de cá me leve a ver-te,
Quão tarde de meus olhos te levou.

* Penso que este soneto tem uma boa sonoridade, mas a minha escolha deveu-se essencialmente à cômica inversão do sentido do texto em comparação ao original.

*Gustavo Quintela, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha servil, que te cansaste
Tão cedo nesta terra tão doída,
Respira em cela eterna, oprimida,
E morre lá na treita sempre triste.

Se no sossego erróneo em que a treita
Vestígio desta pena nos consente,
Não te esqueças daquele tumor doente
Que foi nos lábios meus turva partita.

Daqui não sei de que possa servir-me
Essa dor que dizes que te cifrou
Da mágoa, sem aperto, de achar-me,

Grito a Pã, que meus anos estendeu,
Que tão tarde não te citem meus olhos,
Que por bem de teus cílios me roubou.

* Julgo que este soneto é uma excelente adaptação do poema escrito por Manuel Portela sendo uma hipótese viável da resposta escrita por Dinamene a Camões.

*Ivo Viseu, 10.º ano, Matosinhos**

Dama minha subtil, que te faliste
Tão cedo desta morte descontente,
Descansa lá no Céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no banco eterno, onde partiste,
Lembrança desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor doente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem saída, de esquecer-te,

Prega a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

* Este soneto tem valor sentimental semelhante ao original mas com uma escrita mais atual. Parece haver uma reflexão filosófica sobre a vida e a morte mais moderna.

*Ivo Viseu, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha gentil, que te privaste
Tão cedo nesta vida tão doída,
Acalma em terra fria, reprimida,
E vive lá na escrita sempre triste.

Se no repouso eterno em que a escrita
Memória desta vida nos consente,
Não te esqueças daquele amor doente
Que foi nos olhos meus clara desdita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa dor que dizes que te ficou
Da mágoa, sem emenda, de rler-me,

Rezo a Deus, que meus anos encurtou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me roubou.

* A expressão sentimental é explorada através de um vocabulário contemporâneo. O leitor sente-se mais próximo da poesia.

*João Sampaio, 10.º ano, Matosinhos**

Graça minha gentil, que te sumiste
Tão cedo desta tribo descontente,
Repousa lá no Sol eternamente
E viva eu cá na vila sempre triste.

Se lá no apoio etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele humor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Grita a Deus, que teus elos sossegou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levo.

* Escolhi estas palavras pois considero-as profundamente interessantes e diferentes. Considero este poema com uma interessante musicalidade e fluidez, contribuindo para um ritmo introspetivo e melancólico.

*João Sampaio, 10.º ano, Matosinhos**

Turma minha febril, que te livraste
Tão cedo nesta vida tão ungida,
Agita em terra quente, esvaída,
E curte lá na escrita sempre triste.

Se no assento etéreo em que a escrita
Indício desta vida nos desmente,
Não te safes daquele vapor ausente
Que foi nos olhos meus baça pepita.

Daqui não sei de que possa convir-me
Essa luz que dizes que te negou
Da graça, sem segredo, de achar-me,

Rezo a Zeus, que meus fios sossegou,
Que tão cedo não te criem meus dentes,
Que por bem de teus olhos me tirou.

* Estas palavras tornam o poema divertido e desconcertante, recorrendo a um estilo deliberadamente experimental, misturando uma linguagem clássica com escolhas lexicais inusitadas, como “baça pepita” e “vapor ausente”, que criam um tom intrigante e multifacetado.

*João Sá, 10.º ano, Matosinhos**

Dama minha gentil, que te quitaste
Tão cedo nesta vida tão ferida,
Repousa em terra fria, reprimida,
E vive lá na escrita sempre triste.

Se no repouso etéreo em que a letra
Memória desta vida nos pressente,
Não te esqueças daquele amor ausente
Que foi nos olhos meus pura partita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa dor que dizes que te ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-me,

Rogo a Deus, que meus anos encurtou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me apartou.

* Escolhi este poema, pois a mensagem do diálogo entre amor e perda, a ausência da amada, celebrada na sua memória eterna na escrita é expressa pela delicadeza das palavras e pelo tom melancólico que destaca a fragilidade humana diante do tempo e da separação.

*João Sá, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha hostil, que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no Céu avidamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no apoio eterno, onde sorriste
Desprezo desta vida se desmente,
Não te lembres daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão claro existe.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Pede a Zeus, que teus dias limitou,
Que tão tarde de cá me leve a crer-te,
Quão cedo de meus braços te roubou.

* Este poema, profundamente melancólico, reflete o luto e a dor da separação, mas também a devoção eterna. A voz poética, resignada na tristeza terrena, clama por uma conexão espiritual com a alma perdida. A beleza clássica dos versos captura o conflito entre a saudade mortal e a esperança no consolo divino.

*Leonardo Marçal, 10.º ano, Matosinhos**

Sina minha hostil, que te urdiste
Tão tarde desta vida inocente,
Enfada lá no Céu obediente
E curta eu cá na cova sempre triste.

Se lá no banco etéreo, onde cingiste,
Lembrete desta vida se pressente,
Não te lembres daquele pudor ausente
Que já nos dentes meus tão turvo existe.

E se vires que pode acender-te
Nenhuma cousa a luz que me lesou
Da pena, sem socorro, de perder-te,

Grita a Ra, que teus atos encolheu,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão tarde de meus olhos te tomou.

* Escolhi esta variação do soneto de Camões pela variedade de palavras interessantes que tem, bem como por conseguir mudar tantas das palavras mantendo o mesmo significado.

*Leonardo Marçal, 10.º ano, Matosinhos**

Barca minha senil, que te purgaste
Tão tarde nesta fala tão ferida,
Cochila em urna calma, corroída,
E curte lá na treta nunca triste.

Se no apoio etéreo em que a tinta
Sumário desta terra nos pressente,
Não te escapes daquele tumor temente
Que foi nos pulsos meus clara visita.

Daqui não sei de que possa convir-me
Essa luz que dizes que te curou
Da festa, sem reparo, de achar-me,

Peço a Thor, que meus ecos aumentou,
Que tão logo não te tapem meus pulsos,
Que por bem de teus dentes me furtou.

* Escolhi esta variação do soneto inventado de Dinamene para Camões porque considero que as palavras alteradas dão mais expressividade aos versos.

*Mafalda Gonçalves, 10.º ano, Matosinhos**

Calma minha gentil, que te despiste
Tão tarde desta poda conivente,
Leveda lá no breu irreverente
E prive eu cá na fossa nunca triste.

Se lá no espanto ovídeo, onde subiste,
Vestígio desta poda se desmente,
Não te safes daquele furor doente
Que já nos lábios meus tão turvo ouviste.

E se vires que pode aprazer-te
Nenhuma cousa a dor que me rogou
Da pena, sem dilema, de salvar-te,

Manda a Deus, que teus ecos encurtou,
Que tão tarde de cá me leve a ver-te,
Quão tarde de meus pulsos te tirou.

* Escolhi o soneto A pois considerei interessante a relação entre “podar” e a “morte” de Dinamene. Esta imagem da “poda” transporta-nos para a ideia de que tiraram Dinamene da vida da terra muito cedo.

*Mafalda Gonçalves, 10.º ano, Matosinhos**

Casa minha gentil, que te quebraste
Tão cedo nesta vida tão temida,
Sepulta em terra fria, reprimida,
E fica lá na escrita sempre triste.

Se no assento eterno em que a escrita
Lembrança desta vida nos consente,
Não te livres daquele amor ausente
Que foi nos olhos meus pura mesquita.

Daqui não sei de que possa custar-me
Essa dor que dizes que te ficou
Da mágoa, sem remédio, de esquecer-me,

Peço a Deus, que meus anos encurtou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me tomou.

* Escolhi o soneto B pois penso que é importante a forma como se expressa a mensagem de Dinamene, o eventual afastamento entre a perspetiva de Camões e de Dinamene.

*Mafalda Madureira, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha gentil, que te faliste
Tão cedo desta terra insolente,
Sossega lá no Céu cinicamente
E viva eu cá na fossa sempre triste.

Se lá no apoio eterno, onde subiste,
Lembrança desta morte se consente,
Não te esqueças daquele amor ausente
Que já nos olhos meus tão claro viste.

E se vires que pode merecer-te
Nenhuma cousa a luz que me culpou
Da raiva, sem remédio, de deixar-te,

Prega a Deus, que teus anos encolheu,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus lábios te roubou.

* Escolhi estas palavras para este soneto porque faz lembrar a dor que Camões sentiu ao ter perdido a Dinamene.

*Mafalda Madureira, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha gentil, que te voaste
Tão cedo nesta vida tão sentida,
Descansa em terra ardente, oprimida,
E sofre lá na escrita sempre triste.

Se no espanto eterno em que a escrita
Relato desta vida nos consente,
Não te livres daquele rumor ausente
Que foi nos dedos meus pura desdita.

Daqui não sei de que possa ajudar-me
Essa voz que dizes que te cegou
Da raiva, sem segredo, de escrever-me,

Grito a Deus, que meus anos encurtou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me levou.

* Escolhi este soneto pois para mim estas palavras fazem lembrar o que Dinamene terá sentido depois da sua morte.

*Margarida Silva, 10.º ano, Matosinhos**

Chama minha ardil, que te feriste
Tão cedo desta vida penitente,
Serena lá no Céu eternamente
E morra eu cá na furna sempre triste.

Se lá no espanto etéreo, onde sumiste,
Desprezo desta vida se pressente,
Não te isentes daquele alvor ardente
Que já nos lábios meus tão turvo existe.

E se vires que pode comover-te
Alguma cousa a dor que me lesou
Da mágoa, sem socorro, de esquecer-te,

Clama a Deus, que teus atos limitou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus braços te tomou.

* Escolhi este soneto pois mostra-nos o sofrimento sentido por Camões após perder a sua amada. A meu ver, as rimas utilizadas intensificam a angústia do sujeito poético.

*Margarida Silva, 10.º ano, Matosinhos**

Graça minha subtil, que te fartaste
Tão logo nesta fala tão traída,
Acalma em obra eterna, iludida,
E sofre lá na letra sempre triste.

Se no repouso etéreo em que a escrita
Vestígio desta pena nos consente,
Não te escapes daquele alvor dolente
Que foi nos braços meus clara desdita.

Daqui não sei de que possa acudir-me
Essa dor que dizes que te cegou
Da mágoa, sem conserto, de perder-me,

Prego a Deus, que meus dias sossegou,
Que tão cedo não te leiam meus olhos,
Que por bem de teus lábios me roubou.

* Escolhi este soneto como resposta de Dinamene pois clarifica o sentimento de mágoa. Considero que esta escrita está relacionada com a memória e com o amor que aos olhos do sujeito poético foi puro sofrimento.

*Maria Leonor Fonseca Camões, 10.º ano, Matosinhos**

Dama minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta era inocente,
Respira lá no Céu eternamente
E sofra eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento humano, onde sorriste
Desprezo desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro existe.

E se vires que pode reviver-te
Alguma cousa a dor que me lixou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Pede a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus lábios te levou.

* Escolhi este soneto porque penso que é a versão que ilustra bem a mensagem que Camões quis passar, mostrando muita mágoa e sentimento.

*Maria Leonor Fonseca Camões, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha gentil, que te cansaste
Tão cedo nesta vida tão sentida,
Sossega em casa meiga, contraída,
E vive lá na escrita sempre triste.

Se no descanso eterno em que a letra
Memória desta escrita nos consente,
Não te esqueças daquele amor doente
Que foi nos olhos meus suja pepita.

Daqui não sei de que possa atrair-me
Essa dor que dizes que te ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-me,

Rezo a Deus, que meus anos encurtou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus pulsos me roubou.

* Escolhi este soneto porque considero que contém as palavras certas para expressar o sofrimento que Dinamene também terá sentido. A musicalidade das palavras é também interessante.

*Maria Margarida Teixeira, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha gentil, que te feriste
Tão cedo desta vida descontente,
Sossega lá no Céu obediente
E sofra eu cá na fossa sempre triste.

Se lá no leito etéreo, onde subiste,
Lembrança desta vida se desmente,
Não te lembres daquele horror doente
Que já nos lábios meus tão claro ouviste.

E se vires que pode comover-te
Nenhuma cousa a dor que me culpou
Da raiva, sem socorro, de perder-te,

Clama a Deus, que teus anos limitou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

* Escolhi estas palavras para este soneto porque me faz compreender melhor a dor que Camões sentiu quando perdeu Dinamene.

*Maria Margarida Teixeira, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha gentil, que te privaste
Tão cedo nesta vida tão ferida,
Sossega em terra fria, escondida,
E tomba lá na tinta sempre triste.

Se no leito etéreo em que a escrita
Lembrança desta escrita nos consente,
Não te esqueças daquele odor doente
Que foi nos olhos meus clara visita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa dor que dizes que te ditou
Da pena, sem remédio, de esquecer-me,

Grito a Deus, que meus anos sossegou,
Que tão cedo não te sujem meus braços,
Que por bem de teus braços me levou.

* Escolhi estas palavras para este soneto porque me faz pensar no que a Dinamene terá sentido quando partiu para o céu eterno.

*Matilde Mota, 10.º ano, Matosinhos**

Dama minha gentil, que te sumiste
Tão precoce desta vida inocente,
Descansa lá no breu comodamente
E dure eu cá na gruta sempre.

Se lá no assento etéreo, onde surgiste,
Vestígio desta era se consente,
Não te isentes daquele amor fervente
Que já nos olhos meus tão claro viste.

E se vires que pode comover-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da raiva, sem socorro, de deixar-te,

Clama a Deus, que teus dias limitou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus braços te furtou.

* Optei por este poema porque senti que era o que mais representava a ideia de tudo o que queria mudar nos poemas originais. Usei palavras semelhantes nos dois porque queria transmitir que os sentimentos presentes na resposta da Dinamene eram diferentes dos sentimentos de Camões, apesar de apresentarem as mesmas palavras.

*Matilde Mota, 10.º ano, Matosinhos**

Casa minha gentil, que te cansaste
Tão cedo nesta vida tão ferida,
Dormita em cova seca, deprimida,
E vive lá na escrita perpetuamente triste.

Se no assento etéreo em que a escrita
Sinopse desta era nos consente,
Não te livres daquele amor ausente
Que foi nos olhos meus clara desdita.

Daqui não sei de que possa convir-me
Essa angústia que dizes que te cegou
Da raiva, sem socorro, de deixar-me,

Clamo a Deus, que meus dias limitou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus braços me furtou.

* Optei por este poema porque senti que era o que mais representava a ideia de tudo o que queria mudar nos poemas originais. Usei palavras semelhantes nos dois porque queria transmitir que os sentimentos presentes na resposta da Dinamene eram diferentes dos sentimentos de Camões, apesar de apresentarem as mesmas palavras.

Casa minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Descansa lá no Céu eternamente
E morra eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento eterno, onde subiste,
Memória desta vida se pressente,
Não te esqueças daquele amor carente
Que já nos braços meus tão puro viste.

E se vires que pode reviver-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de deixar-te,

Pede a Deus, que teus anos reduziu,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

* Consigo identificar-me mais com estas palavras, estando mais relacionadas com a minha forma de pensar. Sinto que as palavras se completam e formam as frases claras, expressando a saudade que Camões sente pela Dinamene.

*Mariana Vilas-Boas, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha gentil, que te livraste
Tão cedo nesta vida tão temida,
Descansa em terra calma, falecida,
E vive lá na escrita sempre triste.

Se no sossego eterno em que a escrita
Lembrança desta vida nos pressente,
Não te esqueças daquele amor fluente
Que foi nos olhos meus pura desdita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa dor que dizes que te ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-me,

Grito a Deus, que meus anos encurtou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me apartou.

* Este soneto explora interessantemente a eventual distância entre Camões e Dinamene, talvez não fossem assim tão próximos como Camões expressou na sua escrita.

*Pedro Monteiro, 10.º ano, Matosinhos**

Casa minha subtil, que te partiste
Tão cedo desta poda dependente,
Cochila lá no Sul liricamente
E viva eu cá na vila sempre triste.

Se lá no banco etéreo, onde partiste,
Lembrança desta fauna se pressente,
Não te isentes daquele vapor carente
Que já nos dedos meus tão baço ouviste.

E se vires que pode remoer-te
Nenhuma cousa a luz que me lixou
Da raiva, sem remédio, de usar-te,

Prega a Pã, que teus anos encolheu,
Que tão tarde de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus braços te furtou.

* O léxico e o ritmo do poema transformam a mensagem em algo especial e incomum.

*Pedro Monteiro, 10.º ano, Matosinhos**

Dama minha hostil, que te esvaíste
Tão cedo desta era penitente,
Acalma lá no breu omnipresente
E fine eu cá na fossa sempre triste.

Se lá no espanto etéreo, onde curtiste,
Descuido desta tribo se consente,
Não te livres daquele humor ausente
Que já nos lábios meus tão alvo ouviste.

E se vires que pode reviver-te
Nenhuma cousa a luz que me lixou
Da graça, sem dilema, de usar-te,

Pede a Thor, que teus anos sossegou,
Que tão cedo de cá me leve a crer-te,
Quão cedo de meus olhos te tomou.

* O poema transmite a mensagem com um vocabulário mais próximo da nossa vida, do nosso tempo.

*Raquel Silva, 10.º ano, Matosinhos**

Ama minha servil, que te despiste
Tão tarde desta morte impotente,
Acalma lá no Céu obediente
E fique eu cá na terra nunca triste.

Se lá no leito eterno, onde sumiste,
Desprezo desta morte se desmente,
Não te safes daquele tumor doente
Que já nos lábios meus tão mudo existe.

E se vires que pode comover-te
Alguma cousa a voz que me lixou
Da festa, sem saída, de topar-te,

Grita a Zeus, que teus anos sossegou,
Que tão tarde de cá me leve a ter-te,
Quão tarde de meus lábios te tirou.

* O soneto apresenta uma espécie de sátira, de desconcerto, afastando-se de um espírito habitual de romantismo.

*Raquel Silva, 10.º ano, Matosinhos**

Coima minha febril, que te fartaste
Tão tarde nesta fala tão traída,
Acalma em vala fria, erodida,
E sofre lá na letra sempre triste.

Se no banco humano em que a treta
Lembrança desta vida nos desmente,
Não te safes daquele alvor dolente
Que foi nos lábios meus suja visita.

Daqui não sei de que possa assistir-me
Essa voz que dizes que te citou
Da festa, sem amparo, de topar-me,

Imponho a Zeus, que meus anos encurtou,
Que tão cedo não te citem meus olhos,
Que por bem de teus lábios me roubou.

* Este soneto faz-me lembrar o género cantigas de escárnio, em sequência do léxico selecionado.

*Raul Pereira, 10.º ano, Matosinhos**

Chama minha ardil, que te esvaíste
Tão cedo desta terra penitente,
Relaxa lá no Céu eternamente
E dure eu cá na fossa sempre triste.

Se lá no leito etéreo, onde fugiste,
Vestígio desta terra se pressente,
Não te isentes daquele amor carente
Que já nos lábios meus tão puro existe.

E se vires que pode reviver-te
Alguma cousa a luz que me cegou
Da raiva, sem socorro, de querer-te,

Reza a Thor, que teus dias limitou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus lábios te roubou.

* Escolhi alterar o soneto desta forma pois realça o desejo de Camões por Dinamene.

*Raul Pereira, 10.º ano, Matosinhos**

Coima minha hostil, que te cansaste
Tão cedo nesta terra tão ferida,
Descansa em água seca, consumida,
E tomba lá na letra sempre triste.

Se no repouso eterno em que a letra
Resenha desta era nos desmente,
Não te livres daquele horror fulgente
Que foi nos lábios meus baça partita.

Daqui não sei de que possa importar-me
Essa luz que dizes que te negou
Da mágoa, sem emenda, de perder-me,

Uivo a Thor, que meus dias encurtou,
Que tão tarde não te fitem meus olhos,
Que por bem de teus lábios me roubou.

* Escolhi alterar assim o soneto, pois enfatiza a falta de interesse da Dinamene por Camões.

*Renata Mestre Rajão, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha gentil, que te sumiste
Tão cedo desta morte condolente,
Respira lá no Céu suavemente
E ande eu cá na terra sempre triste.

Se lá no leito eterno, onde subiste,
Lembrança desta vida se consente,
Não te escapes daquele amor doente
Que já nos braços meus tão puro existe.

E se vires que pode reviver-te
Alguma cousa a voz que me culpou
Da raiva, sem saída, de salvar-te,

Clama a Sol, que teus dias limitou,
Que tão cedo de cá me leve a crer-te,
Quão cedo de meus braços te tirou.

* O soneto apresenta uma escolha de palavras que intensificam os sentimentos de dor e sofrimento de Camões.

*Renata Mestre Rajão, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha gentil, que te culpaste
Tão cedo nesta pena tão temida,
Acalma em zona fria, dolorida,
E fica lá na escrita sempre triste.

Se no repouso eterno em que a escrita
Sinopse desta terra nos consente,
Não te safes daquele amor ausente
Que foi nos braços meus pura visita.

Daqui não sei de que possa ajudar-me
Essa dor que dizes que te ficou
Da raiva, sem amparo, de ouvir-me,

Clamo a Deus, que meus luxos encurtou,
Que tão cedo não te chamem meus olhos,
Que por bem de teus olhos me tirou.

* Este soneto aprofunda os sentimentos de frustração e de raiva de Dinamene, indicando-se a falsidade e a ausência do verdadeiro amor durante o seu tempo na terra, antes da morte.

*Rodrigo das Neves Ferreira, 10.º ano, Matosinhos**

Dama minha gentil, que te faliste
Tão tarde desta terra influente,
Serena lá no Céu eticamente
E ande eu cá na tumba sempre triste.

Se lá no assento ovídeo, onde buliste,
Vestígio desta era se consente,
Não te livres daquele alvor fulgente
Que já nos cílios meus tão mudo urdiste.

E se vires que pode acender-te
Nenhuma cousa a dor que me ficou
Da graça, sem remédio, de salvar-te,

Reza a Deus, que teus anos limitou,
Que tão tarde de cá me leve a ver-te,
Quão tarde de meus pulsos te levou.

* Escolhi este soneto por apresentar trocas de palavras muito engraçadas, muito peculiares.

*Rodrigo das Neves Ferreira, 10.º ano, Matosinhos**

Chama minha gentil, que te rumaste
Tão cedo nesta tribo tão falida,
Respira em obra terna, coagida,
E tomba lá na treta sempre triste.

Se no descanso etéreo em que a escrita
Lembrança desta pena nos consente,
Não te esqueças daquele alvor dolente
Que foi nos lábios meus plena visita.

Daqui não sei de que possa amparar-me
Essa dor que dizes que te sarou
Da farra, sem recurso, de topar-me,

Grito a Zeus, que meus anos estendeu,
Que tão logo não te soem meus braços,
Que por bem de teus cílios me furtou.

* Este soneto mantém a mensagem original, ainda que com outras palavras. Este novo léxico é interessante e desconcertante.

*Tomás Salvador Silva, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta terra imprudente,
Respira lá no Céu liricamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no banco etéreo, onde subiste,
Vestígio desta vida se pressente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos braços meus tão claro existe.

E se vires que pode comover-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem saída, de perder-te,

Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus braços te tirou.

* Seleccioni este texto, pois não se desvia muito do original, mas alguns pequenos detalhes mudam o poema.

*Tomás Salvador Silva, 10.º ano, Matosinhos**

Turma minha hostil, que te livraste
Tão cedo nesta terra tão querida,
Acalma em obra ardente, corroída,
E vive lá na escrita sempre triste.

Se no assento eterno em que a escrita
Vestígio desta vida nos consente,
Não te esqueças daquele humor fluente
Que foi nos olhos meus pura visita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa dor que dizes que te safou
Da mágoa, sem remédio, de perder-me,

Peço a Deus, que meus anos encurtou,
Que tão tarde não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me tirou.

* Escolhi este soneto para simbolizar a tristeza da divisão das turmas pela qual todos os alunos passam ao longo dos anos de escolaridade.

*Xavier da Silva Queirós, 10.º ano, Matosinhos**

Chama minha gentil, que te sumiste
Tão cedo desta vida insolente,
Repousa lá no Céu eternamente
E viva eu cá na fossa sempre triste.

Se lá no espanto etéreo, onde buliste,
Memória desta vida se desmente,
Não te esqueças daquele rumor ardente
Que já nos pulsos meus tão puro viste.

E se vires que pode reviver-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem socorro, de perder-te,

Prega a Deus, que teus luxos limitou,
Que tão tarde de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

* Escolhi esta obra, pois reflete o estilo de texto usado por Camões na obra original, adicionando-lhe, porém, um toque muito subtil.

*Xavier da Silva Queirós, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha viril, que te fundiste
Tão tarde desta poda dissidente,
Acalma lá no Céu eticamente
E cesse eu cá na furna sempre triste.

Se lá no espanto aéreo, onde surgiste,
Desleixo desta poda se pressente,
Não te esqueças daquele ardor fulgente
Que já nos lábios meus tão claro urdiste.

E se vires que pode remoer-te
Nenhuma cousa a voz que me culpou
Da pena, sem remédio, de salvar-te,

Roga a Pã, que teus atos reduziu,
Que tão tarde de cá me leve a ser-te,
Quão tarde de meus braços te tomou.

* Neste soneto, o estilo fica marcado por um vocabulário sofisticado e imagens poéticas, como “espanto aéreo” e “ardor fulgente”, que evocam uma tensão entre o divino e o terreno. A voz poética reflete sobre a perda e a busca por uma reconexão espiritual, mas utilizando invocações inusitadas, como “roga a Pã”... A linguagem elevada e as metáforas, combinadas com o tom melancólico, destacam a luta contra a dor da separação.

*Maria Pereira, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha gentil, que te sumiste
Tão cedo desta terra exigente,
Relaxa lá no Sol eternamente
E dure eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento eterno, onde sorriste
Lembrança desta vida se desmente,
Não te livres daquele amor quente
Que já nos olhos meus tão claro viste.

E se vires que pode acender-te
Alguma cousa a dor que me calhou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Pede a Deus, que teus anos limitou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

* A escolha de palavras e imagens, como “Sol eternamente” e “amor quente”, cria uma atmosfera de saudade e desejo, evidenciando a dor da perda. O vocabulário deste poema permite-me compreender a mensagem facilmente.

*Maria Pereira, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha gentil, que te quebraste
Tão cedo nesta vida tão sentida,
Relaxa em terra calma, condoída,
E vive lá na escrita sempre triste.

Se no apoio eterno em que a escrita
Lembrete desta escrita nos presente,
Não te esqueças daquele amor fluente
Que foi nos olhos meus clara visita.

Daqui não sei de que possa ajudar-me
Essa dor que dizes que te lesou
Da mágoa, sem remédio, de perder-me,

Peço a Deus, que meus anos encurtou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me levou.

* Este soneto mantém a mensagem original, ainda que com um léxico mais moderno, mais próximo do nosso tempo.

*Afonso Silva, 10.º ano, Matosinhos**

Chama minha ardil, que te fundiste
Tão cedo desta era indolente,
Dormita lá no Sol eternamente
E dure eu cá na pátria nunca triste.

Se lá no leito eterno, onde partiste,
Lembrança desta era se pressente,
Não te escapes daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão pleno urdiste.

E se vires que pode acender-te
Alguma cousa a luz que me ceifou
Da raiva, sem saída, de lembrar-te,

Reza a Deus, que teus fios encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus lábios te tirou.

* Escolhi este poema porque ao lermos este soneto observa-se uma associação da chama e luz à suposta amada de Camões, Dinamene, que alegadamente partiu do mundo dos vivos e chegou à vida eterna. Acredito que este poema cria no meu ser uma tremenda dor e pena pelo poeta pois acaba de perder a sua suposta amante deixando-o sem vontade de viver.

*Afonso Silva, 10.º ano, Matosinhos**

Casa minha hostil, que te salvaste
Tão cedo nesta terra tão ungida,
Sossega em obra seca, abatida,
E sofre lá na letra sempre triste.

Se no sossego eterno em que a tinta
Vestígio desta vida nos consente,
Não te isentes daquele pudor cadente
Que foi nos lábios meus clara pepita.

Daqui não sei de que possa contar-me
Essa voz que dizes que te cegou
Da raiva, sem aperto, de escrever-me,

Berro a Deus, que meus atos sossegou,
Que tão tarde não te escrevam meus braços,
Que por bem de teus pulsos me tomou.

* Neste soneto, é possível perceber-se que se dá uma ligeira ênfase ao processo de escrita. Também se observa uma tentativa do sujeito poético aliviar o destinatário da mensagem, com o objetivo de o tranquilizar na sequência da sua partida, relembrando-lhe o seu alegado amor e devoção para com o sujeito poético.

*Ana Magalhães, 10.º ano, Matosinhos**

Chama minha ardil, que te esvaíste
Tão cedo desta terra exigente,
Relaxa lá no breu comodamente
E fique eu cá na campa sempre triste.

Se lá no espanto etéreo, onde surgiste,
Lembrete desta era se consente,
Não te isentes daquele humor ardente
Que já nos braços meus tão pleno urdiste.

E se vires que pode comover-te
Alguma cousa a voz que me culpou
Da raiva, sem saída, de querer-te,

Grita a Deus, que teus ecos sossegou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus lábios te tomou.

* Optei por palavras que dão um tom mais intenso e revoltado ao poema, como “breu” em vez de “Céu” e “raiva” em vez de “mágoa”, para mostrar uma dor mais desesperada. Também troquei termos ligados à visão por outros mais físicos, tornando o sentimento de perda mais direto e marcante.

*Ana Magalhães, 10.º ano, Matosinhos**

Chama minha ardil, que te privaste
Tão cedo nesta era tão tingida,
Sossega em terra eterna, esvaída,
E sofre lá na escrita sempre triste.

Se no leito eterno em que a escrita
Sinopse desta era nos consente,
Não te isentes daquele amor cadente
Que foi nos lábios meus pura mesquita.

Daqui não sei de que possa acudir-me
Essa voz que dizes que te calou
Da mágoa, sem mistério, de escrever-me,

Grito a Deus, que meus ecos sossegou,
Que tão cedo não te fixem meus olhos,
Que por bem de teus olhos me tirou.

* Estas palavras dão um tom mais intenso e enigmático ao poema. “Chama” transmite algo efêmero, sendo que “privaste” dá a ideia de perda voluntária. “Sinopse” sugere um resumo da vida e “cadente” reforça a ideia de algo que desaparece. “Grito a Deus” mostra desespero, enquanto “fixem” transmite uma sensação de paralisia.

*Ana Rasteiro, 10.º ano, Matosinhos**

Chama minha ardil, que te urdiste
Tão cedo desta terra condolente,
Agita lá no breu eternamente
E sofra eu cá na fossa sempre triste.

Se lá no leito erróneo, onde cingiste,
Memória desta verve se desmente,
Não te livres daquele amor dolente
Que já nos olhos meus tão baço urdiste.

E se vires que pode abater-te
Alguma cousa a voz que me culpou
Da mágoa, sem socorro, de rever-te,

Prega a Deus, que teus luxos limitou,
Que tão tarde de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus cílios te tirou.

* Escolhi este soneto, pois penso que é muito criativa a ideia de retratar um possível ódio ou remorso que Camões possa ter ficado desde a morte de Dinamene.

*Ana Rasteiro, 10.º ano, Matosinhos**

Coima minha hostil, que te cansaste
Tão tarde nesta pena tão ferida,
Respalda em vala fria, poluída,
E fica lá na pauta sempre triste.

Se no espanto humano em que a pauta
Vestígio desta letra nos pressente,
Não te esqueças daquele horror doente
Que foi nos lábios meus clara desdita.

Daqui não sei de que possa importar-me
Essa luz que dizes que te fitou
Da graça, sem aperto, de perder-me,

Clamo a Deus, que meus anos sossegou,
Que tão cedo não te fitem meus olhos,
Que por bem de teus braços me tomou.

* Neste soneto, o “eu” lírico (Dinamene) expressa a ideia de estar marcado por um sofrimento antigo e permanente, algo que foi causado por Camões, e que não pode ser esquecido. Também se refere a uma “luz” que a outra pessoa diz ter encontrado, talvez uma ilusão de salvação ou esperança, o que me desperta bastante interesse, sendo uma maneira de ver as coisas de outra forma.

*Beatriz Venâncio Marques Maurício, 10.º ano, Matosinhos**

Dama minha gentil, que te sumiste
Tão cedo desta vida exigente,
Respira lá no Céu suavemente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento aéreo, onde subiste,
Memória desta terra se pressente,
Não te isentes daquele amor doente
Que já nos olhos meus tão puro viste

E se vires que pode ofender-te
Alguma cousa a luz que me cegou
Da mágoa, sem remédio, de querer-te,

Impõe a Deus, que teus dias reduziu,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus olhos te tirou.

* Escolhi este soneto pela profundidade emocional e pela forma como aborda a dor da perda e a saudade. A mistura entre o amor eterno e a ausência da amada cria uma conexão imediata com sentimentos, tornando-o uma obra poética tocante e poderosa.

*Beatriz Venâncio Marques Maurício, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha gentil, que te cessaste
Tão cedo nesta terra tão sentida,
Repousa em água seca, poluída,
E vive lá na escrita sempre triste.

Se no descanso etéreo em que a escrita
Memória desta vida nos consente,
Não te escapes daquele amor ausente
Que foi nos olhos meus plena pepita.

Daqui não sei de que possa servir-me
Essa luz que dizes que te cegou
Da pena, sem emenda, de perder-me,

Rogo a Deus, que meus dias encurtou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me levou.

* Escolhi este soneto pela sua expressão melancólica. A imagem da “água seca, poluída” e a procura pela memória do amor perdido criam uma sensação de tristeza profunda. O que me chamou mais a atenção foi a metáfora “plena pepita”, que ajuda o leitor a interpretar o soneto tirando conclusões em relação ao sentimento de Dinamene por Camões.

*Camila Diz, 10.º ano, Matosinhos**

Ama minha senil, que te faliste
Tão cedo desta tribo prepotente,
Sossega lá no Sul incoerente
E cesse eu cá na pátria sempre triste.

Se lá no espanto etéreo, onde fugiste,
Vestígio desta poda se desmente,
Não te escapes daquele amor fervente
Que já nos lábios meus tão mudo urdiste.

E se vires que pode comover-te
Nenhuma cousa a voz que me cegou
Da farra, sem dilema, de manter-te,

Reza a Deus, que teus elos reduziu,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus dedos te tomou.

* Este soneto demonstra a angústia e a frustração do amor que sofreu uma separação, questionando-se sobre a forma como a amada se afastou, enquanto reza para que a conexão entre eles não se quebre. O tom é de dor e sofrimento.

*Camila Diz, 10.º ano, Matosinhos**

Chama minha viril, que te quebraste
Tão cedo nesta escrita tão despida,
Descansa em tela falsa, contraída,
E fina lá na letra nunca triste.

Se no assento ovídeo em que a treta
Vestígio desta fauna nos consente,
Não te safes daquele furor temente
Que foi nos olhos meus muda partida.

Daqui não sei de que possa ajudar-me
Essa voz que dizes que te safou
Da raiva, sem mistério, de perder-me,

Rezo a Ra, que meus atos dilatou,
Que tão cedo não te tapem meus pulsos,
Que por bem de teus braços me levou.

* Neste soneto, Dinamene põe em causa o amor de Camões, referindo que as palavras de amor são “tela falsa” e uma escrita “despida”. As diferentes perspetivas são, aqui, bem patentes, explorando a dicotomia “realidade”, “ficção”.

*Carolina Valente Folha, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida inocente,
Repousa lá no Céu eternamente
E fique eu cá na terra sempre triste.

Se lá no leito eterno, onde partiste,
Memória desta vida se consente,
Não te livres daquele amor fervente
Que já nos olhos meus tão puro existe.

E se vires que pode comover-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da pena, sem dilema, de perder-te,

Roga a Deus, que teus dias encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus braços te levou.

* O que me levou a escolher estas palavras foi o facto de o poema ganhar outro significado e sentido, tornando-o mais intenso e atual. Também gostei do ritmo destas palavras e da maneira como enquadram o poema. Considero que Camões iria escrever a Dinamene com muita saudade, mágoa e luto profundo pelo facto de esta já não se encontrar na Terra, situação que traz a Camões muita emoção e tristeza severa.

*Carolina Valente Folha, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha gentil, que te fartaste
Tão cedo nesta vida tão sentida,
Repousa em água fria, falecida,
E vive lá na treita sempre triste.

Se no repouso etéreo em que a escrita
Vestígio desta escrita nos consente,
Não te livres daquele amor fluente
Que foi nos olhos meus pura desdita.

Daqui não sei de que possa servir-me
Essa dor que dizes que te ficou
Da mágoa, sem reparo, de perder-me,

Rezo a Deus, que meus dias encurtou,
Que tão tarde não te cansem meus olhos,
Que por bem de teus braços me tirou.

* O que me levou a escolher estas palavras foi o facto de o poema ganhar outro significado e sentido, tornando-o mais intenso e atual. Também gostei do ritmo destas palavras e da maneira como enquadram o poema. Considero que Dinamene iria responder a Camões com saudade e mágoa por não o ter mais a seu lado, pelo que a emoção inunda o poema.

*Danillo Silva, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha hostil, que te partiste
Tão tarde desta vida exigente,
Agita lá no Céu aridamente
E prive eu cá na fossa nunca triste.

Se lá no espanto humano, onde partiste,
Desprezo desta terra se consente,
Não te esqueças daquele ardor ausente
Que já nos lábios meus tão sujo existe.

E se vires que pode reviver-te
Alguma cousa a dor que me culpou
Da mágoa, sem saída, de esquecer-te,

Impõe a Deus, que teus dias encurtou,
Que tão tarde de cá me leve a ver-te,
Quão tarde de meus lábios te furtou.

* Escolhi este soneto em oposição ao soneto original, explorei com este trabalho o sentimento de desgosto de Camões pela sua amada, desejando inclusive a longevidade do seu encontro com ela após a morte. Vemos, assim, como uma pequena mudança de palavras pode causar uma diferença enorme na forma de enxergar o mundo.

*Danillo Silva, 10.º ano, Matosinhos**

Graça minha gentil, que te privaste
Tão cedo nesta vida tão temida,
Sossega em água fria, expelida,
E fica lá na escrita nunca triste.

Se no repouso eterno em que a escrita
Vestígio desta vida nos consente,
Não te esqueças daquele amor fluente
Que foi nos olhos meus clara desdita.

Daqui não sei de que possa servir-me
Essa dor que dizes que te fixou
Da mágoa, sem conserto, de achar-me,

Rogo a Deus, que meus atos encurtou,
Que tão cedo não te icem meus braços,
Que por bem de teus olhos me tirou.

* Neste segundo soneto, é demonstrado o amor e a ternura que a figura feminina tem por Camões, sacrificando os seus sentimentos com o desejar da demora do novo encontro com Camões e desejando-lhe uma longa vida, mesmo que para isso seja retardado o encontro do seu amor. Estes dois sonetos são prova como o oposto dos sentimentos pode ser uma mistura de dor e paixão.

*Eva Ramos, 10.º ano, Matosinhos**

Graça minha febril, que te esvaíste
Tão cedo desta fauna negligente,
Repousa lá no Céu finitamente
E sofra eu cá na terra sempre triste.

Se lá no apoio eterno, onde subiste,
Vestígio desta poda se consente,
Não te escapes daquele amor doente
Que já nos olhos meus tão sujo urdiste.

E se vires que pode remoer-te
Alguma cousa a voz que me lesou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Clama a Deus, que teus anos sossegou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus olhos te tomou.

* Selecionei este soneto de Camões para Dinamene, já que aborda conceitos como o amor e luto de perder alguém especial. A forma como os sentimentos são expressos e a maneira como esta poesia brinca com as palavras ilustra perfeitamente o seu estado emocional e também é marcante para quem a lê.

*Eva Ramos, 10.º ano, Matosinhos**

Graça minha febril, que te quebraste
Tão cedo nesta fauna tão sentida,
Repousa em terra eterna, condoída,
E anda lá na pauta sempre triste.

Se no assento eterno em que a escrita
Memória desta vida nos pressente,
Não te esqueças daquele amor doente
Que foi nos olhos meus suja visita.

Daqui não sei de que possa importar-me
Essa dor que dizes que te lesou
Da mágoa, sem remédio, de perder-me,

Clamo a Deus, que meus anos sossegou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me tomou.

* No meu ponto de vista, este soneto de Dinamene para Camões demonstra como este a amava intensamente, tornando-se um “amor doente”, visto que é possível observar que Dinamene não corresponde a esta paixão e até nem se sente triste, mas sim aliviada por ter partido e o ter deixado.

*Gonçalo Costa, 10.º ano, Matosinhos**

Coima minha ardil, que te partiste
Tão cedo desta tribo descontente,
Acalma lá no Sol eternamente
E curta eu cá na gruta sempre triste.

Se lá no banco etéreo, onde subiste,
Indício desta fauna se consente,
Não te safes daquele amor ardente
Que já nos cílios meus tão alvo ouviste.

E se vires que pode abater-te
Alguma cousa a dor que me cegou
Da pena, sem socorro, de perder-te,

Roga a Deus, que teus dias encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

* Escolhi este soneto porque a meu ver adequa-se profundamente aos sentimentos da mensagem do poema original e ao estado de espírito de Camões na altura em que terá perdido a sua amada Dinamene.

*Gonçalo Costa, 10.º ano, Matosinhos**

Arma minha hostil, que te raspaste
Tão tarde nesta fala tão ungida,
Enfada em vala ardente, diluída,
E anda lá na pauta nunca triste.

Se no apoio etéreo em que a tinta
Resenha desta fala nos pressente,
Não te safes daquele horror gemente
Que foi nos dentes meus plena mesquita.

Daqui não sei de que possa amparar-me
Essa dor que dizes que te gozou
Da raiva, sem segredo, de perder-me,

Uivo a Sol, que meus anos encurtou,
Que tão cedo não te mimem meus cílios,
Que por bem de teus pulsos me tirou.

* Escolhi este soneto pois, quando interpretado, podemos descobrir alguns sentimentos nos versos, tais como tristeza e desespero. Também considero algumas frases deste soneto muito interessantes, complexas, mas com um significado magnífico.

*Inês Correia, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha viril, que te fundiste
Tão cedo desta poda conivente,
Sepulta lá no Céu eternamente
E zombe eu cá na campa nunca triste.

Se lá no apoio etéreo, onde cingiste,
Indício desta terra se consente,
Não te livres daquele ardor cadente
Que já nos cílios meus tão pleno ouviste.

E se vires que pode remoer-te
Alguma cousa a luz que me ficou
Da pena, sem saída, de rever-te,

Impõe a Pã, que teus ecos serenou,
Que tão tarde de cá me leve a ver-te,
Quão tarde de meus lábios te levou.

* Escolhi este soneto pois explora a perda e saudade, provocando um tom melancólico e refletivo. A linguagem poética intensifica o peso emocional do soneto.

*Inês Correia, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha hostil, que te culpaste
Tão logo nesta fauna tão cingida,
Leveda em vila fresca, abatida,
E zomba lá na pauta sempre triste.

Se no apoio eterno em que a escrita
Minuta desta tribo nos desmente,
Não te escapes daquele tumor ausente
Que foi nos pulsos meus alva desdita.

Daqui não sei de que possa ajudar-me
Essa luz que dizes que te fixou
Da farra, sem aperto, de achar-me,

Berro a Zeus, que meus anos serenou,
Que tão logo não te icem meus olhos,
Que por bem de teus lábios me tirou.

* Este soneto combina culpa e melancolia, criando um sentimento poderoso e de conflito intenso.

*Irene Mendes, 10.º ano, Matosinhos**

Dama minha civil, que te faliste
Tão tarde desta verve negligente,
Cochila lá no Sul penosamente
E fique eu cá na furna sempre triste.

Se lá no apoio eterno, onde fugiste,
Lembrete desta poda se desmente,
Não te lembres daquele humor fulgente
Que já nos braços meus tão turvo ouviste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a luz que me ceifou
Da pena, sem socorro, de rever-te,

Grita a Sol, que teus fios serenou,
Que tão tarde de cá me leve a ser-te,
Quão cedo de meus dedos te tomou.

* Este soneto retrata muito bem o amor que Camões sentia por Dinamene e a falta que a mesma fazia na vida dele, também considero que o jogo de palavras utilizado é mais sentimental e interessante.

*Irene Mendes, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha hostil, que te purgaste
Tão logo nesta letra tão fervida,
Agita em zona meiga, iludida,
E curte lá na tinta sempre triste.

Se no descanso aéreo em que a escrita
Lembrete desta fauna nos consente,
Não te isentes daquele odor dolente
Que foi nos pulsos meus pura mesquita.

Daqui não sei de que possa amparar-me
Essa luz que dizes que te fitou
Da farra, sem conserto, de topar-me,

Rezo a Sol, que meus luxos serenou,
Que tão logo não te fixem meus braços,
Que por bem de teus cílios me furtou.

* A meu ver este soneto consegue transmitir que Dinamene também sente falta de Camões mas ao mesmo tempo mostra que Dinamene considera o soneto de Camões exagerado e que a forma como encarou a sua morte não terá sido a mais adequada.

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida paciente,
Relaxa lá no Céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento eterno, onde partiste,
Lembrança desta vida se consente,
Não te safes daquele amor fervente
Que já nos olhos meus tão claro existe.

E se vires que pode reviver-te
Alguma cousa a dor que me lesou
Da mágoa, sem remédio, de lembrar-te,

Clama a Deus, que teus anos limitou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus lábios te roubou.

* Escolhi esse poema, pois fala sobre saudade e a dor de perder alguém. Os versos são bonitos. Camões é um grande poeta, sendo que o poema também traz uma ideia de esperança e reencontro depois da morte.

Alma minha gentil, que te livraste
Tão cedo nesta era tão doída,
Descansa em zona meiga, poluída,
E troca lá na letra sempre triste.

Se no assento aéreo em que a letra
Lembrança desta era nos desmente,
Não te livres daquele amor doente
Que foi nos olhos meus pura desdita.

Daqui não sei de que possa importar-me
Essa voz que dizes que te cifrou
Da raiva, sem segredo, de achar-me,

Clamo a Deus, que meus anos encurtou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me roubou.

* Escolhi esse poema, pois a exploração da musicalidade das palavras é interessante e aponta para as diferentes visões numa relação.

*Laura Carapinha, 10.º ano, Matosinhos**

Fama minha servil, que te abriste
Tão tarde desta morte conivente,
Enfada lá no Sol ilegalmente
E viva eu cá na tumba nunca triste.

Se lá no espanto ovídeo, onde curtiste,
Indício desta era se consente,
Não te isentes daquele vapor ardente
Que já nos dedos meus tão turvo ouviste.

E se vires que pode aprazer-te
Nenhuma cousa a dor que me ceifou
Da graça, sem saída, de perder-te,

Prega a Thor, que teus atos limitou,
Que tão cedo de cá me leve a ser-te,
Quão tarde de meus cílios te levou.

* Escolhi este soneto pois, a meu ver, transmite de forma bastante divertida e interessante a ideia essencial no poema original de Camões.

*Laura Carapinha, 10.º ano, Matosinhos**

Arma minha viril, que te cismaste
Tão tarde nesta tribo tão querida,
Agita em fala calma, oprimida,
E vive lá na pauta nunca triste.

Se no banco erróneo em que a tinta
Vestígio desta verve nos pressente,
Não te lembres daquele amor cadente
Que foi nos lábios meus clara partita.

Daqui não sei de que possa assistir-me
Essa voz que dizes que te calou
Da mágoa, sem conserto, de perder-me,

Rogo a Sol, que meus fios encurtou,
Que tão cedo não te fitem meus braços,
Que por bem de teus pulsos me furtou.

* Escolhi este soneto pois considero a escolha de palavras interessante e divertida. Por outro lado, este soneto transmite bem uma imagem do que eu imagino que aconteceria.

*Mariana Reis, 10.º ano, Matosinhos**

Casa minha viril, que te feriste
Tão tarde desta poda indolente,
Agita lá no Sol onnipotente
E dure eu cá na gruta sempre triste.

Se lá no assento aéreo, onde sumiste,
Desprezo desta poda se desmente,
Não te esqueças daquele humor carente
Que já nos lábios meus tão puro ouviste.

E se vires que pode abater-te
Nenhuma cousa a luz que me rogou
Da farra, sem remédio, de ouvir-te,

Prega a Sol, que teus luxos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ser-te,
Quão cedo de meus lábios te tirou.

* Na minha opinião, esta versão fez-me apreciar ainda mais a escrita de Camões, dando-me assim também a possibilidade de explorar a minha criatividade.

*Mariana Reis, 10.º ano, Matosinhos**

Chama minha subtil, que te culpaste
Tão cedo nesta terra tão punida,
Sepulta em terra fria, aturdida,
E vive lá na tinta sempre triste.

Se no assento eterno em que a letra
Memória desta vida nos consente,
Não te escapes daquele tumor doente
Que foi nos pulsos meus clara visita.

Daqui não sei de que possa convir-me
Essa voz que dizes que te cegou
Da mágoa, sem remédio, de achar-me,

Prego a Sol, que meus luxos encurtou,
Que tão cedo não te vejam meus pulsos,
Que por bem de teus lábios me tirou.

* Na minha opinião, esta versão fez-me apreciar ainda mais a poesia. É interessante reparar que a perspectiva de Dinamene é aqui muito perceptível, compreende-se bem aquilo que ela gostaria de transmitir a Camões.

*Martim Queirós, 10.º ano, Matosinhos**

Calma minha gentil, que te partiste
Tão tarde desta vida paciente,
Fatiga lá no Sol anualmente
E curta eu cá na vila nunca triste.

Se lá no assento etéreo, onde curtiste,
Lembrança desta fauna se consente,
Não te isentes daquele tumor ardente
Que já nos dentes meus tão baço existe.

E se vires que pode remoer-te
Nenhuma cousa a voz que me lesou
Da pena, sem mezinha, de achar-te,

Manda a Ra, que teus elos sossegou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão tarde de meus cílios te tirou.

* Escolhi este soneto pela sua melancolia e pelo apelo à memória de um amor perdido. A dor da separação e o desejo de reencontro são tocantes, refletindo a saudade e a fragilidade da existência. A sonoridade clássica e a emotividade intensa continuam a lembrar a poesia de Camões.

*Martim Queirós, 10.º ano, Matosinhos**

Cisma minha hostil, que te fartaste
Tão logo nesta terra tão falida,
Fatiga em moda quente, ofendida,
E sofre lá na tinta sempre triste.

Se no apoio erróneo em que a treta
Lembrete desta verve nos desmente,
Não te esqueças daquele ardor doente
Que foi nos braços meus suja mesquita.

Daqui não sei de que possa acudir-me
Essa voz que dizes que te ditou
Da graça, sem amparo, de reler-me,

Imponho a Zeus, que meus elos aumentou,
Que tão logo não te sujem meus pulsos,
Que por bem de teus braços me tirou.

* Escolhi este soneto pela sua troca de perspectiva, dando voz a Dinamene num tom de confronto e melancolia. A resposta ao lamento de Camões traz um caráter quase irónico, mas profundamente emotivo, refletindo mágoa. A linguagem cria um diálogo poético inesperado e intenso.

*Milena Siqueira, 10.º ano, Matosinhos**

Dama minha hostil, que te feriste
Tão cedo desta fauna exigente,
Acalma lá no Sul suavemente
E prive eu cá na vila sempre triste.

Sei lá no leito eterno, onde sorriste
Lembrança desta era se consente
Não te esqueças daquele amor cadente
Que já nos lábios meus tão puro urdiste.

E se vires que pode comover-te
Alguma cousa que a luz que me cegou
Da farra, sem dilema, de largar-te.

Clama a Deus, que teus luxos sossegou
Que tão cedo de cá me leve a ver-te
Quão cedo dos meus lábios te tomou.

* A meu ver, este soneto expressa uma dor profunda, envolta numa melodia suave e melancólica. A musicalidade dos versos reflete a luta entre a aceitação da perda e o desejo de reencontro. A separação precoce torna o tempo cruel, interrompendo um amor puro. O tom de prece no final transforma o poema num apelo a Deus, numa esperança de que a morte não seja o fim.

*Milena Siqueira, 10.º ano, Matosinhos**

Fama minha febril, que te culpaste
Tão tarde nesta fala tão ferida
Acalma em vila eterna, esvaída,
E fica lá na tinta nunca triste.

Se no leito eterno em que a tinta
Vestígio desta era nos consente,
Não te isentes daquele amor cadente,
Que foi nos lábios meus plena visita.

Daqui não sei de que possa importar-me
Essa dor que dizes que te chegou
Da farra, sem reparo, de achar-me

Clamo a Deus, que meus luxos alongou
Que tão cedo não te fixem meus dentes
Que por bem de teus lábios me levou.

* No meu ponto de vista, este soneto expressa sentimentos de culpa e arrependimento. O ritmo das palavras transmite tristeza, como se o eu lírico estivesse preso ao passado. A “tinta” simboliza memórias que não se apagam. No final, existe um pedido a Deus que algo do amor fique, mas também aceita que não há como voltar atrás.

*Pedro Rosa, 10.º ano, Matosinhos**

Casa minha gentil, que te feriste
Tão cedo desta vida impotente,
Acalma lá no Sol suavemente
E fique eu cá na cova sempre triste.

Se lá no espanto eterno, onde fugiste,
Vestígio desta era se consente,
Não te livres daquele amor doente
Que já nos braços meus tão pleno viste.

E se vires que pode comover-te
Alguma cousa a dor que me ceifou
Da mágoa, sem dilema, de perder-te,

Pede a Deus, que teus elos encolheu,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus pulsos te tomou.

* Escolhi este soneto, já que acredito que este jogo de palavras enaltece o amor de Camões por Dinamene de uma forma muito interessante.

*Pedro Rosa, 10.º ano, Matosinhos**

Coima minha fabril, que te cansaste
Tão tarde nesta era tão punida,
Enfada em cova seca, falecida,
E tomba lá na treta sempre triste.

Se no espanto eterno em que a treta
Lembrança desta pena nos desmente,
Não te livres daquele rumor ausente
Que foi nos olhos meus suja visita.

Daqui não sei de que possa importar-me
Essa voz que dizes que te ficou
Da mágoa, sem segredo, de esquecer-me,

Peço a Deus, que meus anos sossegou,
Que tão cedo não te chamem meus olhos,
Que por bem de teus lábios me tirou.

* Escolhi este soneto tendo em mente a ideia de maximizar a ironia de Dinamene, mantendo uma posição formal perante Camões.

*Rita Fontinhas, 10.º ano, Matosinhos**

Chama minha servil, que te esvaíste
Tão tarde desta vida dissidente,
Fatiga lá no Sul suavemente
E fine eu cá na vila nunca triste.

Se lá no apoio ovídeo, onde subiste,
Desleixo desta verve se consente,
Não te isentes daquele rumor carente
Que já nos dentes meus tão baço ouviste.

E se vires que pode demover-te
Nenhuma cousa a dor que me cegou
Da festa, sem remédio, de manter-te,

Prega a Sol, que teus elos reduziu,
Que tão tarde de cá me leve a ser-te,
Quão cedo de meus dentes te tirou.

* Escolhi este soneto pois transmite uma profunda dor de perda, que reflete o amor de Camões por Dinamene. A intensidade e a expressividade dos versos tornam o soneto único, expressando sentimentos que todos nós, de certa forma, já sentimos.

*Rita Fontinhas, 10.º ano, Matosinhos**

Graça minha gentil, que te cessaste
Tão logo nesta letra tão falida,
Serena em vila terna, oprimida,
E tomba lá na treta nunca triste.

Se no banco etéreo em que a tinta
Relato desta terra nos desmente,
Não te isentes daquele furor temente
Que foi nos lábios meus plena partita.

Daqui não sei de que possa custar-me
Essa voz que dizes que te sarou
Da raiva, sem emenda, de perder-me,

Imponho a Pã, que meus atos encurtou,
Que tão cedo não te cansem meus olhos,
Que por bem de teus pulsos me tirou.

* Escolhi este soneto pela forma como expressa a perda e a passagem do tempo, tornando-o nostálgico, refletindo sentimentos universais de ausência, saudade e resignação.

*Rodrigo Seabra, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha gentil, que te sumiste
Tão cedo desta vida descontente,
Relaxa lá no Céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde partiste,
Desleixo desta vida se desmente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão pleno viste.

E se vires que pode reviver-te
Alguma cousa a voz que me rogou
Da raiva, sem dilema, de largar-te,

Prega a Deus, que teus dias encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te tomou.

* Este poema, ainda que com algumas variações, continua associado aos sentimentos que Camões teria por Dinamene, muita mágoa e tristeza pela morte da sua amada. Este soneto prova que o amor pode mudar a vida de alguns.

*Rodrigo Seabra, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha subtil, que te migraste
Tão tarde nesta vida tão doída,
Repousa em terra fria, abatida,
E vive lá na escrita sempre triste.

Se no assento aéreo em que a escrita
Lembrete desta vida nos consente,
Não te esqueças daquele amor ausente
Que foi nos olhos meus pura desdita.

Daqui não sei de que possa importar-me
Essa dor que dizes que te ficou
Da mágoa, sem emenda, de ouvir-me,

Rogo a Deus, que meus anos encurtou,
Que tão cedo não te leiam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me levou.

* Escolhi esta resposta de Dinamene para Camões pois pareceu-me uma forma criativa de demonstrar o amor não correspondido.

*Rodrigo Tavares, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha gentil, que te feriste
Tão cedo desta fauna negligente,
Relaxa lá no breu suavemente
E viva eu cá na campa sempre triste.

Se lá no banco etéreo, onde partiste,
Vestígio desta vida se consente,
Não te livres daquele vapor fervente
Que já nos olhos meus tão puro existe.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem saída, de perder-te,

Reza a Deus, que teus fios serenou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

* Escolhi este soneto pois achei que possuía um vocabulário diverso e único e que capta bem as emoções de Camões por Dinamene e que era bastante original.

*Rodrigo Tavares, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha fabril, que te quebraste
Tão cedo nesta terra tão florida,
Sossega em terra fria, deprimida,
E fica lá na tinta sempre triste.

Se no repouso etéreo em que a escrita
Vestígio desta era nos consente,
Não te livres daquele ardor gemente
Que foi nos olhos meus pura desdita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa dor que dizes que te gozou
Da raiva, sem emenda, de perder-me,

Rezo a Deus, que meus dias sossegou,
Que tão cedo não te sujem meus braços,
Que por bem de teus olhos me roubou.

* Seleccionei este soneto pois considero que está bem explorado e aprofundado e que demonstra, de uma forma bem descrita, os possíveis sentimentos de Dinamene em relação a Camões.

*Ana Lopes, 10.º ano, Matosinhos**

Dama minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida confidente,
Descansa lá no Céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento eterno, onde subiste,
Memória desta vida se pressente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro existe.

E se vires que pode reviver-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus braços te tirou.

* Escolhi este soneto porque Camões mostrava o amor que ele tinha pela Dinamene e tentei representar isso a partir do meu ponto de vista.

*Ana Lopes, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha febril, que te voaste
Tão cedo nesta vida tão corrida,
Relaxa em terra calma, comovida,
E fica lá na treita nunca triste.

Se no repouso etéreo em que a escrita
Memória desta vida nos pressente,
Não te esqueças daquele amor cadente
Que foi nos olhos meus clara visita.

Daqui não sei de que possa custar-me
Essa luz que dizes que te cegou
Da mágoa, sem emenda, de perder-me,

Rogo a Deus, que meus anos encurtou,
Que tão cedo não te chamem meus olhos,
Que por bem de teus braços me levou.

* Escolhi este soneto porque tem um enorme impacto sentimental para mim.

*Antônio Pereira, 10.º ano, Matosinhos**

Dama minha viril, que te feriste
Tão tarde desta era exigente,
Cochila lá no Céu eternamente
E tombe eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde sumiste,
Desleixo desta era se desmente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão pleno existe.

E se vires que pode acender-te
Alguma cousa a luz que me ficou
Da raiva, sem socorro, de perder-te,

Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão tarde de meus lábios te furtou.

* Escolhi esta variação do soneto de Camões para Dinamene, pois achei que representava o melhor o mundo atual, da era em que vivemos, dando ênfase aos 500 anos que se passaram.

*Antônio Pereira, 10.º ano, Matosinhos**

Calma minha gentil, que te livraste
Tão tarde nesta vida tão ferida,
Repousa em cela seca, condoída,
E vive lá na treita sempre triste.

Se no espanto humano em que a treita
Lembrete desta fala nos consente,
Não te esqueças daquele amor ausente
Que foi nos braços meus plena desdita.

Daqui não sei de que possa atrair-me
Essa voz que dizes que te ficou
Da festa, sem segredo, de perder-me,

Rogo a Sol, que meus dias encurtou,
Que tão logo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus dentes me tirou.

* Escolhi esta variação do soneto de Dinamene para Camões, pois seria o desaforo de Dinamene em relação à suposta vida mundana de Camões.

*Catarina Almeida, 10.º ano, Matosinhos**

Cisma minha gentil, que te sumiste
Tão cedo desta era exigente,
Sossega lá no Céu eternamente
E sofra eu cá na terra sempre triste.

Se lá no apoio aéreo, onde fugiste,
Vestígio desta vida se pressente,
Não te escapes daquele amor fervente
Que já nos braços meus tão claro viste.

E se vires que pode comover-te
Alguma cousa a dor que me lesou
Da mágoa, sem saída, de largar-te,

Clama a Deus, que teus dias encolheu,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus braços te tirou.

* Escolhi este soneto através da combinação destas palavras porque leva a uma interpretação mais profunda da minha parte, pois demonstra um pensamento diferente e mais claro do sentimento transmitido.

*Catarina Almeida, 10.º ano, Matosinhos**

Arma minha subtil, que te salvaste
Tão cedo nesta terra tão punida,
Serena em terra fria, abatida,
E sofre lá na escrita sempre triste.

Se no apoio aéreo em que a escrita
Lembrança desta era nos presente,
Não te esqueças daquele amor ausente
Que foi nos braços meus pura visita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa dor que dizes que te cegou
Da mágoa, sem amparo, de perder-me,

Clamo a Deus, que meus atos sossegou,
Que tão cedo não te fixem meus olhos,
Que por bem de teus olhos me levou.

* Seleccionei este soneto para contrastar com o soneto de Camões para Dinamene, mostrando a ausência do amor tão falado de Camões para com a amada. Leva também a uma interpretação sucinta dos sentimentos da amada pelas emoções de Camões. Tem um impacto diferente no leitor.

*Beatriz Fernandes, 10.º ano, Matosinhos**

Cisma minha gentil, que te fundiste
Tão cedo desta era negligente,
Acalma lá no Céu eternamente
E sofra eu cá na cova sempre triste.

Se lá no assento eterno, onde sumiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor doente
Que já nos braços meus tão mudo ouviste.

E se vires que pode reviver-te
Alguma cousa a dor que me culpou
Da raiva, sem socorro, de rever-te,

Roga a Deus, que teus dias limitou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus lábios te tomou.

* Escolhi este soneto de Camões para Dinamene porque expressa, de forma intensa e comovente, a dor da perda e da saudade irreparável. Além disso, a súplica por um reencontro no além reforça a profundidade desse sentimento. Estes versos transformam este poema numa homenagem perfeita à trágica história de Camões e Dinamene.

*Beatriz Fernandes, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha gentil, que te culpaste
Tão cedo nesta escrita tão sentida,
Acalma em água doce, destemida,
E fica lá na escrita sempre triste.

Se no descanso aéreo em que a letra
Relato desta terra nos desmente,
Não te livres daquele rumor fluente
Que foi nos olhos meus pura visita.

Daqui não sei de que possa custar-me
Essa voz que dizes que te ficou
Da mágoa, sem emenda, de escrever-me,

Berro a Deus, que meus anos encurtou,
Que tão cedo não te culpem meus olhos,
Que por bem de teus pulsos me levou.

* Escolhi este soneto porque expressa, com melancolia e profundidade, o sofrimento causado pela perda e a imortalização da amada na escrita. O eu lírico lamenta a ausência e busca conforto nas palavras, transformando a dor em memória eterna. O desejo de um reencontro e o apelo a Deus reforçam a intensidade do seu amor.

*Darina Passos Terebus, 10.º ano, Matosinhos**

Dama minha servil, que te feriste
Tão cedo desta vida dependente,
Serena lá no breu comodamente
E fique eu cá na vila sempre triste.

Se lá no leito erróneo, onde fugiste,
Lembrança desta era se pressente,
Não te esqueças daquele alvor carente
Que já nos dedos meus tão sujo existe.

E se vires que pode comover-te
Alguma cousa a dor que me cegou
Da raiva, sem dilema, de manter-te,

Grita a Deus, que teus dias sossegou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus braços te roubou.

* Escolhi este poema porque aborda intensamente o sofrimento emocional e a complexidade dos sentimentos humanos, através de metáforas poderosas, explorando a dor, o arrependimento e a sensação de vazio que fica após a separação.

*Darina Passos Terebus, 10.º ano, Matosinhos**

Sina minha ardil, que te zangaste
Tão cedo nesta vida tão doída,
Sossega em casa fria, ofendida,
E fica lá na letra sempre triste.

Se no leito etéreo em que a tinta
Memória desta era nos presente,
Não te esqueças daquele horror temente
Que foi nos olhos meus clara desdita.

Daqui não sei de que possa acudir-me
Essa voz que dizes que te cegou
Da mágoa, sem emenda, de esquecer-me,

Clamo a Deus, que meus dias sossegou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus braços me tirou.

* Escolhi este poema pela sua forte expressão de tristeza e saudade. A forma como retrata a dor da separação e a inevitabilidade do destino torna-o profundamente comovente. A sua linguagem melancólica e as mensagens de solidão e memória que são transmitidas reforçam a reflexão sobre a perda e o sofrimento amoroso.

*Érica Sousa, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha gentil, que te sumiste
Tão cedo desta terra inocente,
Relaxa lá no Céu obediente
E sofra eu cá na terra sempre triste.

Se lá no apoio eterno, onde sorriste
Lembrança desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão claro existe.

E se vires que pode comover-te
Nenhuma cousa a luz que me ficou
Da pena, sem saída, de deixar-te,

Grita a Deus, que teus anos limitou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus lábios te roubou.

* Escolhi este poema pela sua intensidade emocional, expressando com delicadeza a dor da perda e a eternidade do amor. Camões escreve sobre a saudade de Dinamene, sua amada, transmitindo um sentimento profundo de tristeza e desejo do reencontro.

*Érica Sousa, 10.º ano, Matosinhos**

Asma minha gentil, que te voaste
Tão tarde nesta escrita tão querida,
Descansa em casa fria, falecida,
E morre lá na letra sempre triste.

Se no repouso eterno em que a escrita
Memória desta escrita nos presente,
Não te livres daquele rumor doente
Que foi nos olhos meus pura visita.

Daqui não sei de que possa acudir-me
Essa luz que dizes que te cegou
Da raiva, sem segredo, de perder-me,

Clamo a Deus, que meus luxos sossegou,
Que tão cedo não te comam meus olhos,
Que por bem de teus braços me levou.

* Escolhi este poema porque estas palavras têm uma potencialidade interessante de aproximar o passado ao presente.

*Flor de Sousa Silva, 10.º ano, Matosinhos**

Ama minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta era dependente,
Sossega lá no Céu suavemente
E troce eu cá na cova nunca triste.

Se lá no banco eterno, onde sorriste
Lembrança desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor carente
Que já nos braços meus tão puro existe.

E se vires que pode comover-te
Nenhuma cousa a dor que me calhou
Da festa, sem dilema, de manter-te,

Pede a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

* Escolhi este soneto, pois expressa de forma muito cativante sentimentos como a tristeza e a felicidade, contraste que Camões sentiu ao recordar a sua Dinamene.

*Flor de Sousa Silva, 10.º ano, Matosinhos**

Coima minha gentil, que te privaste
Tão cedo nesta era tão despida,
Sossega em terra fria, iludida,
E sofre lá na tinta sempre triste.

Se no leito eterno em que a letra
Vestígio desta vida nos consente,
Não te lembres daquele amor doente
Que foi nos braços meus turva mesquita.

Daqui não sei de que possa amparar-me
Essa dor que dizes que te fixou
Da mágoa, sem emenda, de perder-me,

Mando a Deus, que meus dias encurtou,
Que tão cedo não te leiam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me tomou.

* Escolhi este soneto, pois demonstra, de forma criativa, as eventuais emoções de Dinamene em relação a Camões.

*Íris Campos, 10.º ano, Matosinhos **

Alma minha subtil, que te partiste
Tão cedo desta terra descontente,
Descansa lá no Céu comodamente
E sofra eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Lembrança desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro existe.

E se vires que pode comover-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem socorro, de deixar-te,

Reza a Deus, que teus dias limitou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

* Escolhi este soneto pois demonstra bem o sentimento de Camões por Dinamene. Demonstra o amor e a saudade que Camões sente desde que Dinamene faleceu.

*Íris Campos, 10.º ano, Matosinhos **

Alma minha hostil, que te culpaste
Tão cedo nesta vida tão punida,
Relaxa em terra quente, reprimida,
E vive lá na escrita nunca triste.

Se no assento etéreo em que a escrita
Lembrança desta vida nos consente,
Não te esqueças daquele amor cadente
Que foi nos olhos meus clara visita.

Daqui não sei de que possa custar-me
Essa dor que dizes que te ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-me,

Rezo a Deus, que meus dias encurtou,
Que tão cedo não te culpem meus olhos,
Que por bem de teus olhos me levou.

* Escolhi este soneto pois penso que Dinamene, por mais que tenha tido uma morte trágica, continuou a amar Camões como ele a amava.

*Lara Santos, 10.º ano, Matosinhos**

Fama minha gentil, que te fundiste
Tão cedo desta era impotente,
Respalda lá no Sol cinicamente
E curta eu cá na vila sempre triste.

Se lá no assento ovídeo, onde cingiste,
Desprezo desta vida se desmente,
Não te livres daquele pudor doente
Que já nos dedos meus tão puro urdiste.

E se vires que pode acender-te
Nenhuma cousa a dor que me cegou
Da pena, sem dilema, de largar-te,

Clama a Thor, que teus ecos encurtou,
Que tão tarde de cá me leve a crer-te,
Quão cedo de meus cílios te roubou.

* Seleccionei este soneto por considerar que a sonoridade e o ritmo do poema consegue mostrar a beleza da escrita de Camões.

*Lara Santos, 10.º ano, Matosinhos**

Fama minha ardil, que te livraste
Tão cedo nesta letra tão doída,
Serena em sala terna, condoída,
E zomba lá na treta nunca triste.

Se no espanto etéreo em que a letra
Minuta desta era nos presente,
Não te esqueças daquele vapor fulgente
Que foi nos pulsos meus clara pepita.

Daqui não sei de que possa contar-me
Essa luz que dizes que te fixou
Da graça, sem reparo, de fruir-me,

Uivo a Pã, que meus dias aumentou,
Que tão logo não te sujem meus dentes,
Que por bem de teus dentes me levou.

* Escolhi este soneto, pois a forma como os versos expressam emoção e saudade torna a leitura envolvente.

*Laura Cadavez Pinto, 10.º ano, Matosinhos**

Arma minha subtil, que te partiste
Tão cedo desta era exigente,
Descansa lá no Céu ilegalmente
E ande eu cá na terra sempre triste.

Se lá no leito eterno, onde subiste,
Lembrança desta vida se consente,
Não te isentes daquele amor doente
Que já nos lábios meus tão pleno existe.

E se vires que pode reviver-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem saída, de querer-te,

Grita a Deus, que teus dias limitou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

* Escolhi este soneto porque foi o que me fez mais sentido, quer a nível de impacto emocional, quer a nível da musicalidade. Considero que representa bem a dor e o sofrimento que Camões sentia em relação a Dinamene.

*Laura Cadavez Pinto, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha gentil, que te privaste
Tão cedo nesta vida tão temida,
Descansa em terra fria, comovida,
E morre lá na letra sempre triste.

Se no repouso humano em que a escrita
Memória desta vida nos consente,
Não te esqueças daquele amor ausente
Que foi nos olhos meus pura visita.

Daqui não sei de que possa servir-me
Essa dor que dizes que te ficou
Da mágoa, sem remédio, de esquecer-me,

Grito a Deus, que meus luxos encurtou,
Que tão cedo não te escrevam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me tirou.

* Escolhi este soneto, pois a escolha das palavras representa profundamente o descontentamento da parte de Dinamene para com Camões.

*Leonor Andrade, 10.º ano, Matosinhos**

Trama minha senil, que te urdiste
Tão tarde desta era inocente,
Relaxa lá no Céu epicamente
E tombe eu cá na cova sempre triste.

Se lá no apoio aéreo, onde buliste,
Vestígio desta poda se pressente,
Não te isentes daquele odor ardente
Que já nos dedos meus tão alvo ouviste.

E se vires que pode abater-te
Nenhuma cousa a dor que me lixou
Da raiva, sem saída, de deixar-te,

Uiva a Zeus, que teus dias limitou,
Que tão tarde de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus braços te tirou.

* Escolhi este soneto porque a meu ver apresenta um tom dramático e, ao mesmo tempo, melancólico.

*Leonor Andrade, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha febril, que te voaste
Tão logo nesta terra tão falida,
Respira em vala terna, condoída,
E morre lá na escrita sempre triste.

Se no sossego humano em que a treta
Relato desta terra nos consente,
Não te lembres daquele vapor ingente
Que foi nos pulsos meus turva visita.

Daqui não sei de que possa convir-me
Essa dor que dizes que te fixou
Da graça, sem remédio, de ouvir-me,

Peço a Zeus, que meus dias estendeu,
Que tão logo não te comam meus dentes,
Que por bem de teus dedos me tirou.

* Escolhi este soneto pois consigo imaginá-lo a ser uma peça musical onde a Dinamene sofre um desgosto de amor, a não se sentir realmente amada pelo seu amado.

*Leonor Brites, 10.º ano, Matosinhos**

Chama minha subtil, que te sumiste
Tão cedo desta vida descontente,
Sossega lá no Céu eternamente
E sofra eu cá na cova sempre triste.

Se lá no leito etéreo, onde sumiste,
Vestígio desta vida se desmente,
Não te safes daquele amor fervente
Que já nos lábios meus tão puro urdiste.

E se vires que pode remoer-te
Alguma cousa a dor que me cegou
Da mágoa, sem mezinha, de perder-te,

Roga a Deus, que teus dias serenou,
Que tão tarde de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus braços te furtou.

* Seleccionei este soneto porque, para mim, esta variante exprime de forma muito especial o sentimento de paixão e amor, dor e saudade, que Camões sente por Dinamene, que partiu cedo de mais. Neste poema Camões mostra saudade, algo que muitas vezes falta na atualidade, realçando, também, o amor incondicional que sente por ela.

*Leonor Brites, 10.º ano, Matosinhos**

Graça minha hostil, que te largaste
Tão cedo nesta letra tão querida,
Cochila em casa eterna, dolorida,
E fica lá na escrita nunca triste.

Se no apoio etéreo em que a letra
Relato desta era nos consente,
Não te safes daquele amor fluente
Que foi nos lábios meus pura pepita.

Daqui não sei de que possa ajudar-me
Essa dor que dizes que te lesou
Da pena, sem emenda, de reler-me,

Rezo a Deus, que meus fios encurtou,
Que tão cedo não te fitem meus cílios,
Que por bem de teus braços me furtou.

* Selecionei este soneto porque, para mim, esta variante exprime o sentimento de saudade de Dinamene por Camões, o seu amado. Embora o desejo de o rever seja persistente, esta prefere que este continue vivo, em Terra, o que mostra a humildade de Dinamene, algo que também se reflete pouco nas gerações de hoje em dia.

*Leonor Félix, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida exigente,
Repousa lá no Céu finitamente
E viva eu cá na terra nunca triste.

Se lá no assento eterno, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ausente
Que já nos olhos meus tão puro existe.

E se vires que pode reviver-te
Alguma cousa a dor que me culpou
Da mágoa, sem remédio, de lembrar-te,

Reza a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus braços te tirou.

* Seleccionei este poema pela sua intensa carga emocional, pela forma magnífica como é tratada a saudade e pelo tema universal do amor que transcende a vida, refletindo sentimentos profundos e intemporais.

*Leonor Félix, 10.º ano, Matosinhos**

Dama minha subtil, que te privaste
Tão tarde nesta era tão florida,
Sossega em terra seca, condoída,
E sofre lá na escrita sempre triste.

Se no descanso etéreo em que a escrita
Lembrança desta vida nos consente,
Não te esqueças daquele amor ausente
Que foi nos olhos meus pura desdita.

Daqui não sei de que possa custar-me
Essa dor que dizes que te citou
Da mágoa, sem remédio, de perder-me,

Rogo a Deus, que meus elos encurtou,
Que tão cedo não te fixem meus olhos,
Que por bem de teus lábios me tirou.

* Escolhi esta variante pela escolha de palavras que tornou a minha leitura mais profunda e atenta.

*Leonor Pereira, 10.º ano, Matosinhos**

Cisma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida inocente,
Descansa lá no Céu eternamente
E sofra eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento eterno, onde subiste,
Vestígio desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me cegou
Da pena, sem saída, de perder-te,

Grita a Deus, que teus anos reduziu,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

* Seleccionei este soneto pois expressa estes versos conseguem ser mais profundos e atrair mais o leitor.

*Leonor Pereira, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha gentil, que te cessaste
Tão cedo nesta terra tão sentida,
Relaxa em casa quente, abatida,
E vive lá na escrita sempre triste.

Se no sossego eterno em que a escrita
Lembrança desta terra nos consente,

Não te esqueças daquele amor doente
Que foi nos braços meus pura visita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa dor que dizes que te ficou
Da mágoa, sem amparo, de perder-me,

Peço a Deus, que meus dias encurtou,
Que tão tarde não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me tirou.

* Escolhi esta variante por ter apreciado a escolha de palavras que traz uma musicalidade interessante.

*Margarida Osório, 10.º ano, Matosinhos**

Casa minha subtil, que te sumiste
Tão cedo desta vida insolente,
Repousa lá no Sul impaciente
E fique eu cá na terra nunca triste.

Se lá no apoio humano, onde sorriste
Memória desta morte se consente,
Não te lembres daquele horror dolente
Que já nos olhos meus tão pleno existe.

E se vires que pode reviver-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem dilema, de largar-te,

Pede a Deus, que teus luxos reduziu,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

* Escolhi este poema por mudar significativamente o poema original, o que me fez pensar de forma mais profunda.

*Margarida Osório, 10.º ano, Matosinhos**

Dama minha gentil, que te salvaste
Tão cedo nesta vida tão temida,
Leveda em sala fria, reprimida,
E priva lá na escrita nunca triste.

Se no espanto humano em que a escrita
Vestígio desta vida nos consente,
Não te isentes daquele horror doente
Que foi nos lábios meus muda desdita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa dor que dizes que te ficou
Da mágoa, sem remédio, de esquecer-me,

Rogo a Alá, que meus atos encurtou,
Que tão logo não te culpem meus olhos,
Que por bem de teus olhos me levou.

* Escolhi este soneto porque a escolha das palavras trazem um desconforto ao leitor.

*Maria Faria, 10.º ano, Matosinhos**

Chama minha febril, que te fundiste
Tão cedo desta terra descontente,
Dormita lá no Sol liricamente
E dure eu cá na terra sempre triste.

Se lá no leito eterno, onde fugiste,
Lembrança desta vida se consente,
Não te lembres daquele amor dolente
Que já nos lábios meus tão mudo ouviste.

E se vires que pode ofender-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem saída, de perder-te,

Reza a Deus, que teus dias reduziu,
Que tão tarde de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus lábios te tomou.

* Escolhi estas opções de palavras para o poema, de modo a dar uma nova versão ao poema, onde Camões admite não ter sido suficiente para Dinamene. Creio que o poema ficou profundo e delicado.

*Maria Faria, 10.º ano, Matosinhos**

Sina minha senil, que te tombaste
Tão cedo nesta escrita tão polida,
Repousa em obra fria, comovida,
E anda lá na pauta sempre triste.

Se no assento etéreo em que a pauta
Memória desta vida nos consente,
Não te livres daquele amor ausente
Que foi nos lábios meus pura desdita.

Daqui não sei de que possa importar-me
Essa dor que dizes que te lesou
Da mágoa, sem conserto, de perder-me,

Rogo a Deus, que meus dias serenou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus lábios me tomou.

* Escolhi este poema de modo a dar ênfase à dor de Dinamene. Gostei da intensidade e “brutalidade” do poema.

*Mariana Sousa Mendes, 10.º ano, Matosinhos**

Chama minha subtil, que te partiste
Tão cedo desta fauna penitente,
Agita lá no Céu suavemente
E dure eu cá na cova sempre triste.

Se lá no espanto eterno, onde surgiste,
Lembrança desta vida se pressente,
Não te livres daquele ardor carente
Que já nos lábios meus tão claro ouviste.

E se vires que pode remoer-te
Alguma cousa a luz que me cegou
Da mágoa, sem saída, de salvar-te,

Clama a Deus, que teus atos sossegou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus braços te levou.

* Seleccionei este soneto pois penso que retrata de forma muito intensa a ideia de que Camões amava Dinamene e está revoltado com o facto de a perder, pedindo-lhe para que não se esqueça do amor que pensa ter sido perfeito.

*Mariana Sousa Mendes, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha viril, que te largaste
Tão cedo nesta terra tão falida,
Sossega em zona fria, abatida,
E sofre lá na tinta sempre triste.

Se no repouso eterno em que a letra
Lembrança desta fala nos consente,
Não te livres daquele amor ausente
Que foi nos lábios meus suja visita.

Daqui não sei de que possa custar-me
Essa dor que dizes que te fixou
Da pena, sem segredo, de esquecer-me,

Grito a Deus, que meus dias serenou,
Que tão logo não te leiam meus olhos,
Que por bem de teus braços me tirou.

* Seleccionei este soneto em sequência da musicalidade destas palavras.

*Matilde Diniz, 10.º ano, Matosinhos**

Dama minha gentil, que te feriste
Tão cedo desta morte insolente,
Sossega lá no breu suavemente
E fique eu cá na cova sempre triste.

Se lá no espanto erróneo, onde fugiste,
Desprezo desta terra se pressente,
Não te lembres daquele amor dolente
Que já nos dedos meus tão sujo viste.

E se vires que pode ofender-te
Alguma cousa a dor que me culpou
Da graça, sem socorro, de largar-te,

Clama a Deus, que teus elos limitou,
Que tão tarde de cá me leve a ser-te,
Quão cedo de meus braços te roubou.

* Ao formular esta versão do soneto de Camões para Dinamene, senti que estas seriam as palavras adequadas, que apesar de trazerem um sentido oposto ao trazido originalmente por Camões, fizeram-me criar outra história por trás do que se pensa ter sido a relação entre os dois, um relacionamento abusivo onde Camões, depois de perder Dinamene, se arrepende.

*Matilde Diniz, 10.º ano, Matosinhos**

Trama minha hostil, que te purgaste
Tão tarde nesta fala tão doída,
Respira em cova fria, dolorida,
E tomba lá na escrita sempre triste.

Se no espanto humano em que a escrita
Lembrete desta fala nos pressente,
Não te safes daquele amor temente
Que foi nos olhos meus plena desdita.

Daqui não sei de que possa importar-me
Essa voz que dizes que te ditou
Da mágoa, sem reparo, de topar-me,

Imponho a Deus, que meus luxos encurtou,
Que tão cedo não te citem meus dentes,
Que por bem de teus braços me furtou.

* Seleccionei este soneto para transformar a resposta de Dinamene a Camões em algo melancólico, até de desprezo pela forma como este a tratou em vida, segundo uma narrativa por mim imaginada, onde Camões a maltrata.

*Rafaela Pinheiro, 10.º ano, Matosinhos**

Dama minha hostil, que te migraste,
Tão cedo nesta era tão doída,
Relaxa em obra terna, coagida,
E vive lá na escrita sempre triste.

Se no sossego humano em que a letra
Memória desta era nos consente,
Não te lembres daquele amor ausente
Que foi nos braços meus pura visita.

Daqui não sei de que possa importar-me
Essa dor que dizes que te citou
Da pena, sem conserto, de falar-me,

Clamo a Sol, que meus luxos sossegou,
Que tão cedo não te comam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me tomou.

* Escolhi explorar e alterei o poema com palavras simples para que a emoção fosse clara e sentida diretamente. Quis expressar saudade e perda de forma acessível, sem complicações.

*Rafaela Pinheiro, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha ardil, que te culpaste
Tão cedo nesta escrita tão querida,
Descansa em água doce, consumida,
E fina lá na letra sempre triste.

Se no sossego eterno em que a tinta
Lembrança desta pena nos presente,
Não te livres daquele amor cadente
Que foi nos lábios meus alva visita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa dor que dizes que te cegou
Da raiva, sem aperto, de perder-me,

Rezo a Zeus, que meus dias sossegou,
Que tão cedo não te culpem meus braços,
Que por bem de teus lábios me roubou.

* Escolhi explorar e alterei o poema de forma clara e direta para que qualquer pessoa pudesse sentir a emoção sem precisar de interpretar palavras difíceis, pois a simplicidade ajuda a transmitir a saudade de maneira mais sincera.

*Raquel Pereira Guimarães, 10.º ano, Matosinhos**

Dama minha subtil, que te esvaíste
Tão cedo desta tribo condolente,
Serena lá no Sul liricamente
E morra eu cá na campa sempre triste.

Se lá no leito eterno, onde partiste,
Lembrete desta vida se pressente,
Não te livres daquele amor fervente
Que já nos olhos meus tão puro existe.

E se vires que pode acender-te
Alguma cousa a dor que me cegou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Grita a Deus, que teus fios encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus lábios te roubou.

* Escolhi este soneto porque aprofunda a expressão do amor de Camões por Dinamene.

*Raquel Pereira Guimarães, 10.º ano, Matosinhos**

Chama minha febril, que te quebraste
Tão cedo nesta tribo tão cingida,
Dormita em toca fria, escondida,
E vive lá na tinta sempre triste.

Se no banco etéreo em que a escrita
Vestígio desta pena nos consente,
Não te isentes daquele amor ausente
Que foi nos pulsos meus clara desdita.

Daqui não sei de que possa atrair-me
Essa dor que dizes que te fitou
Da mágoa, sem remédio, de perder-me,

Clamo a Deus, que meus luxos encurtou,
Que tão cedo não te fixem meus olhos,
Que por bem de teus lábios me tomou.

* Escolhi este soneto porque as palavras conseguem demonstrar de forma especial que a visão do amor que Camões diferia da perspectiva de Dinamene sentia.

*Rodrigo Pereira, 10.º ano, Matosinhos**

Dama minha febril, que te abriste
Tão cedo desta era inocente,
Repousa lá no Céu comodamente
E sofra eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento eterno, onde partiste,
Lembrança desta terra se pressente,
Não te livres daquele amor carente
Que já nos lábios meus tão claro existe.

E se vires que pode comover-te
Alguma cousa a dor que me lixou
Da pena, sem dilema, de querer-te,

Pede a Deus, que teus elos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus braços te levou.

* A criação deste soneto justifica-se pela busca de harmonizar a musicalidade e o ritmo das palavras com impacto emocional, dando-lhe um sentido que aperfeiçoa a estrutura poética. A escolha de cada verso e a disposição das rimas pretendem envolver o leitor.

*Rodrigo Pereira, 10.º ano, Matosinhos**

Graça minha gentil, que te livraste
Tão cedo nesta fala tão corrida,
Relaxa em terra terna, ofendida,
E vive lá na tinta sempre triste.

Se no descanso humano em que a tinta
Memória desta letra nos presente,
Não te escapes daquele amor cadente
Que foi nos olhos meus turva visita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa dor que dizes que te cegou
Da raiva, sem segredo, de falar-me,

Peço a Deus, que meus atos sossegou,
Que tão cedo não te fitem meus olhos,
Que por bem de teus olhos me levou.

* A criação deste soneto tem como objetivo unir a musicalidade e o ritmo das palavras a um impacto emocional profundo. O ritmo dos versos e a escolha das rimas aumentam a emoção.

*Sónia Pereira, 10.º ano, Matosinhos**

Casa minha gentil, que te feriste
Tão cedo desta era imprudente,
Repousa lá no Céu comodamente
E fique eu cá na terra sempre triste.

Se lá no leito eterno, onde partiste,
Lembrança desta era se desmente,
Não te livres daquele humor fervente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode abater-te
Alguma cousa a dor que me cegou
Da raiva, sem saída, de perder-te,

Grita a Deus, que teus ecos limitou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te roubou.

* Escolhi esta variante expressividade profunda da mensagem transmitida.

*Sónia Pereira, 10.º ano, Matosinhos**

Graça minha viril, que te fartaste
Tão cedo nesta escrita tão ungida,
Leveda em urna fresca, iludida,
E tomba lá na treta nunca triste.

Se no sossego humano em que a escrita
Minuta desta fala nos pressente,
Não te escapes daquele rumor dolente
Que foi nos dentes meus muda visita.

Daqui não sei de que possa ajudar-me
Essa luz que dizes que te ditou
Da graça, sem aperto, de achar-me,

Clamo a Deus, que meus fios aumentou,
Que tão tarde não te culpem meus braços,
Que por bem de teus olhos me levou.

* Escolhi este soneto, pois transmite o sentimento do soneto original e gosto do efeito da melodia que tem.

*Tomás Pereira, 10.º ano, Matosinhos **

Trama minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta poda impotente,
Sepulta lá no breu incoerente
E prive eu cá na tumba nunca triste.

Se lá no espanto etéreo, onde fugiste,
Vestígio desta morte se desmente,
Não te lembres daquele rumor ausente
Que já nos dentes meus tão claro urdiste.

E se vires que pode abater-te
Nenhuma cousa a dor que me rogou
Da graça, sem dilema, de deixar-te,

Prega a Pã, que teus anos limitou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão tarde de meus dentes te tirou.

* Escolhi este soneto em particular porque parece uma canção. A métrica e a rima dão-lhe um ritmo que acaba por criar uma melodia suave.

*Tomás Pereira, 10.º ano, Matosinhos**

Casa minha fabril, que te partiste
Tão cedo desta vida influente,
Dormita lá no Céu timidamente
E prive eu cá na pátria sempre triste.

Se lá no assento aéreo, onde surgiste,
Memória desta vida se desmente,
Não te escapes daquele bolor fervente
Que já nos dedos meus tão mudo existe.

E se vires que pode ofender-te
Alguma cousa a voz que me lixou
Da festa, sem remédio, de esquecer-te,

Clama a Sol, que teus elos serenou,
Que tão cedo de cá me leve a ser-te,
Quão cedo de meus lábios te furtou.

* Escolhi este soneto pela sua musicalidade, que flui suavemente através de uma métrica bem estruturada e rimas harmoniosas. A combinação de ritmo e sentimento cria uma experiência poética envolvente.

*Sara Pereira, 10.º ano, Matosinhos**

Casa minha gentil, que te sumiste
Tão cedo desta vida exigente,
Repousa lá no Céu finitamente
E dure eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento eterno, onde fugiste,
Vestígio desta era se consente,
Não te esqueças daquele amor fervente
Que já nos olhos meus tão claro urdiste.

E se vires que pode reviver-te
Alguma cousa a dor que me culpou
Da pena, sem socorro, de perder-te,

Reza a Deus, que teus dias limitou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

* Escolhi este soneto pois, na minha perspetiva, foi a variante que mais refletiu a minha ideia do amor que Camões pretendia transmitir à sua amada. Estes versos transformam a profundidade da dor e o desejo de reencontro num belo poema de amor, onde as palavras soam de forma fluida.

*Sara Pereira, 10.º ano, Matosinhos**

Trama minha gentil, que te salvaste
Tão cedo nesta letra tão querida,
Sossega em terra fria, dolorida,
E vive lá na escrita nunca triste.

Se no descanso eterno em que a tinta
Lembrança desta vida nos desmente,
Não te esqueças daquele amor fluente
Que foi nos braços meus plena visita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa dor que dizes que te calou
Da mágoa, sem amparo, de perder-me,

Peço a Deus, que meus anos encurtou,
Que tão cedo não te culpem meus olhos,
Que por bem de teus lábios me tirou.

* Escolhi este soneto uma vez que foi a forma mais simples de expressar o amor de Dinamene, em resposta a Camões. Considerei que as palavras combinavam bem com a resposta que imaginei para ela. Assim, o poema mostra o amor e a saudade.

*Rafael Pedroso, 10.º ano, Matosinhos**

Sina minha gentil, que te partiste
Tão tarde desta era negligente,
Cochila lá no Céu impaciente
E cesse eu cá na toca sempre triste.

Se lá no banco ovídeo, onde subiste,
Memória desta poda se consente,
Não te isentes daquele horror ardente
Que já nos cílios meus tão pleno existe.

E se vires que pode remoer-te
Alguma cousa a luz que me catou
Da raiva, sem remédio, de achar-te,

Roga a Deus, que teus elos limitou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus lábios te furtou.

* Este soneto permitiu-me entender com facilidade a angústia de Camões perante o desaparecimento de Dinamene devido ao uso de um vocabulário regular e acessível. É um soneto expressivo e emocional.

*Rafael Pedroso, 10.º ano, Matosinhos**

Arma minha febril, que te pasmastes
Tão cedo nesta letra tão punida,
Dormita em moda calma, iludida,
E sofre lá na tinta nunca triste.

Se no assento aéreo em que a escrita
Lembrete desta verve nos presente,
Não te livres daquele ardor doente
Que foi nos olhos meus pura desdita.

Daqui não sei de que possa atrair-me
Essa voz que dizes que te citou
Da farra, sem amparo, de falar-me,

Mando a Sol, que meus anos aumentou,
Que tão cedo não te vejam meus cílios,
Que por bem de teus olhos me levou.

* Este soneto transmite com facilidade o facto de ser Dinamene a dirigir-se a Camões. A forma expressiva das palavras tocou-me.

*Afonso Ribeiro, 10.º ano, Matosinhos**

Turma minha viril, que te despiste
Tão tarde desta poda indolente,
Acalma lá no Sul eticamente
E fique eu cá na toca sempre triste.

Se lá no leito ovídeo, onde buliste,
Desprezo desta fauna se consente,
Não te safes daquele alvor fervente
Que já nos cílios meus tão alvo urdiste.

E se vires que pode aprazer-te
Nenhuma cousa a dor que me lixou
Da mágoa, sem remédio, de manter-te,

Prega a Thor, que teus fios reduziu,
Que tão cedo de cá me leve a ser-te,
Quão cedo de meus dedos te tomou.

* Escolhi este poema porque o soneto expressa de forma muito divertida a perda e a aceitação da separação do sujeito poético.

*Afonso Ribeiro, 10.º ano, Matosinhos**

Barca minha fabril, que te findaste
Tão logo nesta pena tão curtida,
Serena em vila quente, oprimida,
E sofre lá na letra nunca triste.

Se no leito ovídeo em que a escrita
Sumário desta fauna nos presente,
Não te livres daquele humor fulgente
Que foi nos dentes meus baça pepita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa luz que dizes que te calou
Da festa, sem segredo, de achar-me,

Prego a Zeus, que meus fios aumentou,
Que tão logo não te leiam meus cílios,
Que por bem de teus lábios me tirou.

* Escolhi este poema porque editei o poema de forma a criar um texto criativo e até confuso.

*Ageu Baptista, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no Céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no espanto eterno, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem saída, de perder-te,

Reza a Deus, que teus anos limitou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

* Escolhi este soneto de Camões porque achei-o interessante, chamando a atenção de vários leitores pela sua musicalidade.

*Ageu Baptista, 10.º ano, Matosinhos**

Dama minha ardil, que te quebraste
Tão cedo nesta tribo tão despida,
Dormita em fala quente, oprimida,
E sofre lá na tinta nunca triste.

Se no apoio aéreo em que a letra
Lembrança desta terra nos consente,
Não te safes daquele bolor temente
Que foi nos cílios meus pura desdita.

Daqui não sei de que possa contar-me
Essa dor que dizes que te ditou
Da mágoa, sem recurso, de esquecer-me,

Rogo a Pã, que meus dias dilatou,
Que tão logo não te culpem meus pulsos,
Que por bem de teus lábios me levou.

* Considerei este soneto de Dinamene para Camões bonito e empolgante. Também este soneto tem linguagem intensa que cria conexão com as experiências humanas que vemos nos dias de hoje.

*Andreia Sofia Pereira, 10.º ano, Matosinhos**

Chama minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida exigente,
Repousa lá no Céu ilegalmente
E morra eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde fugiste,
Desprezo desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro existe.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de deixar-te,

Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus dedos te tomou.

* Escolhi este poema pois consegue demonstrar de forma profunda e intensa que o amor que Camões tinha pela sua amada era um amor ardente, que ainda perdura, dizendo ter “morrido” devido à sua ausência.

*Andreia Sofia Pereira, 10.º ano, Matosinhos**

Rima minha gentil, que te quebraste
Tão cedo nesta escrita tão sentida,
Repousa em terra fria, reprimida,
E vive lá na escrita sempre triste.

Se no descanso eterno em que a escrita
Memória desta vida nos consente,
Não te esqueças daquele amor ausente
Que foi nos olhos meus pura partita.

Daqui não sei de que possa amparar-me
Essa dor que dizes que te cegou
Da mágoa, sem remédio, de reler-me,

Rogo a Deus, que meus anos encurtou,
Que tão cedo não te leiam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me levou.

* Escolhi este poema pois é possível perceber-se a intensidade e a expressividade das palavras escolhidas. Fica, aqui, muito claro que Camões teria tido outro grande amor, a escrita, falando sobre a mesma como se fosse a vida dele, desse modo inferiorizando a dor que ele sentia pela sua ausência, pois ele ainda tinha a sua paixão pela escrita.

*Clara Justo, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha subtil, que te despiste
Tão cedo desta vida indolente,
Serena lá no Céu penosamente
E dure eu cá na terra sempre triste.

Se lá no leito etéreo, onde sumiste,
Lembrança desta era se consente,
Não te livres daquele amor doente
Que já nos lábios meus tão puro viste.

E se vires que pode ofender-te
Nenhuma cousa a dor que me lixou
Da raiva, sem saída, de querer-te,

Manda a Deus, que teus dias limitou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus lábios te roubou.

* A razão que me levou a escolher esta versão do poema foi a identificação com a forte mensagem original do poema, ainda que com o uso de palavras mais diretas e recentes para uma mais fácil interpretação. Estas pequenas mudanças afetam o tom e o impacto do poema.

*Clara Justo, 10.º ano, Matosinhos**

Arma minha febril, que te privaste
Tão logo nesta era tão traída,
Descansa em casa eterna, iludida,
E fica lá na letra sempre triste.

Se no descanso ovídeo em que a escrita
Memória desta pena nos consente,
Não te esqueças daquele amor ausente
Que foi nos dedos meus pura mesquita.

Daqui não sei de que possa importar-me
Essa dor que dizes que te cegou
Da pena, sem segredo, de esquecer-me,

Grito a Zeus, que meus anos serenou,
Que tão cedo não te fixem meus olhos,
Que por bem de teus braços me roubou.

* Escolhi este poema, pois a escolha das palavras trazem uma sonoridade que me agradou.

*Francisco Oliveira, 10.º ano, Matosinhos**

Calma minha gentil, que te sumiste
Tão tarde desta fauna conivente,
Enfada lá no Sul irreverente
E fine eu cá na cova sempre triste.

Se lá no banco erróneo, onde buliste,
Descuido desta morte se desmente,
Não te escapes daquele vapor ardente
Que já nos pulsos meus tão baço urdiste.

E se vires que pode abater-te
Alguma cousa a voz que me falou
Da festa, sem dilema, de esquecer-te,

Uiva a Sol, que teus dias encurtou,
Que tão tarde de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus braços te roubou.

* Escolhi este soneto porque gostei da escolha das palavras, da sonoridade enquanto leio.

*Francisco Oliveira, 10.º ano, Matosinhos**

Trama minha civil, que te feriste
Tão tarde desta poda insolente,
Serena lá no Céu timidamente
E curta eu cá na pátria nunca triste.

Se lá no banco ovídeo, onde curtiste,
Memória desta poda se consente,
Não te escapes daquele rumor doente
Que já nos dedos meus tão puro ouviste.

E se vires que pode acender-te
Nenhuma cousa a voz que me cegou
Da mágoa, sem mezinha, de ouvir-te,

Uiva a Deus, que teus luxos limitou,
Que tão tarde de cá me leve a ter-te,
Quão tarde de meus dedos te furtou.

* Optei por este soneto porque apreciei a seleção das palavras. Além disso, ele transmite significados profundos, e admirei a forma como o sujeito poético se expressa.

*Frederico Pereira, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha subtil, que te partiste
Tão cedo desta era descontente,
Serena lá no Céu eternamente
E viva eu cá na cova sempre triste.

Se lá no leito eterno, onde subiste,
Lembrança desta vida se pressente,
Não te livres daquele amor ardente
Que já nos lábios meus tão puro existe.

E se vires que pode abater-te
Alguma cousa a dor que me cegou
Da mágoa, sem saída, de perder-te,

Clama a Deus, que teus anos limitou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus braços te tomou.

* Escolhi este soneto pela sua reflexão sobre a perda e a saudade. A intensidade dos sentimentos expressos dão ênfase à solidão de Camões após a partida de Dinamene. A busca por consolo e a conexão com o amor, que se prolonga mesmo após a morte, tornam o poema mais florido pelo apego e pela desilusão.

*Frederico Pereira, 10.º ano, Matosinhos**

Turma minha senil, que te privaste
Tão cedo nesta vida tão corrida,
Dormita em cela meiga, condoída,
E fina lá na treta nunca triste.

Se no banco aéreo em que a letra
Vestígio desta vida nos consente,
Não te esqueças daquele furor gemente
Que foi nos braços meus plena visita.

Daqui não sei de que possa servir-me
Essa luz que dizes que te negou
Da raiva, sem segredo, de perder-me,

Peço a Thor, que meus atos serenou,
Que tão cedo não te icem meus pulsos,
Que por bem de teus dentes me roubou.

* Escolhi este soneto pela utilização da ironia e da criatividade na construção de metáforas. A linguagem descontrainda e, ao mesmo tempo, crítica, apresenta uma mistura de leveza e profundidade tornando o poema único e original.

*Gabriel Andrade, 10.º ano, Matosinhos**

Graça minha gentil, que te feriste
Tão cedo desta vida inocente,
Sossega lá no Sol timidamente
E sofra eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde sumiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor carente
Que já nos olhos meus tão puro existe.

E se vires que pode abater-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

* Escolhi essas palavras modificando as do poema original, pois na minha opinião elas deixam a mensagem de Camões mais clara e objetiva.

*Gabriel Andrade, 10.º ano, Matosinhos**

Barca minha subtil, que te livraste
Tão cedo nesta era tão despida,
Serena em vila ardente, erodida,
E sofre lá na treta nunca triste.

Se no espanto etéreo em que a letra
Lembrança desta terra nos consente,
Não te esqueças daquele humor gemente
Que foi nos cílios meus plena desdita.

Daqui não sei de que possa amparar-me
Essa voz que dizes que te sarou
Da festa, sem remédio, de ouvir-me,

Peço a Pã, que meus elos encurtou,
Que tão logo não te escrevam meus cílios,
Que por bem de teus dentes me furtou.

* Escolhi esse poema pois a primeira quadra traz uma ideia de mais sofrimento na terra e isto mostrou-me uma perspectiva diferente.

*Gustavo Rebelo, 10.º ano, Matosinhos**

Casa minha ardil, que te urdiste
Tão cedo desta verve confidente,
Sossega lá no Sul epicamente
E fine eu cá na fossa sempre triste.

Se lá no banco humano, onde surgiste,
Desleixo desta terra se consente,
Não te livres daquele humor dormiente
Que já nos lábios meus tão sujo urdiste.

E se vires que pode reviver-te
Nenhuma cousa a dor que me calhou
Da graça, sem dilema, de querer-te,

Manda a Pã, que teus elos serenou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus dedos te levou.

* Escolhi este poema pois eu consegui imaginar Camões a escrever o seu poema a Dinamene desta maneira e considerei que expressa bem o que Camões sentia por ela.

*Gustavo Rebelo, 10.º ano, Matosinhos**

Graça minha subtil, que te feriste
Tão tarde desta verve exigente,
Sepulta lá no breu omnisciente
E fique eu cá na fossa nunca triste.

Se lá no assento erróneo, onde buliste,
Descuido desta poda se presente,
Não te safes daquele tumor ausente
Que já nos olhos meus tão sujo urdiste.

E se vires que pode acender-te
Alguma cousa a luz que me ceifou
Da graça, sem dilema, de fruir-te,

Grita a Sol, que teus dias sossegou,
Que tão cedo de cá me leve a crer-te,
Quão tarde de meus cílios te tirou.

* Escolhi esta resposta de Dinamene a Camões pois considerei bastante interessante, criativa a maneira como o sujeito poético aqui se expressa.

*Henrique Calisto, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no Céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Reza a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

* Escolhi este poema porque o vocabulário do poema revela, de forma muito especial, os sentimentos que Camões sente por Dinamene. A saudade e a tristeza estão bem presentes no poema.

*Henrique Calisto, 10.º ano, Matosinhos**

Ama minha viril, que te findaste
Tão tarde nesta letra tão falida,
Repousa em obra meiga, expelida,
E morre lá na treta nunca triste.

Se no apoio aéreo em que a letra
Vestígio desta terra nos consente,
Não te esqueças daquele alvor fulgente
Que foi nos dentes meus baça mesquita.

Daqui não sei de que possa usar-me
Essa dor que dizes que te içou
Da raiva, sem mistério, de reler-me,

Rogo a Sol, que meus atos sossegou,
Que tão tarde não te soem meus pulsos,
Que por bem de teus pulsos me roubou.

* Escolhi este soneto porque o vocabulário deste poema reforça o sentimento de saudade e de tristeza que Dinamene sente por Camões.

*Inês Ferreira, 10.º ano, Matosinhos**

Dama minha gentil, que te fundiste
Tão cedo desta terra inocente,
Repousa lá no Céu suavemente
E sofra eu cá na terra sempre triste.

Se lá no banco eterno, onde sorriste
Memória desta vida se desmente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a luz que me cegou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Berra a Deus, que teus anos limitou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te roubou.

* Escolhi estas palavras pois, todas conjugadas, provocam mais emoção no leitor.

*Inês Ferreira, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha subtil, que te livraste
Tão cedo nesta vida tão despida,
Repousa em terra seca, dolorida,
E fica lá na escrita sempre triste.

Se no sossego eterno em que a escrita
Memória desta era nos consente,
Não te isentes daquele amor cadente
Que foi nos olhos meus pura desdita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa dor que dizes que te calou
Da mágoa, sem remédio, de perder-me,

Grito a Deus, que meus dias encurtou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me levou.

* Seleccionei este soneto, pois a escolha das palavras aproxima-o do poema original.

*João Jesus, 10.º ano, Matosinhos**

Casa minha senil, que te abriste
Tão cedo desta fauna imprudente,
Serena lá no breu aridamente
E fique eu cá na tumba sempre triste.

Se lá no apoio etéreo, onde subiste,
Vestígio desta verve se consente,
Não te livres daquele amor jazente
Que já nos braços meus tão puro urdiste.

E se vires que pode demover-te
Nenhuma cousa a dor que me ceifou
Da raiva, sem dilema, de perder-te,

Roga a Ra, que teus luxos encolheu,
Que tão tarde de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus lábios te tomou.

* Escolhi este poema pois editei e explorei as palavras de forma a criar um texto criativo e diferente do original, além disso, procurei manter a profundidade que é transmitida no poema.

*João Jesus, 10.º ano, Matosinhos**

Ama minha ardil, que te driblaste
Tão tarde nesta escrita tão fervida,
Respira em sala terna, falecida,
E zomba lá na pauta sempre triste.

Se no espanto etéreo em que a tinta
Resenha desta verve nos presente,
Não te escapes daquele alvor fulgente
Que foi nos pulsos meus pura visita.

Daqui não sei de que possa assistir-me
Essa luz que dizes que te ficou
Da pena, sem recurso, de fruir-me,

Rezo a Thor, que meus luxos encurtou,
Que tão logo não te culpem meus braços,
Que por bem de teus pulsos me tomou.

* Neste poema, continuei com a variedade das palavras mantendo também a profundidade.

*João Magalhães, 10.º ano, Matosinhos**

Ama minha febril, que te sumiste
Tão cedo desta fauna insolente,
Sepulta lá no Céu anualmente
E fique eu cá na terra nunca triste.

Se lá no apoio erróneo, onde cingiste,
Desprezo desta verve se desmente,
Não te isentes daquele furor cadente
Que já nos dentes meus tão puro ouviste.

E se vires que pode comover-te
Alguma cousa a voz que me culpou
Da pena, sem mezinha, de achar-te,

Prega a Pã, que teus atos encolheu,
Que tão cedo de cá me leve a ser-te,
Quão tarde de meus dedos te roubou.

* Escolhi este soneto porque expressa um amor marcado pela perda e pela saudade, usando uma linguagem clássica e melancólica. A escolha justifica-se pela profundidade emocional e pelo ritmo bem trabalhado dos versos, que reforçam o lamento do eu lírico. O tom dramático e a musicalidade também contribuem para sua beleza.

*João Magalhães, 10.º ano, Matosinhos**

Fama minha viril, que te purgaste
Tão logo nesta pena tão ferida,
Serena em obra quente, escondida,
E sofre lá na escrita nunca triste.

Se no descanso ovídeo em que a escrita
Minuta desta escrita nos presente,
Não te escapes daquele furor ingente
Que foi nos olhos meus baça partita.

Daqui não sei de que possa usar-me
Essa voz que dizes que te ditou
Da mágoa, sem emenda, de esquecer-me,

Prego a Thor, que meus luxos serenou,
Que tão cedo não te escrevam meus olhos,
Que por bem de teus lábios me tomou.

* A escolha deste soneto deve-se ao facto de existir uma relação entre a escrita, a fama e o sofrimento, com um tom introspectivo e melancólico. A escolha justifica-se pelo ritmo bem estruturado, que intensificam a carga emocional do poema. O lirismo e a musicalidade elevam sua expressividade.

*Jorge Rodrigues, 10.º ano, Matosinhos**

Graça minha viril, que te sumiste
Tão tarde desta vida dependente,
Sepulta lá no Sul eternamente
E sofra eu cá na vila nunca triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ausente
Que já nos olhos meus tão baço viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de manter-te,

Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão tarde de cá me leve a ver-te,
Quão tarde de meus olhos te levou.

* Escolhi estruturar o poema desta maneira porque transmite uma mensagem mais alinhada com a realidade atual. A linguagem e o estilo utilizados tornam o conteúdo mais acessível e relevante, permitindo que o leitor se identifique melhor com o tema abordado.

*Jorge Rodrigues, 10.º ano, Matosinhos**

Casa minha hostil, que te quebraste
Tão logo nesta terra tão cingida,
Fatiga em toca meiga, iludida,
E troca lá na tinta sempre triste.

Se no espanto ovídeo em que a treta
Relato desta fauna nos desmente,
Não te escapes daquele amor doente
Que foi nos lábios meus turva visita.

Daqui não sei de que possa usar-me
Essa dor que dizes que te lesou
Da farra, sem amparo, de topar-me,

Uivo a Deus, que meus luxos sossegou,
Que tão tarde não te soem meus pulsos,
Que por bem de teus olhos me tirou.

* Escolhi este poema porque transmite uma mensagem profunda, que leva o leitor a refletir sobre a relação entre Camões e Dinamene. A intensidade dos sentimentos faz o leitor ter uma compreensão mais emocionante desse amor marcado pela perda e saudade.

*Luísa Barbosa, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha subtil, que te feriste
Tão tarde desta vida exigente,
Dormita lá no Céu timidamente
E fique eu cá na terra nunca triste.

Se lá no leito eterno, onde partiste,
Lembrança desta era se consente,
Não te livres daquele ardor ausente
Que já nos lábios meus tão mudo ouviste.

E se vires que pode reviver-te
Alguma cousa a voz que me ficou
Da raiva, sem socorro, de querer-te,

Manda a Deus, que teus ecos sossegou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus olhos te roubou.

* Escolhi este poema pela sua beleza e profundidade emocional. A forma como as palavras são combinadas transmite sentimentos intensos e cria imagens marcantes. Além disso, a mensagem é clara e bem expressa, tornando a leitura envolvente. A sua musicalidade e ritmo também contribuem para a sua harmonia e impacto.

*Luísa Barbosa, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha subtil, que te largaste
Tão cedo nesta letra tão querida,
Relaxa em terra calma, iludida,
E sofre lá na escrita sempre triste.

Se no sossego eterno em que a letra
Lembrança desta era nos desmente,
Não te lembres daquele amor doente
Que foi nos lábios meus clara desdita.

Daqui não sei de que possa atrair-me
Essa voz que dizes que te calou
Da raiva, sem segredo, de achar-me,

Clamo a Deus, que meus atos sossegou,
Que tão cedo não te culpem meus olhos,
Que por bem de teus olhos me apartou.

* Optei por este poema porque a sua linguagem cativante e emotiva transmite de forma intensa os sentimentos de Dinamene. A beleza das palavras e a harmonia dos versos criam uma leitura envolvente. Além disso, a profundidade da mensagem permite múltiplas interpretações, tornando-o uma obra rica e inspiradora.

*Maria Cavalcanti, 10.º ano, Matosinhos**

Dama minha gentil, que te sumiste
Tão cedo desta vida descontente,
Acalma lá no Céu suavemente
E fique eu cá na terra sempre triste.

Se lá no espanto eterno, onde sorriste
Desprezo desta morte se pressente,
Não te esqueças daquele amor carente
Que já nos olhos meus tão claro existe.

E se vires que pode comover-te
Alguma cousa a dor que me culpou
Da mágoa, sem dilema, de querer-te,

Clama a Deus, que teus dias limitou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te tirou.

* Escolhi esse soneto porque achei que o uso destas palavras trariam mais emoção, com palavras fortes e significativas. Além de fazer expressar seus sentimentos e dores, mostra a emoção que Camões tinha por Dinamene.

*Maria Cavalcanti, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha ardil, que te cansaste
Tão cedo nesta terra tão doída,
Relaxa em terra calma, comovida,
E anda lá na escrita sempre triste.

Se no sossego eterno em que a escrita
Memória desta pena nos presente,
Não te esqueças daquele amor ausente
Que foi nos olhos meus clara desdita.

Daqui não sei de que possa importar-me
Essa dor que dizes que te ficou
Da mágoa, sem amparo, de perder-me,

Clamo a Deus, que meus dias limitou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me levou.

* Escolhi este soneto porque acho que expressa, de forma muito engraçada, que Dinamene iria invalidar os sentimentos e as dores de Camões, tentando mostrar que o sentimento dele ia além do sentimento dela.

*Martim Ferraz, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha subtil, que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no Céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento humano, onde fugiste,
Lembrança desta vida se desmente,
Não te esqueças daquele amor carente
Que já nos olhos meus tão pleno existe.

E se vires que pode comover-te
Alguma cousa a dor que me cegou
Da mágoa, sem socorro, de perder-te,

Pede a Deus, que teus anos limitou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te tomou.

* Escolhi este poema pois a troca de palavras faz com que o poema seja mais exato e direto, o que traz uma leitura mais fluida e mais fácil ao leitor, ainda que a troca de palavras não tenha influenciado o poema original de Camões.

*Martim Ferraz, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha gentil, que te tombaste
Tão tarde nesta verve tão cingida,
Sepulta em sala meiga, dolorida,
E morre lá na treta nunca triste.

Se no espanto etéreo em que a pauta
Lembrança desta terra nos consente,
Não te lembres daquele bolor ausente
Que foi nos olhos meus turva visita.

Daqui não sei de que possa amparar-me
Essa dor que dizes que te cegou
Da graça, sem recurso, de fruir-me,

Prego a Zeus, que meus ecos dilatou,
Que tão logo não te chamem meus pulsos,
Que por bem de teus dedos me tirou.

* Achei este poema interessante pois tem um vocabulário bastante rico o que dá uma ideia de um conhecimento amplo e mostra que Dinamene era uma pessoa bastante culta.

*Matilde Monteiro, 10.º ano, Matosinhos **

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Descansa lá no Céu eternamente
E ande eu cá na terra sempre triste.

Se lá no banco etéreo, onde cingiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode acender-te
Alguma cousa a dor que me cegou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Roga a Deus, que teus anos limitou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

* Escolhi este soneto, pois achei o soneto muito expressivo e envolvente com uma linguagem rica e bela. Apesar da sua brevidade, o soneto transmite uma emoção de forma completa e marcante. O tema expresso também é muito interessante permitindo pensamentos profundos.

*Matilde Monteiro, 10.º ano, Matosinhos**

Chama minha gentil, que te salvaste
Tão cedo nesta vida tão querida,
Acalma em terra fria, deprimida,
E vive lá na escrita sempre triste.

Se no sossego etéreo em que a escrita
Memória desta vida nos consente,
Não te livres daquele amor fluente
Que foi nos olhos meus pura partita.

Daqui não sei de que possa acudir-me
Essa dor que dizes que te ficou
Da mágoa, sem emenda, de perder-me,

Rogo a Deus, que meus anos encurtou,
Que tão cedo não te chamem meus olhos,
Que por bem de teus olhos me tomou.

* Escolhi este soneto pela sua estrutura e musicalidade, os seus catorze versos apresentam um ritmo harmonioso e sereno que torna a leitura encantadora. O soneto transmite um sentimento profundo e pode relacionar-se com experiências pessoais.

*Matilde Pereira, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha gentil, que te sumiste
Tão cedo desta vida descontente,
Descansa lá no Céu comodamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no apoio eterno, onde sumiste,
Lembrança desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão claro existe.

E se vires que pode reviver-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da raiva, sem remédio, de esquecer-te,

Reza a Deus, que teus dias encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a crer-te,
Quão cedo de meus lábios te levou.

* Escolhi este soneto pela profundidade emocional que ele transmite, pela forma como Camões se sente e como expressa o seu amor por Dinamene.

*Matilde Pereira, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha gentil, que te tardaste
Tão cedo nesta vida tão temida,
Cochila em terra fria, abatida,
E fica lá na escrita sempre triste.

Se no banco etéreo em que a escrita
Lembrança desta vida nos pressente,
Não te esqueças daquele amor ausente
Que foi nos olhos meus clara desdita.

Daqui não sei de que possa servir-me
Essa dor que dizes que te lesou
Da pena, sem remédio, de esquecer-me,

Imponho a Deus, que meus anos sossegou,
Que tão cedo não te vejam meus braços,
Que por bem de teus lábios me roubou.

* Escolhi este soneto também pela forma como Dinamene se expressa, a sua profunda resposta a Camões, as palavras que utiliza para descrever que o seu sentimento não era assim tão profundo como o de Camões.

*Ricardo Jesus, 10.º ano, Matosinhos**

Cisma minha servil, que te abriste
Tão tarde desta verve dependente,
Serena lá no Céu avidamente
E sofra eu cá na cova nunca triste.

Se lá no leito eterno, onde partiste,
Descuido desta poda se pressente,
Não te isentes daquele humor dolente
Que já nos dedos meus tão alvo ouviste.

E se vires que pode comover-te
Nenhuma cousa a voz que me catou
Da raiva, sem saída, de salvar-te,

Berra a Ra, que teus dias reduziu,
Que tão cedo de cá me leve a crer-te,
Quão tarde de meus pulsos te furtou.

* Escolhi este soneto pela riqueza de imagens e referências mitológicas (Ra), que falam sobre a passagem do tempo e o destino. A tensão emocional e o rigor formal mostram a dualidade entre o divino e o humano, convidando-nos a refletir sobre como as coisas e as pessoas mudam.

*Ricardo Jesus, 10.º ano, Matosinhos**

Arma minha fabril, que te tombaste
Tão tarde nesta verve tão despida,
Sepulta em fala quente, corroída,
E vive lá na pauta sempre triste.

Se no leito eterno em que a treta
Lembrete desta letra nos desmente,
Não te livres daquele furor jazente
Que foi nos dedos meus baça mesquita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa voz que dizes que te citou
Da graça, sem conserto, de topar-me,

Rogo a Thor, que meus luxos estendeu,
Que tão cedo não te soem meus cílios,
Que por bem de teus lábios me furtou.

* Escolhi este soneto pela riqueza de imagens e referências mitológicas (Thor), que falam sobre a passagem do tempo e o destino.

*Rita Silva, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha gentil, que te feriste
Tão cedo desta vida descontente,
Acalma lá no Céu eternamente
E viva eu cá na toca sempre triste.

Se lá no assento humano, onde subiste,
Memória desta terra se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro existe.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Berra a Deus, que teus dias reduziu,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te roubou.

* Escolhi este soneto pois exprime, de forma intensa e bonita, a tristeza que Camões sentiu quando Dinamene partiu, pois amava de forma incondicional Dinamene, acabando por ficar desolado com a sua partida e desejando morrer para poder ver seus olhos novamente.

*Rita Silva, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha gentil, que te quebraste
Tão cedo nesta fala tão doída,
Descansa em casa fria, dolorida,
E vive lá na letra sempre triste.

Se no descanso eterno em que a escrita
Memória desta letra nos presente,
Não te esqueças daquele amor ausente
Que foi nos olhos meus pura visita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa dor que dizes que te lesou
Da mágoa, sem reparo, de esquecer-me,

Berro a Deus, que meus dias encurtou,
Que tão cedo não te fixem meus olhos,
Que por bem de teus olhos me levou.

* Escolhi este soneto pois as palavras usadas trazem uma sonoridade que me cativou.

*Rodrigo Silva, 10.º ano, Matosinhos**

Casa minha subtil, que te esvaíste
Tão cedo desta terra confidente,
Sossega lá no Sol comodamente
E sofra eu cá na pátria sempre triste.

Se lá no leito eterno, onde fugiste,
Lembrança desta vida se pressente,
Não te isentes daquele amor fervente
Que já nos braços meus tão claro existe.

E se vires que pode aprazer-te
Alguma cousa a dor que me lesou
Da pena, sem socorro, de deixar-te,

Pede a Deus, que teus dias limitou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus braços te tirou.

* Personalizei o soneto desta forma pois acredito que os termos que agora utilizei substituem os termos do soneto original de maneira a não perder a sua identidade e o sentimento, que a meu ver são os principais elementos do mesmo.

*Rodrigo Silva, 10.º ano, Matosinhos**

Graça minha servil, que te quebraste
Tão cedo nesta era tão ferida,
Serena em terra ardente, deprimida,
E vive lá na letra sempre triste.

Se no descanso eterno em que a escrita
Lembrete desta verve nos desmente,
Não te livres daquele amor dolente
Que foi nos olhos meus plena desdita.

Daqui não sei de que possa servir-me
Essa dor que dizes que te lesou
Da mágoa, sem conserto, de esquecer-me,

Clamo a Deus, que meus atos dilatou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me furtou.

* Explorei este soneto desta maneira, visto que considero que assim o soneto continua a realçar a opinião de Dinamene sobre o sentimento expresso por Camões no seu soneto, mas com termos que valorizam o seu ponto de vista.

*Tomás Rodrigues, 10.º ano, Matosinhos **

Ama minha ardil, que te faliste
Tão tarde desta tribo insolente,
Relaxa lá no Sol aridamente
E dure eu cá na terra nunca triste.

Se lá no assento eterno, onde partiste,
Indício desta tribo se pressente,
Não te safes daquele odor demente
Que já nos braços meus tão sujo existe.

E se vires que pode aprazer-te
Nenhuma cousa a luz que me cegou
Da graça, sem remédio, de deixar-te,

Uiva a Zeus, que teus anos encurtou,
Que tão tarde de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus braços te levou.

* Escolhi este soneto, pois esta versão subverte a tradição elegíaca ao apresentar Camões que não lamenta a perda de Dinamene, mas mostra-se indiferente e até rancoroso. Em vez de desejar reencontrar Dinamene, deseja que esta sofra no além. O soneto explora ironia e vingança, desafiando a visão sentimental da morte.

*Tomás Rodrigues, 10.º ano, Matosinhos **

Trama minha febril, que te zangaste
Tão logo nesta tribo tão ferida,
Sepulta em água fria, falecida,
E priva lá na letra sempre triste.

Se no leito aéreo em que a letra
Relato desta tribo nos presente,
Não te lembres daquele amor doente
Que foi nos braços meus plena mesquita.

Daqui não sei de que possa contar-me
Essa luz que dizes que te ficou
Da graça, sem remédio, de esquecer-me,

Mando a Zeus, que meus dias encurtou,
Que tão logo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus braços me tirou.

* Escolhi este soneto por apresentar a perspectiva de Dinamene, falecida, que se dirige a Camões que o esqueceu. Em vez de lamentar a sua própria morte, expressa um certo distanciamento e ironia, desejando que o outro não se lembre dele. O tom é frio e resignado, subvertendo a tradição elegíaca.

*Bernardo Miguel, 10.º ano, Matosinhos**

Calma minha hostil, que te abriste
Tão cedo desta poda confidente,
Sossega lá no Sol epicamente
E dure eu cá na pátria nunca triste

Se lá no assento aéreo, onde fugiste,
Lembrete desta verve se desmente,
Não te escapes daquele alvor ardente
Que já nos dentes meus tão turvo urdiste.

E se vires que pode reviver-te
Nenhuma cousa a dor que me safou
Da pena, sem socorro, de salvar-te,

Uiva a Deus, que teus ecos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a crer-te,
Quão tarde de meus lábios te roubou.

* Escolhi este poema pela sua expressão da saudade e da dor, refletindo a perda e a passagem do tempo. A linguagem intensa consegue transmitir luto e resignação, tocando na universalidade do sofrimento humano.

*Bernardo Miguel, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha hostil, que te quitaste
Tão cedo nesta tribo tão despida,
Acalma em urna terna, coagida,
E fina lá na escrita nunca triste.

Se no sossego ovídeo em que a tinta
Minuta desta terra nos consente,
Não te livres daquele alvor cadente
Que foi nos pulsos meus suja desdita.

Daqui não sei de que possa ajudar-me
Essa dor que dizes que te burlou
Da festa, sem aperto, de fruir-me,

Uivo a Ra, que meus fios estendeu,
Que tão cedo não te escrevam meus dentes,
Que por bem de teus dentes me levou.

* Nesta versão, as palavras apontam, de alguma forma, para um surrealismo inesperado, pelo que consegue surpreender o leitor.

*Afonso Costa, 10.º ano, Matosinhos**

Casa minha fabril, que te quitaste
Tão tarde nesta fauna tão temida,
Dormita em tela calma, esvaída,
E troca lá na pauta nunca triste.

Se no assento humano em que a letra
Memória desta fauna nos desmente,
Não te livres daquele pudor temente
Que foi nos dedos meus pura pepita.

Daqui não sei de que possa atrair-me
Essa luz que dizes que te ditou
Da pena, sem remédio, de perder-me,

Clamo a Thor, que meus fios alongou,
Que tão tarde não te chamem meus olhos,
Que por bem de teus dentes me tirou.

* Na minha opinião, a resposta de Camões a Dinamene expressa a dor e o conflito interno do poeta. Ele questiona o distanciamento dela e lamenta a perda. A referência a Thor e o pedido para evitar mais sofrimento revelam, de forma criativa, o desejo de superar o amor não correspondido e a desilusão.

*Afonso Costa, 10.º ano, Matosinhos**

Dama minha viril, que te esvaíste
Tão cedo desta morte imprudente,
Respalda lá no Sul omnisciente
E prive eu cá na pátria nunca triste.

Se lá no banco aéreo, onde buliste,
Memória desta verve se consente,
Não te escapes daquele furor ausente
Que já nos pulsos meus tão claro ouviste.

E se vires que pode abater-te
Nenhuma cousa a dor que me culpou
Da graça, sem remédio, de largar-te,

Prega a Sol, que teus ecos sossegou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus lábios te tirou.

* Na minha opinião, este soneto é profundamente comovente, pois transmite de forma intensa a dor da perda e a saudade. A escolha das palavras e o ritmo dos versos criam uma atmosfera melancólica, fazendo com que o leitor sinta a angústia do eu lírico. Gosto especialmente da forma como o poema expressa a luta entre a memória e a inevitabilidade da morte, tornando-o ainda mais impactante.

*Afonso Pego Rocha, 10.º ano, Matosinhos**

Ama minha servil, que te fundiste
Tão cedo desta vida negligente,
Cochila lá no Céu liricamente
E sofra eu cá na pátria sempre triste.

Se lá no leito erróneo, onde subiste,
Vestígio desta vida se pressente,
Não te isentes daquele amor fervente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode comover-te
Alguma cousa a dor que me falou
Da mágoa, sem socorro, de rever-te,

Roga a Deus, que teus dias encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

* Escolhi este soneto pois senti-me mais confortável com as palavras e com a forma como elas conseguem transmitir uma tão profunda mensagem.

*Afonso Pego Rocha, 10.º ano, Matosinhos**

Trama minha hostil, que te voaste
Tão logo nesta fauna tão cerzida,
Descansa em eira eterna, indevida,
E tomba lá na letra sempre triste.

Se no descanso eterno em que a escrita
Relato desta fauna nos consente,
Não te safes daquele odor ausente
Que foi nos dedos meus baça visita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa dor que dizes que te ficou
Da festa, sem aperto, de reler-me,

Mando a Pã, que meus elos serenou,
Que tão tarde não te chamem meus braços,
Que por bem de teus dedos me tomou.

* Considero interessante a escolha das palavras e a imagem que elas conseguem produzir no leitor.

*Ana Rita Lopes, 10.º ano, Matosinhos**

Calma minha subtil, que te fundiste
Tão cedo desta fauna conivente,
Sossega lá no Sol irreverente
E fique eu cá na gruta sempre triste.

Se lá no apoio eterno, onde sorriste
Lembrete desta morte se consente,
Não te livres daquele amor fervente
Que já nos lábios meus tão pleno existe.

E se vires que pode ofender-te
Alguma cousa a luz que me culpou
Da raiva, sem socorro, de perder-te,

Berra a Zeus, que teus fios encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus pulsos te tirou.

* Escolhi estas palavras para comporem este poema porque achei que fizeram muito sentido, devido ao tema em que se encontra o texto e por ter gostado da maneira como soam e como se completam umas às outras.

*Ana Rita Lopes, 10.º ano, Matosinhos**

Casa minha hostil, que te purgaste
Tão cedo nesta vida tão cingida,
Repousa em urna quente, iludida,
E fica lá na tinta sempre triste.

Se no apoio humano em que a tinta
Memória desta vida nos consente,
Não te escapes daquele rumor ausente
Que foi nos olhos meus pura visita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa dor que dizes que te lesou
Da mágoa, sem remédio, de perder-me,

Imponho a Sol, que meus anos sossegou,
Que tão cedo não te icem meus braços,
Que por bem de teus lábios me furtou.

* Escolhi estas palavras porque gostei de como ficou o resultado final e por serem palavras que me cativaram. Acho que o poema ficou coerente, sem também alterar o assunto do mesmo.

*Beatriz Ferreira, 10.º ano, Matosinhos**

Ama minha viril, que te feriste
Tão cedo desta morte insolente,
Cochila lá no Sol penosamente
E fique eu cá na cova sempre triste.

Se lá no assento eterno, onde fugiste,
Descuido desta terra se pressente,
Não te livres daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão baço viste.

E se vires que pode reviver-te
Alguma cousa a luz que me ficou
Da mágoa, sem socorro, de perder-te,

Manda a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão tarde de cá me leve a crer-te,
Quão cedo de meus olhos te tomou.

* Escolhi alterar o poema assim porque sinto que expressou sentimentos profundos com paixão, saudade e entrega.

*Beatriz Ferreira, 10.º ano, Matosinhos**

Ama minha gentil, que te largaste
Tão tarde nesta pena tão punida,
Sossega em terra fria, condoída,
E tomba lá na escrita sempre triste.

Se no sossego eterno em que a escrita
Memória desta terra nos consente,
Não te esqueças daquele amor ausente
Que foi nos olhos meus turva mesquita.

Daqui não sei de que possa custar-me
Essa dor que dizes que te ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-me,

Rogo a Deus, que meus anos sossegou,
Que tão cedo não te chamem meus olhos,
Que por bem de teus olhos me roubou.

* Escolhi alterar o poema assim porque as palavras conseguem exprimir sentimentos de nostalgia, vazio e saudade, sendo um poema que exprime algo profundo.

*Beatriz Rodrigues, 10.º ano, Matosinhos**

Graça minha hostil, que te esvaíste
Tão cedo desta era negligente,
Repousa lá no Céu eternamente
E sofra eu cá na terra sempre triste.

Se lá no leito etéreo, onde surgiste,
Lembrança desta vida se pressente,
Não te livres daquele humor ardente
Que já nos olhos meus tão puro existe.

E se vires que pode abater-te
Alguma cousa a luz que me safou
Da mágoa, sem saída, de esquecer-te,

Reza a Deus, que teus dias encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus braços te roubou.

* Escolhi estas palavras porque achei que as palavras, ainda que diversas, mantinham o mesmo significado do poema original, mostrando bem a mágoa que Camões sentia.

*Beatriz Rodrigues, 10.º ano, Matosinhos**

Barca minha senil, que te culpaste
Tão tarde nesta terra tão despida,
Fatiga em tela fria, esvaída,
E sofre lá na tinta sempre triste.

Se no leito eterno em que a tinta
Memória desta era nos consente,
Não te escapes daquele amor ausente
Que foi nos olhos meus suja visita.

Daqui não sei de que possa usar-me
Essa dor que dizes que te cegou
Da mágoa, sem remédio, de esquecer-me,

Peço a Deus, que meus anos encurtou,
Que tão cedo não te chamem meus braços,
Que por bem de teus lábios me tomou.

* Escolhi estas palavras por espelharem bem o sentimento de alívio que Dinamene sente por não estar perto de Camões.

*Constança Antunes, 10.º ano, Matosinhos**

Graça minha gentil, que te esvaíste
Tão cedo desta vida imprudente,
Repousa lá no Céu suavemente
E dure eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor fervente
Que já nos braços meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me rogou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Grita a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus braços te levou.

* Alterei o soneto desta maneira, pois penso que demonstra claramente o sentimento de saudade e aflição que submergem Camões. As palavras e expressões “vida imprudente” e “levou” remetem para a dor, a mágoa, a raiva e a saudade que Camões terá sentido pela perda da sua musa Dinamene.

*Constança Antunes, 10.º ano, Matosinhos**

Sina minha gentil, que te quebraste
Tão cedo nesta vida tão sentida,
Agita em terra fria, condoída,
E vive lá na escrita sempre triste.

Se no assento etéreo em que a tinta
Memória desta vida nos consente,
Não te esqueças daquele amor cadente
Que foi nos olhos meus pura desdita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa dor que dizes que te ficou
Da mágoa, sem remédio, de esquecer-me,

Grito a Deus, que meus anos encurtou,
Que tão cedo não te fitem meus olhos,
Que por bem de teus braços me roubou.

* Alterei este poema da seguinte maneira, pois penso que ilustra perfeitamente a mágoa profunda e a dor que Dinamene sente por ter perdido o seu amado. Escolhi palavras como “Grito” e “Sina” pois demonstram o desespero sentido por Dinamene e o amor infinito que sentia pelo seu amado Camões.

*Diogo Ferreira, 10.º ano, Matosinhos **

Turma minha civil, que te despiste
Tão tarde desta morte dependente,
Fatiga lá no breu eternamente
E tombe eu cá na toca nunca triste.

Se lá no assento aéreo, onde sorriste
Desprezo desta tribo se pressente,
Não te escapes daquele ardor fervente
Que já nos lábios meus tão mudo urdiste.

E se vires que pode comover-te
Alguma cousa a dor que me calhou
Da pena, sem remédio, de achar-te,

Prega a Sol, que teus elos serenou,
Que tão tarde de cá me leve a ver-te,
Quão tarde de meus dedos te tirou.

* Escolhi este soneto pois as suas palavras expressam de forma muito profunda a dor da separação e a saudade de alguém que partiu. O poeta aceita a perda, mas ainda deseja reencontrar essa pessoa. A escuridão representa a morte, enquanto o Sol simboliza esperança. A estrutura do poema e suas rimas transmitem um tom triste e profundo.

*Diogo Ferreira, 10.º ano, Matosinhos**

Fama minha senil, que te privaste
Tão tarde nesta fauna tão curtida,
Respira em terra ardente, poluída,
E anda lá na escrita nunca triste.

Se no assento eterno em que a escrita
Lembrança desta fala nos consente,
Não te lembres daquele humor ausente
Que foi nos lábios meus plena visita.

Daqui não sei de que possa ajudar-me
Essa luz que dizes que te negou
Da pena, sem mistério, de reler-me,

Prego a Thor, que meus anos estendeu,
Que tão cedo não te leiam meus dentes,
Que por bem de teus pulsos me tirou.

* Escolhi este soneto porque faz-se referência à fama e ao tempo, mostrando como a escrita pode ser uma forma de lembrança, mas também que está sujeita ao esquecimento. Nesta versão, consegue-se, de forma interessante, expressar um tom que traz nostalgia e deseja que as suas palavras durem, mesmo sabendo que tudo pode desaparecer com o tempo.

*Gabriela Silva, 10.º ano, Matosinhos**

Calma minha senil, que te partiste
Tão cedo desta vida negligente,
Repousa lá no Céu ilegalmente
E morra eu cá na vila sempre triste.

Se lá no assento eterno, onde fugiste,
Vestígio desta vida se pressente,
Não te esqueças daquele amor dormente
Que já nos olhos meus tão puro existe.

E se vires que pode acender-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Pede a Deus, que teus dias sossegou,
Que tão tarde de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

* Escolhi este poema com estas palavras pois transmitiu-me a realidade de muitos humanos, ainda hoje, o sentimento de dor e de perda.

*Gabriela Silva, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha viril, que te fundiste
Tão tarde desta terra descontente,
Agita lá no Céu timidamente
E fique eu cá na terra sempre triste.

Se lá no espanto erróneo, onde subiste,
Lembrete desta vida se consente,
Não te livres daquele alvor fervente
Que já nos cílios meus tão baço urdiste.

E se vires que pode demover-te
Alguma cousa a voz que me catou
Da mágoa, sem mezinha, de salvar-te,

Roga a Thor, que teus ecos reduziu,
Que tão tarde de cá me leve a ser-te,
Quão tarde de meus dentes te furtou.

* Escolhi este poema, pois as suas palavras transmitiram-me amor.

*Gonçalo Carvalho, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha subtil, que te partiste
Tão cedo desta terra insolente,
Serena lá no breu timidamente
E sofra eu cá na terra sempre triste.

Se lá no banco erróneo, onde sumiste,
Memória desta vida se consente,
Não te livres daquele amor doente
Que já nos olhos meus tão sujo viste.

E se vires que pode ofender-te
Alguma cousa a dor que me culpou
Da pena, sem saída, de largar-te,

Pede a Deus, que teus anos limitou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus olhos te roubou.

* Este poema alterado deixa mais clara a minha interpretação do poema original, pois a utilização destas palavras tornam a mensagem mais direta e fácil de compreender.

*Gonçalo Carvalho, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha subtil, que te cansaste
Tão cedo nesta era tão temida,
Acalma em terra fria, deprimida,
E fica lá na escrita sempre triste.

Se no sossego erróneo em que a escrita
Lembrança desta era nos consente,
Não te livres daquele amor doente
Que foi nos olhos meus suja desdita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa dor que dizes que te cegou
Da graça, sem segredo, de falar-me,

Rezo a Deus, que meus anos sossegou,
Que tão cedo não te cansem meus olhos,
Que por bem de teus olhos me levou.

* Com estas palavras, o soneto acaba por transmitir, no meu ponto de vista, uma mensagem mais compreensível de acordo com a minha interpretação da relação que Camões e Dinamene tinham.

*Gonçalo Santos, 10.º ano, Matosinhos**

Graça minha subtil, que te partiste
Tão tarde desta vida descontente,
Descansa lá no Céu eternamente
E sofra eu cá na terra sempre triste.

Se lá no apoio eterno, onde partiste,
Lembrança desta morte se desmente,
Não te esqueças daquele amor carente
Que já nos braços meus tão pleno existe.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a voz que me cegou
Da raiva, sem socorro, de querer-te,

Reza a Deus, que teus dias limitou,
Que tão tarde de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus braços te tomou.

* Este poema alterado ilustra muito bem a situação de Camões depois de perder a sua paixão num naufrágio. As palavras são mais simples, transmitindo de igual modo a profunda mensagem.

*Gonçalo Santos, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha civil, que te largaste
Tão tarde nesta fala tão sentida,
Respira em zona calma, destemida,
E vive lá na escrita nunca triste.

Se no repouso humano em que a escrita
Lembrete desta fala nos consente,
Não te lembres daquele amor doente
Que foi nos lábios meus pura desdita.

Daqui não sei de que possa acudir-me
Essa voz que dizes que te sarou
Da mágoa, sem segredo, de achar-me,

Clamo a Deus, que meus atos encurtou,
Que tão logo não te citem meus braços,
Que por bem de teus lábios me tirou.

* Este poema alterado reflete, de forma interessante, a forma como Dinamene terá respondido a Camões, para que este não ficasse deprimido por perder a sua paixão. No poema alterado, surgem palavras mais atualizadas e torna-se mais fácil de compreender.

*Inês Almeida, 10.º ano, Matosinhos**

Ama minha hostil, que te partiste
Tão cedo desta terra serviente,
Acalma lá no Céu obediente
E viva eu cá na cova sempre triste.

Se lá no banco humano, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor carente
Que já nos olhos meus tão claro existe.

E se vires que pode reviver-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da raiva, sem remédio, de perder-te,

Impõe a Deus, que teus anos encolheu,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus olhos te tomou.

* Escolhi este soneto, pois penso que mostra a intensa e profunda forma de amar de Camões de uma maneira mais simples e engraçada, reforçando a dor e a saudade que a sua amada lhe deixou por partir tão cedo.

*Inês Almeida, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha subtil, que te privaste
Tão cedo nesta vida tão despida,
Repousa em zona fria, coagida,
E morre lá na escrita sempre triste.

Se no assento humano em que a escrita
Memória desta terra nos desmente,
Não te esqueças daquele amor ingente
Que foi nos olhos meus pura visita.

Daqui não sei de que possa custar-me
Essa dor que dizes que te burlou
Da pena, sem remédio, de perder-me,

Rezo a Deus, que meus fios encurtou,
Que tão cedo não te chamem meus braços,
Que por bem de teus olhos me tomou.

* Escolhi este soneto porque mostra a mágoa que a alma que partiu sente da pessoa que ficou na terra que um dia foi o seu grande amor. Reforça também a ideia que a alma quer que a pessoa sofra o que ela sofreu mas de outra maneira, ficando na terra sem saber dela e com o peso da mágoa de alguém que não poderá perdoá-lo.

*Íris Coelho, 10.º ano, Matosinhos**

Chama minha ardil, que te abriste
Tão cedo desta fauna imprudente,
Serena lá no breu avidamente
E viva eu cá na toca sempre triste.

Se lá no apoio eterno, onde fugiste,
Vestígio desta era se pressente,
Não te escapes daquele vapor ardente
Que já nos braços meus tão puro urdiste.

E se vires que pode remoar-te
Alguma cousa a voz que me safou
Da pena, sem dilema, de perder-te,

Clama a Zeus, que teus fios limitou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus dedos te roubou.

* Seleccionei este soneto, pois a meu ver a musicalidade que traz ao significado do poema é muito significativa.

*Íris Coelho, 10.º ano, Matosinhos**

Graça minha subtil, que te cansaste
Tão cedo nesta verve tão doída,
Serena em urna fria, oprimida,
E zomba lá na tinta sempre triste.

Se no descanso eterno em que a letra
Resenha desta pena nos pressente,
Não te livres daquele rumor doente
Que foi nos olhos meus plena visita.

Daqui não sei de que possa ajudar-me
Essa voz que dizes que te calou
Da raiva, sem mistério, de esquecer-me,

Rezo a Sol, que meus atos sossegou,
Que tão cedo não te fitem meus olhos,
Que por bem de teus dedos me tirou.

* Seleccionei este poema, pois atraiu-me o som que as palavras produzem ao serem lidas.

*Janice Maiunga, 10.º ano, Matosinhos**

Dama minha civil, que te fundiste
Tão cedo desta vida imprudente,
Respira lá no Céu eternamente
E dure eu cá na terra nunca triste.

Se lá no banco aéreo, onde subiste,
Vestígio desta terra se desmente,
Não te livres daquele amor dormente
Que já nos pulsos meus tão pleno existe.

E se vires que pode acender-te
Alguma cousa a luz que me falou
Da festa, sem saída, de deixar-te,

Reza a Deus, que teus atos encolheu,
Que tão tarde de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus lábios te roubou.

* Escolhi este poema porque o sentimento que transmite é engraçado e verdadeiro.

*Janice Maiunga, 10.º ano, Matosinhos**

Graça minha hostil, que te culpaste
Tão tarde nesta era tão ferida,
Repousa em obra calma, poluída,
E fica lá na tinta nunca triste.

Se no descanso eterno em que a tinta
Memória desta terra nos consente,
Não te escapes daquele amor temente
Que foi nos braços meus clara partita.

Daqui não sei de que possa importar-me
Essa luz que dizes que te safou
Da pena, sem mistério, de ouvir-me,

Grito a Deus, que meus luxos estendeu,
Que tão cedo não te leiam meus olhos,
Que por bem de teus pulsos me levou.

* Na resposta deste soneto, os sentimentos já são diferentes, alterando ligeiramente a mensagem original.

*Leonor Ferreira, 10.º ano, Matosinhos**

Trama minha viril, que te sumiste
Tão tarde desta terra prepotente,
Fatiga lá no Sol omnipresente
E morra eu cá na pátria nunca triste.

Se lá no espanto eterno, onde buliste,
Desprezo desta vida se pressente,
Não te livres daquele ardor dolente
Que já nos olhos meus tão turvo urdiste.

E se vires que pode remoer-te
Nenhuma cousa a dor que me lixou
Da raiva, sem mezinha, de largar-te,

Impõe a Zeus, que teus dias limitou,
Que tão tarde de cá me leve a ter-te,
Quão tarde de meus braços te tirou.

* Escolhi este soneto, pois expressa a dor da perda de uma forma intensa e melancólica, refletindo o destino e a separação. A linguagem elevada e as referências mitológicas reforçam o tom trágico. Além disso, a estrutura clássica do soneto dá musicalidade ao lamento do “eu” lírico, tornando-o mais cativante.

*Leonor Ferreira, 10.º ano, Matosinhos**

Casa minha servil, que te cansaste
Tão cedo nesta terra tão polida,
Acalma em cova eterna, dirimida,
E tomba lá na pauta sempre triste.

Se no banco eterno em que a pauta
Vestígio desta pena nos presente,
Não te livres daquele amor ausente
Que foi nos cílios meus clara visita.

Daqui não sei de que possa contar-me
Essa voz que dizes que te ditou
Da pena, sem aperto, de ouvir-me,

Imponho a Deus, que meus elos dilatou,
Que tão cedo não te sujem meus cílios,
Que por bem de teus lábios me levou.

* Escolhi este soneto, uma vez que representa a resposta, por mim imaginada, de Dinamene ao lamento do “eu” lírico no primeiro poema. As suas palavras transmitem resignação e serenidade diante da morte, contrastando com a dor expressa anteriormente. A estrutura mantém o diálogo poético, reforçando a conexão emocional entre os dois sonetos.

*Lilian Paiva, 10.º ano, Matosinhos**

Ama minha hostil, que te partiste
Tão cedo desta vida condolente,
Dormita lá no breu onnipotente
E sofra eu cá na furna sempre triste.

Se lá no espanto etéreo, onde buliste,
Desprezo desta verve se desmente,
Não te escapes daquele amor fervente
Que já nos olhos meus tão puro existe.

E se vires que pode acender-te
Alguma cousa a luz que me ficou
Da graça, sem socorro, de deixar-te,

Grita a Deus, que teus atos encurtou,
Que tão tarde de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te tirou.

* Escolhi essas palavras porque considero que a mensagem fica mais impactante. Também acho que estas palavras são mais bonitas e algumas até não são muito usadas normalmente, hoje em dia, o que me pareceu interessante.

*Lilian Paiva, 10.º ano, Matosinhos**

Dama minha gentil, que te fartaste
Tão cedo nesta terra tão tingida,
Descansa em terra seca, escondida,
E sofre lá na tinta talvez triste.

Se no sossego eterno em que a pauta
Relato desta fala nos desmente,
Não te escapes daquele alvor dolente
Que foi nos lábios meus clara desdita.

Daqui não sei de que possa usar-me
Essa luz que dizes que te cegou
Da mágoa, sem recurso, de perder-me,

Berro a Deus, que meus dias encurtou,
Que tão logo não te escrevam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me furtou.

* Escolhi essas palavras porque considero que a mensagem fica mais impactante. Também acho que estas palavras são mais bonitas e algumas até não são muito usadas normalmente, hoje em dia, o que me pareceu interessante.

*Luís Araújo, 10.º ano, Matosinhos **

Alma minha subtil, que te sumiste
Tão cedo desta vida insolente,
Repousa lá no Céu eternamente
E sofra eu cá na terra sempre triste.

Se lá no banco eterno, onde subiste,
Memória desta vida se pressente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode comover-te
Alguma cousa a dor que me cegou
Da raiva, sem socorro, de achar-te,

Pede a Deus, que teus anos limitou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus olhos te tirou.

* Escolhi este soneto com as estas palavras, pois parece-me que definem mais a relação entre Luís de Camões e Dinamene. As palavras que escolhi para este soneto explicam mais intensamente o que um quer dizer ao outro, ainda que com outras palavras claro.

*Luís Araújo, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha viril, que te largaste
Tão cedo nesta vida tão corrida,
Descansa em terra falsa, condoída,
E vive lá na escrita sempre triste.

Se no leito humano em que a escrita
Memória desta vida nos consente,
Não te esqueças daquele amor ausente
Que foi nos olhos meus pura desdita.

Daqui não sei de que possa custar-me
Essa voz que dizes que te fixou
Da pena, sem remédio, de ouvir-me,

Rezo a Deus, que meus anos aumentou,
Que tão cedo não te fixem meus olhos,
Que por bem de teus lábios me roubou.

* Escolhi este soneto com as estas palavras, pois parece-me que definem mais a relação entre Luís de Camões e Dinamene. As palavras que escolhi para este soneto explicam mais intensamente o que um quer dizer ao outro, ainda que com outras palavras claro.

*Madalena Viegas, 10.º ano, Matosinhos**

Dama minha servil, que te partiste
Tão cedo desta terra inocente,
Sepulta lá no Sol eternamente
E fique eu cá na campa sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde buliste,
Desprezo desta vida se consente,
Não te escapes daquele amor dormente
Que já nos lábios meus tão turvo existe.

E se vires que pode reviver-te
Alguma cousa a dor que me calhou
Da raiva, sem saída, de perder-te,

Grita a Deus, que teus anos limitou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus lábios te tirou.

* Escolhi esta combinação de palavras, pois senti que manteve a essência do poema, dando-lhe uma nova perspetiva.

*Madalena Viegas, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha hostil, que te cansaste
Tão cedo nesta fala tão polida,
Serena em obra seca, deprimida,
E sofre lá na letra sempre triste.

Se no assento etéreo em que a letra
Vestígio desta terra nos desmente,
Não te safes daquele amor cadente
Que foi nos lábios meus turva visita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa dor que dizes que te lesou
Da mágoa, sem amparo, de esquecer-me,

Grito a Deus, que meus anos encurtou,
Que tão cedo não te fitem meus olhos,
Que por bem de teus olhos me roubou.

* Escolhi esta combinação de palavras pois sinto que realçou a raiva transmitida por Dinamene no soneto original. Este soneto desperta fortes sentimentos relacionados com o amor ou, então, a falta dele.

*Susana Correia, 10.º ano, Matosinhos**

Alma minha gentil, que te despiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no Céu impaciente
E fique eu cá na furna sempre triste.

Se lá no leito etéreo, onde fugiste,
Desprezo desta era se pressente,
Não te escapes daquele amor fervente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode ofender-te
Nenhuma cousa a luz que me cegou
Da pena, sem socorro, de lembrar-te,

Clama a Deus, que teus fios serenou,
Que tão tarde de cá me leve a ser-te,
Quão cedo de meus braços te tirou.

* A escolha dos sonetos de Camões e Dinamene reflete meu interesse pela profundidade do amor e da perda. A troca poética entre eles simboliza a conexão eterna entre almas, mesmo após a morte. Esses poemas ressoam em mim, evocando emoções intensas e uma apreciação pela beleza da linguagem clássica.

*Susana Correia, 10.º ano, Matosinhos**

Dama minha gentil, que te despiste
Tão cedo desta era exigente,
Agita lá no Céu penosamente
E morra eu cá na terra nunca triste.

Se lá no leito aéreo, onde sumiste,
Lembrança desta vida se consente,
Não te livres daquele amor ardente
Que já nos cílios meus tão sujo existe.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

* A escolha dos sonetos de Camões e Dinamene reflete meu interesse pela profundidade do amor e da perda. A troca poética entre eles simboliza a conexão eterna entre almas, mesmo após a morte. Esses poemas ressoam em mim, evocando emoções intensas e uma apreciação pela beleza da linguagem clássica.

*Tomás Gabriel Franco Rodrigues, 10.º ano, Matosinhos**

Chama minha subtil, que te sumiste
Tão cedo desta terra impotente,
Respalda lá no breu aridamente
E dure eu cá na terra sempre triste.

Se lá no leito aéreo, onde subiste,
Vestígio desta terra se consente,
Não te esqueças daquele vapor ardente
Que já nos pulsos meus tão claro existe.

E se vires que pode reviver-te
Alguma cousa a luz que me ceifou
Da mágoa, sem saída, de rever-te,

Uiva a Deus, que teus elos sossegou,
Que tão tarde de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te tomou.

* Reescrevi este poema por forma a exaltar a perda sofrida por Luís Vaz de Camões e os sentimentos que persistem e se intensificam na escrita, mas que acabam por transcender para a realidade.

*Tomás Gabriel Franco Rodrigues, 10.º ano, Matosinhos**

Calma minha hostil, que te livraste
Tão cedo nesta fala tão florida,
Descansa em toca eterna, poluída,
E fica lá na escrita sempre triste.

Se no leito humano em que a tinta
Vestígio desta terra nos desmente,
Não te escapes daquele odor temente
Que foi nos lábios meus suja visita.

Daqui não sei de que possa servir-me
Essa dor que dizes que te cegou
Da graça, sem conserto, de reler-me,

Imponho a Sol, que meus atos alongou,
Que tão tarde não te leiam meus olhos,
Que por bem de teus pulsos me tirou.

* Reescrevi este poema para transmitir um sentimento de indiferença e superação da relação amorosa por parte da Dinamene, que já ultrapassou a relação com Luís Vaz de Camões. Este é que ainda sofre, sofrimento este descrito aqui com altivez e uma ligeira arrogância.

*Yara Ferreira Duarte, 10.º ano, Matosinhos**

Sina minha viril, que te esvaíste
Tão cedo desta vida imprudente,
Enfada lá no Céu eternamente
E cesse eu cá na terra sempre triste.

Se lá no leito etéreo, onde cingiste,
Memória desta vida se consente,
Não te livres daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro urdiste.

E se vires que pode demover-te
Alguma cousa a dor que me cegou
Da mágoa, sem socorro, de querer-te,

Roga a Thor, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus olhos te tomou.

* Escolhi este soneto, visto que as belas palavras usadas para transmitir a mensagem contribuem para que tudo se encaixe e os sentimentos demonstrados se aflorem, fazendo, assim, com que o leitor se emocione mais.

*Yara Ferreira Duarte, 10.º ano, Matosinhos**

Cisma minha hostil, que te purgaste
Tão cedo nesta vida tão cindida,
Descansa em terra falsa, iludida,
E sofre lá na escrita sempre triste.

Se no repouso etéreo em que a escrita
Vestígio desta vida nos desmente,
Não te isentes daquele amor cadente
Que foi nos olhos meus pura desdita.

Daqui não sei de que possa servir-me
Essa dor que dizes que te cegou
Da mágoa, sem conserto, de perder-me,

Rogo a Thor, que meus anos encurtou,
Que tão cedo não te chamem meus olhos,
Que por bem de teus olhos me furtou.

* Escolhi esta variante no sentido de podermos ler e sentir totalmente os sentimentos aflorados e definitivamente não implícitos, garantindo uma experiência sentimental.

*Francisca Fonseca, 10.º ano, Matosinhos**

Chama minha servil, que te abriste
Tão tarde desta vida impotente,
Respira lá no Céu impaciente
E prive eu cá na fuma sempre triste.

Se lá no assento humano, onde sumiste,
Lembrança desta vida se pressente,
Não te escapes daquele vapor ausente
Que já nos braços meus tão puro existe.

E se vires que pode reviver-te
Nenhuma cousa a dor que me lesou
Da raiva, sem saída, de rever-te,

Reza a Deus, que teus dias limitou,
Que tão tarde de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te tomou.

* Escolhi este poema porque aprofunda o sentimento do amor eterno e o que causa a dor da ausência.

*Francisca Fonseca, 10.º ano, Matosinhos**

Chama minha subtil, que te privaste
Tão logo nesta escrita tão temida,
Relaxa em vila calma, reprimida,
E morre lá na escrita nunca triste.

Se no repouso eterno em que a escrita
Vestígio desta escrita nos desmente,
Não te escapes daquele amor temente
Que foi nos olhos meus muda visita.

Daqui não sei de que possa amparar-me
Essa dor que dizes que te ficou
Da mágoa, sem emenda, de escrever-me,

Grito a Deus, que meus anos estendeu,
Que tão tarde não te cansem meus olhos,
Que por bem de teus braços me tirou.

* Escolhi este poema porque reflete, de forma profunda e sensível, temas universais como o amor, a ausência e a forma como a escrita pode eternizar sentimentos.

*Ana Lúcia Gomes, 10.º ano, Coimbra**

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Serena lá Céu eternamente
E sofra eu cá na Terra sempre triste.

Se lá no assento eterno, onde subiste,
Desprezo desta morte se pressente,
Não te esqueças daquele amor ardente,
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Clama a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus braços te tomou.

* A palavra “Terra” começa com letra maiúscula em vez de minúscula, pois, no meu entendimento, é o planeta. No geral, tentei não alterar a essência do soneto. Sendo que a grande diferença esteja talvez no verso “Desprezo desta morte se pressente” em que o original é “Memória desta vida se consente”. Fiz esta alteração para salientar o desprezo que o sujeito poético sente pela morte.

*Ana Lúcia Gomes, 10.º ano, Coimbra**

Alma minha gentil, que te cansaste
Tão cedo nesta vida tão sentida,
Descansa em terra calma, condoída,
E vive lá na escrita nunca triste.

Se no sossego eterno em que a escrita
Memória desta vida nos consente,
Não te esqueças daquele amor ausente
Que foi nos olhos meus pura desdita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa dor que dizes que te ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-me,

Clamo a Deus, que meus anos encurtou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus braços me tomou.

* No geral, tentei não alterar a essência do soneto nem os sentimentos que este transmite. No entanto, nos dois últimos versos da primeira quadra entendi que Dinamene pede a Camões para ficar bem e não ficar triste eternamente por causa da sua morte, daí pedir-lhe que continue a viver e que descansa num local calmo.

*Inês Soares, 10.º ano, Coimbra**

Alma minha gentil, que te feriste
Tão cedo desta vida insolente,
Repousa lá no Céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento eterno, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos braços meus tão pleno viste.

E se vires que pode comover-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus braços te levou.

* As mudanças produzidas não alteram a métrica, apenas acentuam a minha visão da revolta e dor do sujeito poético. O uso do verbo “feriste” pretende acentuar o sofrimento e o adjetivo “insolente” mostra revolta contra a vida. A expressão “Nos olhos” transmite um amor idealizado, enquanto “nos braços” sugere um amor vivido fisicamente.

Alma minha gentil, que te salvaste
Tão cedo nesta vida tão sentida,
Repousa em terra fria, reprimida,
E vive lá na escrita sempre triste.

Se no sossego eterno em que a escrita
Memória desta vida nos consente,
Não te esqueças daquele amor dolente
Que foi nos lábios meus plena desdita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa dor que dizes que te ficou
Da mágoa, sem reparo, de perder-me,

Peço a Deus, que meus anos encurtou,
Que tão cedo não te chamem meus braços,
Que por bem de teus braços me tomou.

* As mudanças feitas não alteram a métrica, mas transformam a mensagem do poema, tornando a dor mais contida e serena. Substituir “quebraste” por “salvaste” sugere um resgate, dando à partida um sentido maior. A alteração para “reprimida” torna a dor mais fechada, e “sossego eterno” confere mais paz silenciosa do que grandiosidade. “Amor dolente” aprofunda a dor, tornando-a mais íntima, enquanto “lábios” expressa uma dor mais física. “Sem reparo” reforça a perda irreversível, e “peço” atenua a súplica. A expressão “meus braços” dá dimensão física à perda, e “por bem de teus braços” sugere um deus protetor.

*João Francisco Mendes, 10.º ano, Coimbra**

Casa minha senil, que te sumiste
Tão cedo desta vida indolente,
Repousa lá no Sol eternamente
E viva eu cá na terra talvez triste.

Se lá no espanto etéreo, onde subiste,
Lembrança desta poda se consente,
Não te escapes daquele horror demente
Que já nos dedos meus tão claro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a luz que me ficou
Da pena, sem dilema, de achar-te,

Prega a Sol, que teus dias encurtou,
Que tão tarde de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te roubou.

* Sem comprometer a versificação, este poema foi modificado com o objetivo de explorar novas leituras sobre a saudade que o sujeito poético vive, depois da morte da sua amada.

*João Francisco Mendes, 10.º ano, Coimbra**

Coima minha gentil, que te quebraste
Tão cedo nesta vida tão sentida,
Repousa em terra fria, condoída,
E anda lá na escrita sempre triste.

Se no assento etéreo em que a tinta
Lembrança desta vida nos desmente,
Não te lembres daquele ardor doente
Que foi nos cílios meus turva pepita.

Daqui não sei de que possa usar-me
Essa luz que dizes que te içou
Da raiva, sem recurso, de perder-me,

Imponho a Deus, que meus atos dilatou,
Que tão logo não te vejam meus braços,
Que por bem de teus olhos me apartou.

* Transformei este poema, para criar uma nova perspetiva da relação entre Camões e Dinamene. As alterações preservam a carga emotiva e o ritmo do soneto.

*Ana Miguel Dias, 10.º ano, Coimbra**

Alma minha subtil, que te esvaíste
Tão cedo desta vida imprudente,
Descansa lá no Céu eternamente
E sofra eu cá na terra sempre triste.

Se lá no banco eterno, onde subiste,
História desta era se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos braços meus tão claro existe.

E se vires que pode demover-te
Alguma cousa a dor que me deixou
Da raiva, sem remédio, de perder-te,

Reza a Deus, que teus anos retirou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te tirou.

* Esta versão modificada do poema apresenta palavras que visam acentuar a dor (“sofra”) e dar um sentido finito à vida (“retirou”), mantendo a intenção e o significado original do mesmo. O verso “Memória desta vida” passou a “História desta era” para sugerir uma conceção mais abrangente daquilo que está a ser recordado. “História desta era” liga a vida do sujeito poético a um contexto temporal mais vasto.

*Ana Miguel Dias, 10.º ano, Coimbra**

Alma minha gentil, que te quebraste
Tão cedo nesta vida tão punida,
Descansa em terra triste, condoída,
E sofre lá na escrita sempre triste.

Se no banco eterno em que a escrita
Memória desta vida nos consente,
Não te livres daquele amor ausente
Que foi nos braços meus turva visita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa dor que dizes que te ficou
Da raiva, sem conserto, de perder-me,

Berro a Deus, que meus anos retirou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me apartou.

* Mais uma vez as palavras e as expressões alteradas têm como objetivo destacar a dor.

*Daniel Martins, 10.º ano, Coimbra**

Graça minha gentil, que te esvaíste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no Céu eternamente
E viva eu cá na vila sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Desprezo desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me calhou
Da raiva, sem remédio, de perder-te,

Grita a Deus, que teus anos limitou,
Que tão cedo de cá me leve a crer-te,
Quão cedo de meus lábios te levou.

* A seleção de palavras procurou manter o sentimento vivido pelo sujeito poético.

*Daniel Martins, 10.º ano, Coimbra**

Chama minha senil, que te cansaste
Tão logo nesta vida tão sentida,
Acalma em terra fria, erodida,
E vive lá na escrita talvez triste.

Se no assento etéreo em que a escrita
Lembrete desta vida nos desmente,
Não te esqueças daquele alvor ausente
Que foi nos braços meus plena desdita.

Daqui não sei de que possa amparar-me
Essa dor que dizes que te lesou
Da raiva, sem conserto, de perder-me,

Imponho a Deus, que meus anos serenou,
Que tão cedo não te fixem meus olhos,
Que por bem de teus braços me levou.

* Na minha opinião, esta versão atenua um pouco a dor, pois as palavras selecionadas são menos intensas.

*Leonor Calhındro Pereira, 10.º ano, Coimbra**

Fada minha subtil, que te feriste
Tão cedo desta vida existente,
Repousa lá no Céu comodamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento eterno, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor carente
Que já nos pulsos meus tão puro ouviste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem saída, de querer-te,

Roga a Deus, que teus atos limitou
Que tão tarde de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus lábios te roubou.

* Substituí a palavra “Amada” por “Fada”, já que “Fada” é uma criatura mitológica geralmente representada como um ser encantado e Camões retrata a amada como alguém especial e mágico.

*Leonor Calhindo Pereira, 10.º ano, Coimbra**

Chama minha hostil, que te castraste
Tão cedo nesta terra tão sentida,
Agita em fala ardente, escondida,
E priva lá na escrita nunca triste.

Se no leito eterno em que a letra
Relato desta era nos desmente,
Não te escapes daquele alvor doente
Que foi nos olhos meus suja visita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa dor que dizes que te ficou
Da raiva, sem concerto, de ouvir-me,

Clamo a Pã, que meus dias alongou,
Que tão logo não te cansem meus olhos,
Que por bem de teus lábios me tirou.

* Todas as palavras substituídas no poema original foram geradas pelo programa, e escolhidas por mim pois achei que estas tornariam a leitura mais disruptiva.

*Diogo Canelas, 10.º ano, Coimbra**

Alma minha subtil, que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no Céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode receber-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Roga a Nut, que teus dias limitou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

* Alterei o verbo “merecer-te” por “receber-te”. Substituí a palavra “Deus” pela palavra “Nut”, pois Nut é a deusa do céu, segundo a mitologia egípcia. O sujeito poético pede a Dinamene que reze a Nut, para que ele também possa ser levado para o céu.

*Diogo Canelas, 10.º ano, Coimbra**

Alma minha gentil, que te quebraste
Tão cedo nesta vida tão sofrida,
Repousa em terra fria, condoída,
E vive lá na escrita sempre triste.

Se no assento etéreo em que a escrita
Memória desta vida nos consente,
Não te esqueças daquele amor ausente
Que foi nos olhos meus pura desdita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa dor que dizes que te marcou
Da mágoa, sem remédio, de perder-me,

Rogo a Deus, que meus anos encurtou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me apartou.

* Mudei a palavra “sentida” por “sofrida” e a palavra “ficou” por “marcou”, pois creio que assim intensifico a dor que os dois amantes vivenciaram.

*Manuel Costa, 10.º ano, Coimbra**

Graça minha gentil, que te fugiste
Tão cedo desta vida evidente,
Repousa lá no Céu indiferente
E sofra eu cá na vila sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se desmente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos lábios meus tão puro viste.

E se vires que pode perceber-te
Alguma cousa a dor que me restou
Da graça, sem socorro, de temer-te,

Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

* Estes sonetos apresentam palavras e expressões modificadas, para se fazerem leituras um pouco diferentes.

*Manuel Costa, 10.º ano, Coimbra**

Alma minha febril, que te deixaste
Tão logo nesta pena tão sentida,
Repousa em terra fria, condoída,
E vive lá na escrita sempre triste.

Se no sossego etéreo em que a escrita
Memória desta terra nos consente,
Não te esqueças daquele amor ausente
Que foi nos lábios meus pura mesquita.

Daqui não sei de que possa levar-me
Essa dor que dizes que te ficou
Da mágoa, sem segredo, de perder-me,

Peço a Deus, que meus anos encurtou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me apartou.

* Estes sonetos apresentam palavras e expressões modificadas, para se fazerem leituras um pouco diferentes.

*Leonor Miguel Martins, 10.º ano, Coimbra**

Dama minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta terra deprimente,
Repousa lá no Céu eternamente
E viva eu cá na vila sempre triste.

Se lá no assento eterno, onde subiste,
Vestígio desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor fervente
Que já nos olhos meus tão claro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de querer-te,

Clama a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus olhos te roubou.

* A palavra “deprimente” procura acentuar a ideia de um estado de sofrimento emocional mais intenso, e não apenas uma falta de satisfação. O verbo “clamar” carrega um tom forte, enérgico e até desesperado, implicando uma súplica mais fervorosa ou um apelo urgente.

Leonor Miguel Martins, 10.º ano, Coimbra *

Alma minha gentil, que te salvaste
Tão cedo nesta terra tão temida,
Descansa em vila fria, deprimida,
E vive lá na escrita sempre triste.

Se no sossego eterno em que a escrita
Vestígio desta vida nos consente,
Não te esqueças daquele amor ausente
Que foi nos olhos meus pura visita.

Daqui não sei de que possa servir-me
Essa dor que dizes que te ficou
Da mágoa, sem remendo, de querer-me,

Clamo a Deus, que meus anos encurtou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me roubou.

* “Clamo” e “deprimente” foram palavras escolhidas para manter a coesão entre os dois poemas. A escolha de “remendo” foi, sobretudo, pelo impacto da palavra.

*Inês Ferreira Tavares, 10.º ano, Coimbra**

Alma minha gentil, que te sumiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no céu penosamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no banco eterno, onde subiste
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos braços meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a voz que me restou
Da mágoa, sem saída, de perder-te,

Roga a Deus, que teus atos sossegou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus braços te tirou.

* Fiz estas modificações no soneto para facilitar a compreensão, mas sem comprometer a profundidade emocional e simbólica dos versos de Camões. A acentuação, as rimas e a métrica foram mantidas, garantindo que a musicalidade do poema continuasse fiel ao original.

*Inês Ferreira Tavares, 10.º ano, Coimbra**

Chama minha febril, que te livraste
Tão cedo nesta vida tão sentida,
Repousa em terra fria, corroída,
E vive lá na escrita sempre triste.

Se no descanso eterno em que a escrita
Memória desta vida nos consente,
Não te esqueças daquele amor ausente
Que foi nos braços meus pura desdita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa voz que dizes que te safou
Da mágoa, sem emenda, de falar-me,

Rezo a Deus, que meus anos sossegou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me furtou.

* Procurei preservar o significado profundo do poema original, ajustando apenas algumas palavras para não quebrar a essência poética.

*Leonor Mendes, 10.º ano, Coimbra**

Alma minha gentil, que te partiste,
Tão cedo desta vida descontente,
Descansa lá no Céu eternamente
E viva eu cá na gruta talvez triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor carente
Que já nos olhos meus tão duro viste.

E se vires que pode reviver-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Pede a Pol, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus braços te tirou.

* A palavra “gruta” enfatiza a solidão do sujeito poético, como se estivesse dentro de uma gruta fechado e isolado do resto do mundo. Já na última estrofe, “Pol” é uma abreviatura do nome do deus Apolo, o deus das artes e da música. Tal alteração pretende produzir musicalidade através da aliteração (“Pede a Pol”).

*Leonor Mendes, 10.º ano, Coimbra**

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo nesta vida tão traída,
Descansa em terra fria, deprimida,
E vive lá na escrita talvez triste.

Se no assento etéreo em que a escrita
Memória desta vida nos consente,
Não te esqueças daquele amor carente
Que foi nos lábios meus pura visita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa dor que dizes que te ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-me,

Peço a Pol, que meus anos encurtou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus braços me tirou.

* Na segunda quadra, o último verso “Que foi nos lábios meus pura visita”, pretendi deixar a dúvida sobre a intensidade do amor. Considero que Dinamene possa não ter vivido o amor da mesma forma, fazendo, neste verso, referência a um amor passageiro.

Maria Miguel Folgado, 10.º ano, Coimbra *

Alma minha gentil, que te sumiste
Tão cedo desta vida deprimente
Serena lá no Céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento eterno, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor potente
Que já nos olhos tão puro existe.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me levou
Da raiva, sem remédio, de perder-te

Pede a Deus que teus anos limitou
Que tão cedo de cá me leve a ver-te
Quão cedo de meus braços te roubou.

* *Deprimente* – Intensifica a dor sentida pelo sujeito poético pela perda da sua amada. *Potente* – Demonstra o quanto o sujeito poético gostava daquele amor que os unia. *Levou* – Ao longo do poema, sente-se que a perda da sua amada o afastou um pouco da vida devido a mágoa que lhe causou. Surge então a ideia de a dor lhe ter retirado a sua paixão pela vida, pois esta apenas existia quando estava perto da sua amada.

*Maria Miguel Folgado, 10.º ano, Coimbra**

Dama minha gentil que te migraste
Tão breve nesta vida tão sentida
Repousa em terra terna, condoída,
E vive lá na escrita sempre triste.

Se no assento eterno em que a escrita
Memória desta vida nos desmente
Não te esqueças daquele humor ausente
Que foi nos olhos meus pura desdita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa paz que dizes que te restou
Da mágoa, sem remédio, de perder-me,

Rezo a Deus, que meus anos encurtou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me separou.

* *Dama* – representa um amor mais distante. *Breve* – demonstra a mágoa de ter morrido tão cedo. *Paz* – representa a humildade desejada numa relação e o respeito pelo bem-estar de ambos. *Restou* – as coisas que ficaram na sua memória.

Dama minha gentil, que te faliste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no breu eternamente
E fique eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor carente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me cegou
Da mágoa, sem socorro, de perder-te,

Prega a Deus, que teus anos serenou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

* As palavras substituídas não alteram significativamente o sentido do soneto camoniano. A palavra “Dama” evidencia o amor do sujeito poético pela sua amada. A palavra “breu” dá uma ideia de nevoeiro, penumbra e sombra. A palavra “carente” reforça a submissão do sujeito poético à amada. O verbo “cegou” mostra que o sujeito poético ficou magoado. As palavras “sem socorro” mostram que não há solução.

*Manuel Cardoso, 10.º ano, Coimbra **

Alma minha gentil, que te privaste
Tão cedo nesta vida tão sentida,
Repousa em terra fria, aturdida,
E vive lá na escrita sempre triste.

Se no assento etéreo em que a escrita
Memória desta vida nos consente,
Não te esqueças daquele amor ausente
Que foi nos braços meus pura desdita.

Daqui não sei de que possa usar-me
Essa dor que dizes que te ficou
Da mágoa, sem recurso, de perder-me,

Rogo a Zeus, que meus anos encurtou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me apartou.

* As palavras substituídas não alteram significativamente o sentido do soneto camoniano. A palavra “privaste” mostra que o sujeito poético foi privado da sua amada. A palavra “usar-me” mostra que Dinamene não consegue ajudar Camões. As palavras “sem recurso” mostra que o sujeito poético não teve opção de escolher.

Alma minha gentil, que te partiste
Tão breve desta vida descontente,
Descansa lá no Céu eternamente
E siga eu cá na terra sempre triste.

Se lá no trono etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te afastes daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão limpo viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem alívio, de perder-te,

Pede a Deus, que teus dias limitou
Que tão breve de cá me leve a ver-te
Quão breve de meus olhos te tirou.

* As alterações foram feitas de modo a preservar as rimas, as sílabas métricas e o significado do poema original. A mudança de “assento” para “trono” foi feita para manter a fluidez do texto, sem alterar o sentido global de que a “alma” subiu para o Céu. “Esqueças” foi alterado para “afastes”, pois sugere que a sua amada permanece próxima desse amor, o que reforça um tom de proximidade afetiva. Assim, as substituições continuam a refletir o sofrimento que o poema original transmite.

*Beatriz Arinto, 10.º ano, Coimbra**

Alma minha gentil, que te quebraste
Tão breve nesta vida tão punida
Descansa em terra fria, condoída,
E siga lá na escrita sempre triste.

Se no trono etéreo em que a escrita
Memória desta vida nos consente,
Não te afastes daquele amor ausente
Que foi nos olhos meus pura desdita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa dor que dizes que te restou
Da mágoa, sem alívio, de perder-me,

Peço a Deus, que meus dias encurtou
Que tão breve não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me apartou.

* Também estas alterações foram feitas de modo a manter as rimas, as sílabas métricas e o significado do poema original. “Sem remédio” sugere que não há cura, enquanto “sem alívio” indica que o sofrimento persiste sem consolo, sendo que as duas expressões transmitem a ideia de uma dor irreparável.

*Maria Dias, 10.º ano, Coimbra**

Casa minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta era influente,
Repousa lá no Céu eternamente
E viva eu cá na Terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se ressente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode comover-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te

Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

* “Ressente”: O sujeito poético deseja que a sua amada se lembre da vida que passou com ele.

*Maria Dias, 10.º ano, Coimbra**

Vida minha gentil, que te fartaste
Tão cedo nesta pena tão sentida,
Repousa em terra fria, condoída,
E vive lá na escrita talvez triste.

Se no assento etéreo em que a escrita
Memória desta escrita nos consente,
Não te esqueças daquele amor ausente
Que foi nos olhos meus pura desdita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa dor que dizes que te ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-me,

Rogo a Deus, que meus anos retirou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me roubou.

* As alterações feitas não retiram o sentido do poema original.

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no Céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento eterno, onde subiste,
Lembrança desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem saída, de perder-te,

Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus braços te levou.

* Na primeira estrofe, substituí “descontente” por “impotente”, pois acho que esta palavra transmite mais força ao sentimento do poeta. Na segunda estrofe, troquei “etéreo” por “eterno” para simplificar a compreensão, já que “eterno” é mais comum. Ainda na segunda estrofe, substituí “memória” por “lebrança”, o que parece mais pessoal e sentimental. Na terceira estrofe, substituí “remédio” por “saída” para intensificar a ideia de mágoa irreversível. Por fim, na última estrofe, troquei “olhos” por “braços”, pois isso cria uma sensação mais profunda de saudade e vazio emocional, reforçando a perda vivida.

Alma minha gentil, que te quebraste
Tão cedo nesta vida tão sentida,
Repousa em terra fria, dolorida,
E vive lá na escrita sempre triste.

Se no repouso etéreo em que a escrita
Memória desta vida nos consente,
Não te isentes daquele amor ausente
Que foi nos olhos meus pura desdita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa dor que dizes que te ficou
Da mágoa, sem emenda, de perder-me,

Rogo a Deus, que meus anos encurtou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me levou.

* Na primeira estrofe, substituí “condoída” por “dolorida” para simplificar a compreensão, mantendo o tom melancólico. Na segunda estrofe, alterei “assento” por “repouso” para evocar descanso eterno, e substituí “esqueças” por “isentes”, enfatizando a ideia de não deixar de sentir o amor, em vez de apenas esquecer-lo. Na terceira estrofe, substituí “remédio” por “emenda” para transmitir que a mágoa da perda é irreversível e não pode ser corrigida. Na última estrofe, substituí “apartou” por “levou”, pois esta troca reforça a ideia de algo irreversível, intensificando a dor da separação.

*Sara Almeida, 10.º ano, Coimbra **

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida inocente,
Repousa lá no Céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento eterno, onde sorriste
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem saída, de perder-te,

Pede a Deus, que teus anos retirou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

* Na minha opinião, as palavras que eu substituí não alteram significativamente o poema. São apenas uma combinação possível que conserva a métrica do soneto.

*Sara Almeida, 10.º ano, Coimbra**

Alma minha gentil, que te quebraste
Tão cedo nesta terra tão sentida,
Repousa em terra fria, condoída,
E vive lá na escrita sempre triste.

Se no assento eterno em que a escrita
Memória desta vida nos consente,
Não te esqueças daquele amor ausente
Que foi nos olhos meus pura desdita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa dor que dizes que te marcou
Da mágoa, sem remédio, de perder-me,

Peço a Deus, que meus anos encurtou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus braços me levou.

* Alterei a palavra “ficou” para “marcou” pois quando morreu, houve uma dor que ficou para sempre e que o marcou.

*Tiago Vilas-Boas, 10.º ano, Coimbra**

Alma minha gentil, que te sumiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no Céu suavemente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos braços meus tão claro viste

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te

Reza a Frey, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te
Quão cedo dos meus olhos te levou.

* Fiz a alteração da palavra “Deus” pelo nome de um deus nórdico, Frey, que representa o casamento e a fertilidade.

*Tiago Vilas-Boas, 10.º ano, Coimbra**

Alma minha gentil, que te quebraste
Tão cedo nesta vida tão sentida,
Repousa em terra doce, condoída,
E vive lá na escrita sempre triste.

Se no assento etéreo em que a escrita
Lembrança desta vida nos consente,
Não te isentes daquele amor ausente
Que foi nos braços meus plena desdita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa dor que dizes que te ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-me,

Rogo a Deus, que meus dias encurtou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me apartou.

* Apesar das palavras alteradas, procurei manter a intensidade da dor vivida pelo sujeito poético.

*Miguel Gaspar, 10.º ano, Coimbra**

Vénus minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida descontente
Espera lá no Céu eternamente
E ame eu cá na vila sempre triste

Se lá no assento etéreo, onde luziste
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste

E se vires que pode condoer-te
Alguma cousa a fé que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te

Fala a Deus, que teus tempos alegrou
Que tão breve de cá me leve a ver-te
Quão breve de meus olhos te puxou.

* As palavras substituídas não alteram o significado do poema original. Escolhi a deusa Vénus, pois era conhecida como a Deusa do Amor, sendo este o sentimento que une o sujeito poético a Dinamene. Alterei certas palavras para facilitar a leitura.

Miguel Gaspar, 10.^o ano, Coimbra^{*}

Vida minha gentil, que te sumiste
Tão cedo nesta vida tão sentida,
Repousa em terra fria, condoída,
E resta lá na escrita sempre triste.

Se no assento etéreo em que a escrita
História desta vida nos consente,
Não te esqueças daquele amor latente
Que foi nos olhos meus pura desdita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa fé que dizes que te ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-me,

Falo a Deus, que meus tempos encurtou,
Que tão breve não te tapem meus olhos,
Que por bem de teus olhos me apartou.

^{*} Substituí “alma” por “vida”, pois considero que esta palavra reforça a dimensão da existência terrena, e menos da vertente espiritual. Troquei a palavra “dor” por “fé”, uma vez que “fé” remete para uma esperança que ficou. Alterei “ausente” por “latente”, porque considero que a palavra sugere que o amor continua a ser vivido, apesar da ausência do ser amado. A palavra “história” dá uma certa narratividade ao poema. As mudanças tornam o poema reflexivo.

*Miguel Lucas, 10.º ano, Coimbra**

Chama minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida indolente
Descansa lá no céu eternamente
E viva eu cá na terra talvez triste.

Se lá no assento humano onde sumiste,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão mudo viste.

E se vires que pode acender-te
Alguma cousa a voz que me safou
Da mágoa, sem saída de perder-te

Roga a Deus que teus dias encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te
Quão cedo de meus braços te roubou.

* As palavras alteradas pretenderam intensificar o desespero sentido pelo eu poético.

*Miguel Lucas, 10.º ano, Coimbra**

Chama minha gentil, que te cismaste
Tão cedo nesta verve tão cerzida,
Descansa em água calma, escondida,
E sofre lá na tinta talvez triste.

Se no assento humano em que a treta
Indício desta era nos pressente,
Não te lembres daquele ardor ingente
Que foi nos braços meus suja desdita.

Daqui não sei de que possa atrair-me
Essa voz que dizes que te safou
Da mágoa, sem remédio, de achar-me,

Peço a Deus, que meus dias sossegou,
Que tão tarde não te tapem meus olhos,
Que por bem de teus braços me roubou.

* Procurei realçar a emoção e a serenidade do sujeito poético, apesar da sua vida triste longe do seu amado.

Mariana Cunha, 10.º ano, Coimbra*

Dama minha hostil, que te faliste
Tão cedo desta vida imprudente,
Sossega lá no azul infinitamente,
E ande eu cá na terra sempre triste.

Se lá no leito aéreo, onde subiste,
História desta vida se presente,
Não te esqueças daquele amor fulgente
Que já nos lábios meus tão claro ouviste.

E se vires que pode reviver-te
Alguma cousa a luz que me cegou
Da dor, sem socorro, de esquecer-te,

Reza a Zeus, que teus fios limitou,
Que tão cedo da cá me leve a crer-te,
Quão tarde de meus braços te furtou.

* *Imprudente*: viveu sem cautela. *Azul infinitamente*: sugere a ideia de encontrar tranquilidade num espaço amplo, aberto. *História*: momentos mais significativos no passado e possíveis do futuro. *Dor*: sentimento de sofrimento, tristeza ou angústia. *Zeus*: deus dos céus.

Mariana Cunha, 10.º ano, Coimbra*

Alma minha gentil, que te quebraste
Tão cedo nesta letra tão sentida,
Relaxa em cova fria, contraída,
E morre lá na escrita talvez triste.

Se no descanso etéreo em que a tinta
Memória desta escrita no presente,
Não te lembres daquele horror dolente
Que foi nos olhos minha pura pepita.

Daqui não sei de que possa acudir me
Essa voz que dizes que te citou
Da raiva, sem amparo, de ouvir-me.

Prece a Deus, que meus dias alongou
Que tão logo não te cansem meus olhos
Que por bem de teus pulsos me tomou.

* *Relaxa*: indica que Camões deve serenar, apesar da dor que vive. *Prece*: demonstra fé e busca uma ligação com o divino.

*Margarida Santos, 10.º ano, Coimbra**

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida emergente,
Repousa lá no mar tranquilamente
E sinta eu cá na praia sempre triste.

Se lá no espanto Mistério , onde subiste,
Memória desta vida se desmente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão duro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a cor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Sopra a Deus, que teus tempos afogou,
Que tão cedo de cá me leve a ler-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

* Foram modificadas algumas palavras, para dar um novo sentido e uma nova visão à relação amorosa vivida por Camões.

*Margarida Santos, 10.º ano, Coimbra**

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo nesta vida tão sentida,
Repousa em terra fria, condoída,
E mora lá na escrita sempre triste.

Se no assento etéreo em que a escrita
Memória desta vida nos desmente,
Não te esqueças daquele amor ausente
Que foi nos olhos meus pura desdita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa dor que dizes que te ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-me,

Rogo a Deus, que meus anos encurtou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me apartou.

* Na minha opinião, esta versão aproxima os dois poemas originais.

*Henrique Duarte, 10.º ano, Coimbra**

Alma minha subtil, que te sumiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no Céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde fugiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor fervente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode comover-te
Alguma cousa a dor que me lesou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Roga a Frey, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te tirou.

* As palavras substituídas não alteram significativamente o sentido do soneto camoniano. A palavra “subtil” é utilizada para descrever a alma que partiu, mostrando que a dama era delicada. A palavra “fugiste” mostra o sentimento de perda do sujeito poético perante o falecimento da amada. A palavra “fervente” tem um sentido muito semelhante ao original, mostrando a grandeza do amor que o sujeito poético sentia pela amada.

*Henrique Duarte, 10.º ano, Coimbra**

Alma minha febril, que te quebraste
Tão tarde nesta vida tão sentida,
Repousa em terra fria, condoída,
E vive lá na ermida sempre triste.

Se no assento etéreo em que a escrita
Memória desta vida nos consente,
Não te livres daquele amor ausente
Que foi nos olhos meus pura pepita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa luz que dizes que te cegou
Da mágoa, sem remédio, de perder-me,

Rogo a Frey, que meus anos encurtou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me furtou.

* As palavras substituídas não alteram significativamente o sentido do soneto camoniano. A palavra “febril” mostra que Camões ficou bastante debilitado após a perda da sua amada. A palavra “ermida” indica que o sujeito poético pede a Camões para viver num lugar isolado. A palavra “Frey” é o nome do deus nórdico da paz, da fertilidade, do bom tempo e na sua mitologia é irmão de “Freya”, que é a deusa do amor.

*Mariana Simões, 10.º ano, Coimbra**

Alma minha febril que te partiste
Tão cedo desta sina penitente,
Descansa lá no céu eternamente
E viva eu cá na Terra sempre triste.

Se lá no leito etéreo, onde subiste,
Lembrança desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor cadente
Que já nos olhos meus tão santo viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma coisa a luz que me tirou
Da mágoa, sem alívio de perder-te,

Pede a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus braços te levou.

* A substituição das palavras originais procurou acentuar a vivência do luto por parte do sujeito poético.

*Mariana Simões, 10.º ano, Coimbra**

Vida minha dócil que te quebraste
Tão cedo nesta lida tão sofrida,
Repousa em terra fria, condoída,
E vive lá na terra sempre triste.

Se no assento eterno em que a escrita
Memória desta era nos consente
Não te esqueças daquele amor fulgente
Que foi nos olhos meus clara visita.

Daqui não sei de que possa acudir-me
Essa dor que dizes que te cegou
Da mágoa, sem conserto de perder-me

Grito a Deus que meus anos encurtou,
Que tão cedo não te mimem meus braços,
Que por bem de teus braços me apartou.

* As substituições foram um ato de combinação de palavras, não pretendendo criar novas leituras do poema.

*Leonor Marques, 10.º ano, Coimbra**

Poema de Camões para Dinamene
Chama minha senil, que te sumiste
Tão cedo desta era consciente,
Cochila lá no Sul regiamente
E prive eu cá na campa sempre triste.

Se lá no espanto humano, onde sorriste
Vestígio desta vida se consente,
Não te esqueças daquele humor dolente
Que já nos pulsos meus tão claro urdiste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a luz que me calhou
Da raiva, sem dilema, de largar-te,

Clama a Deus, que teus anos sossegou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus lábios te levou.

* A troca da palavra “sempre” pela palavra “nunca” e de “eternamente” por “regiamente” pretende realçar a tristeza eterna do sujeito poético, após a perda da sua amada. Além de eternizar a sua tristeza, a palavra “regiamente” realça que, após a morte, o seu amor irá ficar para sempre no “trono” (no céu).

*Leonor Marques, 10.º ano, Coimbra**

Casa minha servil, que te fartaste
Tão logo nesta era tão corrida,
Fatiga em tela eterna, expelida,
E curte lá na tinta sempre triste.

Se no banco humano em que a escrita
Relato desta fauna nos consente,
Não te livres daquele amor doente
Que foi nos olhos meus muda partita.

Daqui não sei de que possa contar-me
Essa luz que dizes que te calou
Da raiva, sem conserto, de ouvir-me,

Grito a Pã, que meus anos sossegou,
Que tão logo não te bebam meus braços,
Que por bem de teus dentes me levou.

* Optei por esta combinação para mostrar que o sujeito poético quer que o amor entre os dois perdure.

*João António Antunes, 10.º ano, Coimbra**

Dama minha febril, que te sumiste
Tão cedo desta tribo descontente,
Descansa lá no Céu eternamente
E prive eu cá na terra sempre triste.

Se lá no banco etéreo, onde subiste,
Lembrança desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor fervente
Que já nos olhos meus tão puro existe.

E se vires que pode comover-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem socorro, de perder-te,

Reza a Deus, que teus dias encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te tomou.

* “Dama minha febril, que te sumiste”, este verso transmite a paixão intensa de Luís de Camões pela sua amada que se revelou frágil (febril). As alterações produzidas respeitam o sofrimento do sujeito poético, pois já não há como obter “socorro”.

*João António Antunes, 10.º ano, Coimbra**

Chama minha ardil, que te afastaste
Tão cedo nesta vida tão doída,
Descansa em terra fria, comovida,
E priva lá na escrita sempre triste.

Se no apoio etéreo em que a escrita
Vestígio desta vida nos consente,
Não te esqueças daquele amor doente
Que foi nos olhos meus plena desdita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa dor que dizes que te ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-me,

Peço a Deus, que meus anos encurtou,
Que tão cedo não te fixem meus olhos,
Que por bem de teus olhos me levou.

* As alterações produzidas permitem conservar a expressão da dor que Camões viveu após a morte de Dinamene.

*Ana Gabriela Costa, 10.º ano, Coimbra**

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida exigente,
Sossega lá no Céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento eterno, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro existe.

E se vires que pode comover-te
Alguma cousa a luz que me cegou
Da mágoa, sem saída, de perder-te,

Reza a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus braços te tirou.

* Na minha opinião, esta versão do soneto expressa, de igual forma, a dor profunda, a saudade da vida que nos deixa, mas também o desejo do reencontro.

*Ana Gabriela Costa, 10.º ano, Coimbra**

Alma minha gentil, que te culpaste
Tão cedo nesta terra tão querida,
Repousa em terra fria, condoída,
E vive lá na escrita nunca triste.

Se no assento etéreo em que a escrita
Memória desta vida nos consente,
Não te esqueças daquele amor fluente
Que foi nos olhos meus pura desdita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa dor que dizes que te fixou
Da mágoa, sem remédio, de perder-me,

Grito a Deus, que meus anos encurtou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me levou.

* Na minha opinião, esta nova versão continua a acentuar o sentimento de perda e a saudade.

*Maria Inês Almeida, 10.º ano, Coimbra**

Chama minha viril, que te sumiste
Tão cedo desta terra insolente,
Serena lá no breu finitamente
E fique eu cá na campa talvez triste.

Se lá no banco aéreo, onde fugiste,
Desprezo desta morte se desmente,
Não te escapes daquele amor doente
Que já nos lábios meus tão pleno existe.

E se vires que pode reviver-te
Nenhuma cousa a luz que me ficou
Da raiva, sem saída, de largar-te,

Grita a Zeus, que teus luxos limitou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus lábios te levou.

* Realizei as alterações por forma a manter a essência dos poemas originais.

*Maria Inês Almeida, 10.º ano, Coimbra**

Chama minha subtil, que te cessaste
Tão cedo nesta fauna tão sorvida,
Acalma em terra fria, consumida,
E fica lá na escrita sempre triste.

Se no espanto aéreo em que a tinta
Vestígio desta terra nos consente,
Não te livres daquele amor ausente
Que foi nos olhos meus clara desdita.

Daqui não sei de que possa servir-me
Essa dor que dizes que te lesou
Da mágoa, sem conserto, de perder-me,

Peço a Rã, que meus dias encurtou,
Que tão logo não te fixem meus olhos,
Que por bem de teus lábios me afastou.

* Acrescentei Rã, o Deus do sol, pois que a vida de Dinamene se extinguiu e ficou “sem sol”

*Diana Bento, 10.º ano, Coimbra**

Ama minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida insolente,
Descansa lá no breu finitamente
E dure eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento eterno, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor carente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem saída, de lembrar-te,

Clama a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

* O que me levou a escolher esta versão foi a maneira como as combinações possíveis continuavam a expressar sentimentos de afeto, admiração e desejo.

*Diana Bento, 10.º ano, Coimbra**

Ama minha gentil, que te quebraste
Tão cedo nesta vida tão temida,
Serena em terra fria,deprimida,
E vive lá na escrita sempre triste.

Se no assento eterno em que a escrita
Vestígio desta vida nos consente,
Não te esqueças daquele amor ausente
Que foi nos olhos meus pura desdita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa dor que dizes que te ficou
Da mágoa, sem saída, de lembrar-te,

Rezo a Deus, que meus dias encurtou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me apartou.

* Mesmo não conhecendo bem Dinamene, recriei o soneto para realçar a reciprocidade do sentimento amoroso entre Dinamene e Camões.

*João Manuel dos Santos, 10.º ano, Coimbra**

Fama minha subtil, que te esvaíste
Tão cedo desta era indolente,
Agita lá no Céu penosamente
E fique eu cá na pátria sempre triste.

Se lá no espanto humano, onde surgiste,
Descuido desta vida se consente,
Não te esqueças daquele furor fulgente
Que já nos braços meus tão puro existe.

E se vires que pode reviver-te
Alguma cousa a luz que me ficou
Da festa, sem dilema, de perder-te,

Reza a Deus, que teus dias limitou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus cílios te tirou.

* Gostei desta versão porque me fez recordar a era dos descobrimentos, quando Portugal perdeu a sua glória.

*João Manuel dos Santos, 10.º ano, Coimbra**

Trama minha hostil, que te livraste
Tão tarde nesta pena tão sentida,
Enfada em casa eterna, contraída,
E sofre lá na letra sempre triste.

Se no leito etéreo em que a letra
Resenha desta pena nos pressente,
Não te livres daquele ardor temente
Que foi nos olhos meus clara partita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa luz que dizes que te burlou
Da pena, sem emenda, de perder-me,

Rezo a Zeus, que meus dias dilatou,
Que tão cedo não te cansem meus cílios,
Que por bem de teus cílios me tirou.

* Este poema foi o resultado da minha seleção de propostas geradas pelo programa. Gostei especificamente desta, pois mantém o tom melancólico do original, sem parecer robotizado.

*Matilde Amorim, 10.º ano, Coimbra**

Dama minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta terra descontente,
Respira lá no Sol comodamente
E dure eu cá na cova sempre triste.

Se lá no banco eterno, onde surgiste,
Lembrança desta vida se consente,
Não te lembres daquele ardor fervente
Que já nos cílios meus tão mudo viste.

E se vires que pode demover-te
Alguma cousa a dor que me calhou
Da raiva, sem saída, de rever-te,

Clama a Deus, que teus dias limitou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus braços te roubou.

* Optei por estas alterações porque as palavras revelam os mesmos sentimentos, ficando, assim, o poema próximo do original.

*Matilde Amorim, 10.º ano, Coimbra**

Casa minha civil, que te privaste
Tão cedo nesta era tão temida,
Descansa em terra terna, deprimida,
E vive lá na letra sempre triste.

Se no repouso eterno em que a escrita
Relato desta fala nos consente,
Não te livres daquele amor ausente
Que foi nos lábios meus clara visita.

Daqui não sei de que possa servir-me
Essa dor que dizes que te ficou
Da raiva, sem emenda, de esquecer-me,

Peço a Deus, que meus dias encurtou,
Que tão cedo não te chamem meus braços,
Que por bem de teus dedos me roubou.

* Escolhi esta combinação para destacar a intensidade dos sentimentos, das emoções e a beleza do amor.

*Martim Domingues, 10.º ano, Coimbra**

Alma minha subtil, que te faliste
Tão cedo desta vida descontente,
Sossega lá no Céu eternamente
E fique eu cá na terra sempre triste.

Se lá no leito etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se pressente,
Não te esqueças daquele amor fervente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me matou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Pede a Deus, que teus dias encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te tirou.

* Tentando não alterar o sentido e a essência do poema original, mudei algumas palavras, que acredito que possam ajudar o leitor a entender o poema de uma forma mais imediata.

*Martim Domingues, 10.º ano, Coimbra**

Graça minha subtil, que te salvaste
Tão logo nesta vida tão sofrida,
Sossega em terra fria, dolorida,
E sofre lá na pauta sempre triste.

Se no assento etéreo em que a escrita
Memória desta letra nos consente,
Não te escapes daquele amor doente
Que foi nos olhos meus pura desdita.

Daqui não sei de que possa ajudar-me
Essa dor que dizes que te cegou
Da raiva, sem amparo, de perder-me,

Mando a Deus, que meus anos encurtou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me levou.

* Não querendo, também neste poema, mudar o sentido do poema original, procurei alterar palavras que apenas permitissem uma compreensão mais imediata.

*Laura Pratas Marques, 10.º ano, Coimbra**

Chama minha febril, que te esvaíste
Tão cedo desta vida descontente,
Serena lá no Céu eternamente
E zombe eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento Etéreo, onde subiste,
Vestígio desta morte se consente,
Não te escapes daquele amor fervente
Que já nos olhos meus tão claro existe.

E se vires que pode acender-te
Nenhuma cousa a dor que me cegou
Da mágoa, sem socorro, de querer-te,

Reza a Deus, que teus ecos sossegou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus olhos te tomou.

* Com a palavra “Chama” procuro realçar o amor ardente que consome o coração de Camões.

*Laura Pratas Marques, 10.º ano, Coimbra**

Sina minha viril, que te culpaste
Tão logo nesta letra tão ferida,
Sossega em água fria, deprimida,
E sofre lá na escrita sempre triste.

Se no sossego humano em que a escrita
Sinopse desta letra nos consente,
Não te escapes daquele amor dolente
Que foi nos olhos meus alva desdita.

Daqui não sei de que possa acudir-me
Essa dor que dizes que te ficou
Da raiva, sem amparo, de esquecer-me,

Rezo a Deus, que meus atos sossegou,
Que tão cedo não te leiam meus olhos,
Que por bem de teus lábios me tirou.

* Optei pela palavra “Sina” para afirmar que o destino estava traçado. Apesar das demais alterações, o soneto continua a realçar o amor ardente entre os amantes.

Chama minha ardil, que te feriste
Tão cedo desta fauna descontente,
Serena lá no Céu eternamente
E fique eu cá na terra sempre triste.

Se lá no leito eterno, onde subiste,
Vestígio desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode comover-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da pena, sem saída, de perder-te,

Roga a Deus, que teus dias encolheu,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus braços te levou.

* “Chama minha ardil” reforça a ideia de amor ardente que Luís de Camões sentia pela sua amada. A palavra “feriste” mostra o quão destruído o poeta se encontrava. A palavra “vestígio” realça o facto de, mesmo estando no Céu, a sua amada permanecer no seu coração. As últimas estrofes continuam, apesar das alterações, a mostrar que o poeta se sente devastado com a partida repentina e prematura da sua amada (“encolheu”), revelando também o desejo de se juntar a ela.

*Luana Simões Branco, 10.º ano, Coimbra**

Alma minha gentil, que te quebraste
Tão cedo nesta vida tão sentida,
Repousa em terra fria, dolorida,
E vive lá na escrita sempre triste.

Se no banco eterno em que a escrita
Memória desta vida nos consente,
Não te livres daquele amor doente
Que foi nos olhos meus pura desdita.

Daqui não sei de que possa acudir-me
Essa dor que dizes que te cegou
Da mágoa, sem emenda, de perder-me,

Rogo a Deus, que meus fios encurtou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus braços me apartou.

* A palavra “dolorida” reforça a mágoa sentida. Nas duas últimas estrofes, Dinamene afirma que os seus “fios” foram “encurtados”, aludindo deste modo às Parcas (divindades que controlam a vida dos mortais).

*Rodrigo Oliveira, 10.º ano, Coimbra**

Chama minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida influente,
Descansa lá no breu finitamente
E ande eu cá na terra sempre triste.

Se lá no banco eterno, onde subiste,
Lembrança desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da raiva, sem remédio, de perder-te,

Pede a Deus, que teus dias limitou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus braços te levou.

* Neste poema troquei algumas palavras para criar imagens mais suaves.

*Rodrigo Oliveira, 10.º ano, Coimbra**

Chama minha gentil, que te quebraste
Tão cedo nesta era tão corrida,
Descansa em casa fria, coagida,
E fica lá na escrita sempre triste.

Se no assento eterno em que a escrita
Lembrança desta vida nos pressente,
Não te escapes daquele amor ausente
Que foi nos olhos meus pura desdita.

Daqui não sei de que possa acudir-me
Essa dor que dizes que te calou
Da raiva, sem conserto, de perder-me,

Clamo a Deus, que meus dias serenou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me levou.

* Alterei algumas palavras para dar um toque mais pessoal, sem alterar o seu sentido.

*Maria Inês Ramalho, 10.º ano, Coimbra**

Dama minha sutil, que te partiste
Tão cedo desta vida inocente,
Repousa lá no Céu eternamente
E tombe eu cá na campa talvez triste.

Se lá no leito etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te escapes daquele amor fervente
Que já nos lábios meus tão pleno ouviste

E se vires que pode acender-te
Alguma cousa a luz que me rogou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Reza a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão tarde de meus dedos te tomou.

* As modificações agradaram-me, uma vez que preservei o sentido original. No verso 8, sugiro que a amada, mesmo distante, ainda se possa lembrar das declarações de amor que Camões expressou. Essa oposição entre o falar (“lábios”) e o ouvir (“ouviste”) dá um tom de continuidade à relação entre os dois, mesmo após a partida de Dinamene.

*Maria Inês Ramalho, 10.º ano, Coimbra**

Dama minha gentil, que te quebraste
Tão cedo nesta vida tão querida,
Repousa em terra fresca, condoída,
E anda lá na escrita sempre triste.

Se no assento etéreo em que a escrita
Memória desta vida nos consente,
Não te esqueças daquele amor ausente
Que foi nos olhos meus pura desdita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa dor que dizes que te cegou
Da mágoa, sem remédio, de perder-me,

Mando a Deus, que meus anos encurtou,
Que tão cedo não te chamem meus olhos,
Que por bem de teus olhos me apartou.

* Modifiquei algumas palavras, não alterando a “mensagem” que o poema nos transmite, pois identifiquei-me mais com estas, sendo uma questão de gosto pessoal. No primeiro verso, substituí a palavra “Alma” por “Dama”, uma vez que, dá uma presença mais concreta e tangível a algo que antes era abstrato (“Alma”).

*Tomás Antunes, 10.º ano, Coimbra**

Chama minha civil, que partiste
Tão tarde desta vida consciente,
Descansa lá no Céu comodamente
E fique eu cá na campa talvez triste.

Se lá no banco etéreo, onde subiste,
Vestígio desta morte se consente,
Não te isentes daquele amor doente
Que já nos olhos meus tão puro existe.

E se vires que pode ofender-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da graça, sem mezinha, de usar-te,

Pede a Deus, que teus atos serenou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus braços te furtou.

* Escolhi este poema porque expressa a dor da perda e o desejo do reencontro.

*Tomás Antunes, 10.º ano, Coimbra**

Arma minha subtil, que te fartaste
Tão tarde nesta terra tão querida,
Relaxa em cova terna, poluída,
E morre lá na letra talvez triste.

Se no banco etéreo em que a pauta
Lembrança desta terra nos consente,
Não te escapes daquele vapor fluente
Que foi nos braços meus turva visita.

Daqui não sei de que possa assistir-me
Essa voz que dizes que te calou
Da raiva, sem mistério, de topar-me,

Peço a Zeus, que meus luxos aumentou,
Que tão tarde não te comam meus braços,
Que por bem de teus pulsos me tirou.

* Escolhi este poema porque me parece acentuar o sentimento de frustração e de infelicidade.

*Maria Leonor Silva, 10.º ano, Coimbra**

Alma minha gentil, que te feriste
Tão longe desta vida eternamente,
Descansa lá no Céu suavemente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no descanso eterno, onde subiste,
Lembranças deste ser se pressente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

* Escolhi o verbo “ferir” em vez de “partir” pois, a meu ver, a alma de Dinamene pode ter ficado ferida ao ir para longe do seu amado. Escolhi as palavras “longe” e “eternamente” (no segundo verso) para expressar que Dinamene está num sítio longínquo (após a sua morte) e não tem como voltar. Substituí a expressão “assento etéreo” por “descanso eterno” por ser uma linguagem mais atual.

*Maria Leonor Silva, 10.º ano, Coimbra**

Alma minha gentil, que te quebraste
Tão cedo nesta vida tão corrida,
Repousa em terra doce, condoída,
E sonha lá na escrita sempre triste.

Se no descanso eterno em que a escrita
Lembranças desta luz nos consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que foi nos olhos meus pura desdita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa dor que dizes que te ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-me,

Grito a Deus, que meus anos encurtou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me apartou.

* Substituí a palavra “sentida” por “corrida” porque a vida de Dinamene foi curta. “Terra fria” por “Terra doce” porque supostamente o Paraíso é um lugar calmo e feliz, e assim Dinamene poderia querer tranquilizar Camões. “Vive” por “sonha”, pois Camões ao escrever “sonha acordado”. “Ausente” por “ardente”, pois o amor deles era muito forte.

*Constança Serra Lucas, 10.º ano, Coimbra**

Alma minha gentil, que te fugiste
Tão inesperadamente desta vida,
Repousa lá no Céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no céu eterno, onde subiste,
Lembranças desta vida se pressente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro riste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da raiva, sem socorro, de querer-te,

Grita a Deus, que teus anos recolheu,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te tomou.

* Decidi combinar estas palavras, pois são palavras que expressam a saudade e o desespero de Camões após a perda da sua amada. Destacam também o medo do que vai sentir, pois sabe que não a irá voltar a ver. São palavras que demonstram que ele realmente a amava e que deseja muito voltar a vê-la e a senti-la ao seu lado.

*Constança Serra Lucas, 10.º ano, Coimbra**

Alma minha gentil, que te quebraste
Tão cedo nesta vida tão sentida,
Repousa em terra fria, condoída,
E vive lá na escrita sempre triste.

Se no repouso eterno em que a escrita
Lembrança desta vida nos desmente.
Não te lembres daquele amor ausente
Que foi nos olhos meus pura desdita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa luz que dizes que te marcou
Da raiva, sem mistério, de perder-me,

Suplico a Deus, que meus anos tirou,
Que tão cedo não te sintam meus braços,
Que por bem de teus olhos me apartou.

* Decidi seleccionar estas palavras para “reescrever” o soneto que Dinamene fez para responder a Camões, pois são palavras que nos mostram que ela tem vontade de permanecer com ele, eternamente, porém, não deseja que ele se prive das maravilhas da vida que Deus lhe ofereceu.

*Guilherme Ferreira, 10.º ano, Coimbra**

Chama minha febril, que te sumiste
Tão cedo desta vida descontente,
Serena lá no Céu eternamente
E fique eu cá na terra sempre triste.

Se lá no apoio etéreo, onde sumiste,
Lembrança desta vida se pressente,
Não te esqueças daquele amor doente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Implora a Deus, que teus anos cortou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus olhos te tomou.

* Escolhi estas palavras porque são mais simples. Apesar desta simplicidade, penso que continuam a descrever o amor entre os dois amantes.

*Guilherme Ferreira, 10.º ano, Coimbra**

Alma minha gentil, que te privaste
Tão cedo nesta vida tão corrida,
Sossega em terra fria, dolorida,
E vive lá na escrita sempre triste.

Se no apoio etéreo em que a escrita
Sumário desta letra nos consente,
Não te esqueças daquele amor doente
Que foi nos olhos meus pura visita.

Daqui não sei de que possa assistir-me
Essa luz que dizes que te cegou
Da mágoa, sem remédio, de perder-me,

Clamo a Deus, que meus anos encurtou,
Que tão cedo não te mimem meus braços,
Que por bem de teus olhos me tomou.

* Escolhi estas palavras porque são palavras mais comuns e mostram o amor entre os dois amantes.

*Ana Baltar, 10.º ano, Coimbra**

Graça minha gentil, que te sumiste
Tão cedo desta vida indolente,
Descansa lá no Céu penosamente
E ande eu cá na terra sempre triste.

Se lá no banco eterno, onde subiste,
Indício desta era se pressente,
Não te esqueças daquele amor fervente
Que já nos olhos meus tão pleno existe.

E se vires que pode merecer-te
Nenhuma cousa a dor que me culpou
Da mágoa, sem socorro, de lembrar-te,

Manda a Deus, que teus anos limitou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus braços te tomou.

* As alterações produzidas pretendem enfatizar que o amor de Camões por Dinamene continua a existir, mesmo após a morte desta. O verbo “existir” indica que o amor de Camões não se limita ao passado, mas persiste para além da morte de Dinamene, parecendo que esta está viva.

*Ana Baltar, 10.º ano, Coimbra**

Graça minha gentil, que te privaste
Tão cedo nesta vida tão doída,
Descansa em terra fria, dolorida,
E fica lá na escrita sempre triste.

Se no descanso eterno em que a escrita
Memória desta era nos consente,
Não te esqueças daquele amor gemente
Que foi nos olhos meus pura desdita.

Daqui não sei de que possa convir-me
Essa dor que dizes que te lesou
Da mágoa, sem conserto, de perder-me,

Rogo a Deus, que meus atos encurtou,
Que tão cedo não te fixem meus olhos,
Que por bem de teus olhos me apartou.

* As alterações produzidas são a combinação que mais interesse despertou em mim.

*Santiago Correia, 10.º ano, Coimbra**

Graça minha gentil, que te fundiste
Tão tarde desta poda imprudente,
Acalma lá no Sol cinicamente
E ande eu cá na tumba talvez triste.

Se lá no banco eterno, onde sorriste
Desprezo desta morte se consente,
Não te safes daquele odor cadente
Que já nos braços meus tão puro ouviste.

E se vires que pode acender-te
Alguma cousa a dor que me ceifou
Da graça, sem mezinha, de lembrar-te,

Clama a Deus, que teus atos encolheu,
Que tão tarde de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus dedos te furtou.

* As alterações feitas revelam um pouco da minha personalidade.

*Santiago Correia, 10.º ano, Coimbra**

Alma minha gentil, que te largaste
Tão cedo nesta vida tão sentida,
Repousa em terra fria, indevida,
E vive lá na escrita sempre triste

Se no assento etéreo em que a escrita
Memória desta vida nos consente,
Não te esqueças daquele amor ausente
Que foi nos olhos meus pura desdita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa dor que dizes que te ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-me,

Rogo a Deus, que meus anos encurtou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me apartou.

* Dei um toque pessoal ao poema, mas procurei manter a sua beleza inicial.

*Gabriel Veríssimo, 10.º ano, Coimbra**

Dama minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta terra descontente,
Descansa lá no Céu eternamente
E viva eu cá na cova sempre triste.

Se lá no assento eterno, onde subiste,
Lembrança desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor carente
Que já nos olhos meus tão pleno viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem saída, de esquecer-te,

Pede a Deus, que teus dias encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus braços te levou.

* Esta versão agradou-me porque as palavras parecem-me mais atuais, e de mais fácil compreensão.

*Gabriel Veríssimo, 10.º ano, Coimbra**

Casa minha gentil, que te culpaste
Tão cedo nesta pena tão punida,
Acalma em casa fria, condoída,
E vive lá na escrita sempre triste.

Se no assento eterno em que a escrita
Lembrete desta vida nos consente,
Não te esqueças daquele amor ausente
Que foi nos olhos meus pura desdita.

Daqui não sei de que possa ajudar-me
Essa dor que dizes que te ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-me,

Peço a Deus, que meus dias encurtou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus braços me apartou.

* Os motivos que me levaram a alterar algumas palavras do poema original são semelhantes às razões anteriormente referidas. Introduzi um toque pessoal, sem comprometer o sentido do original.

*Maria Vieira, 10.º ano, Coimbra**

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta terra negligente,
Sossega lá no Céu suavemente
E fique eu cá na terra sempre triste.

Se lá no apoio eterno, onde sumiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão claro viste.

E se vires que pode acender-te
Alguma cousa a dor que me lesou
Da pena, sem remédio, de querer-te,

Berra a Deus, que teus dias encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te tirou.

* As alterações criam uma versão mais pessoal do poema, mas continuam a proporcionar uma leitura agradável.

*Maria Vieira, 10.º ano, Coimbra**

Casa minha gentil, que te cansaste
Tão logo nesta verve tão fervida,
Serena em vala seca, expelida,
E fica lá na tinta sempre triste.

Se no apoio erróneo em que a escrita
Relato desta era nos presente,
Não te esqueças daquele ardor ausente
Que foi nos lábios meus turva mesquita.

Daqui não sei de que possa custar-me
Essa luz que dizes que te fitou
Da graça, sem reparo, de escrever-me,

Grito a Sol, que meus dias sossegou,
Que tão logo não te leiam meus cílios,
Que por bem de teus dedos me tirou.

* As alterações pretendem alterar um pouco o sentido original do poema.

*Margarida Simões, 10.º ano, Coimbra**

Dama minha gentil, que te partiste,
Tão cedo desta vida descontente
Sepulta lá no breu suavemente
E viva eu cá na toca sempre triste.

Se lá no leito eterno, onde partiste
Vestígio desta vida se consente,
Não te isentes daquele amor carente
Que já nos olhos meus tão pleno viste.

E se vires que pode reviver-te
Alguma cousa a dor que me restou
Da raiva, sem socorro, de esquecer-te,

Berra a Deus, que teus luxos sossegou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão tarde de meus dedos te levou.

* Esta versão do poema mistura o desespero e a raiva. Troquei “repousa” por “sepulta”, para dar uma ideia mais definitiva e dolorosa, e “mágoa” por “raiva”, para mostrar uma dor mais intensa. Procurei transmitir o conflito entre o amor que persiste e a impossibilidade de reparar a perda.

*Margarida Simões, 10.º ano, Coimbra**

Ama minha gentil, que te tombaste
Tão cedo nesta vida tão traída,
Sossega em terra fria,deprimida,
E priva lá na letra sempre triste.

Se no repouso eterno em que a escrita
Lembrança desta era nos consente,
Não te escapes daquele amor ausente
Que foi nos olhos meus pura desdita.

Daqui não sei de que possa servir-me
Essa luz que dizes que te burlou
Da pena, sem reparo, de perder-me,

Clamo a Deus, que meus dias encurtou,
Que tão tarde não te tapem meus braços,
Que por bem de teus olhos me apartou.

* Nesta versão, procurei deixar uma marca pessoal, sem alterar de forma significativa o poema original.

*Tomás Fortunato, 10.º ano, Coimbra**

Chama minha subtil, que te partiste
Tão cedo desta terra exigente,
Relaxa lá no Céu suavemente
E sofra eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento eterno, onde partiste,
Lembrança desta vida se consente,
Não te escapes daquele amor fervente
Que já nos olhos meus tão puro existe.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me falou
Da raiva, sem remédio, de esquecer-te,

Pede a Deus, que teus dias encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus olhos te tomou.

* Escolhi estas versões porque despertaram em mim as mesmas emoções dos poemas originais.

*Tomás Fortunato, 10.º ano, Coimbra**

Chama minha subtil, que te quebraste
Tão cedo nesta terra tão sentida,
Repousa em eira fria, coagida,
E anda lá na escrita sempre triste.

Se no sossego eterno em que a letra
Memória desta vida nos consente,
Não te escapes daquele amor ausente
Que foi nos braços meus plena desdita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa dor que dizes que te cegou
Da pena, sem emenda, de perder-me,

Peço a Deus, que meus anos serenou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me levou.

* Escolhi estas versões porque despertaram em mim as mesmas emoções dos poemas originais.

*Santiago Carvalho, 10.º ano, Coimbra**

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Serena lá no Sol eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no apoio etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da raiva, sem socorro, de perder-te,

Reza a Thor, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

* As palavras que selecionei parecem-me mais suaves. O poema fica com um tom mais sereno.

*Santiago Carvalho, 10.º ano, Coimbra**

Alma minha gentil, que te quebraste
Tão cedo nesta pena tão doída,
Repousa em terra fria, comovida,
E vive lá na carta sempre triste.

Se no descanso etéreo em que a escrita
Memória desta vida nos consente,
Não te esqueças daquele amor ausente
Que foi nos olhos meus pura desdita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa dor que dizes que te ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-me,

Rezo a Zeus, que meus anos serenou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me apartou.

* As alterações não introduziram uma mensagem muito diferente. Pretendi, também neste poema, suavizar o lamento expresso pela amada.

*Rita Nujo, 10.º ano, Coimbra**

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta terra descontente,
Descansa lá no céu suavemente,
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no leito etéreo, onde subiste,
Lembrança desta fauna se consente
Não te livres daquele amor ardente
Que já nos lábios meus a tão puro existe.

E se vires que pode merecer
Alguma coisa a dor que me me calhou
Que tão cedo cá me leve a ver-te,

Da mágoa, sem remédio, de perder-te,
Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Quão cedo de meus olhos te levou.

* As palavras que introduzi continuam a expressar a mesma mensagem.

*Rita Nujo, 10.º ano, Coimbra**

Chama minha gentil, que te quebraste
Tão cedo nesta fauna tão sentida,
Acalma em casa fria, condoída,
E fica lá na letra sempre triste.

Se no assento etéreo em que a escrita
Lembrança desta vida nos consente,
Não te esqueças daquele ardor cadente
Que foi nos olhos meus pura desdita.

Daqui não sei de que possa ajudar-me
Essa dor que dizes que te ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-me,

Imponho a Deus, que meus anos encurtou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me apartou.

* Escolhi estas combinações para não me desviar muito do poema original. Gostei deste jogo de combinações, já que não me parece longe da versão do Professor Manuel Portela.

*Ana Rita Carneiro, 10.º ano, Trofa**

Dama minha hostil, que te feriste
Tão cedo desta vida insolente,
Descansa lá no Céu suavemente
E fique eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento eterno, onde fugiste,
Memória desta vida se pressente,
Não te isentes daquele amor carente
Que já nos lábios meus tão mudo ouviste.

E se vires que pode reviver-te
Nenhuma cousa a dor que me ficou
Da pena, sem saída, de largar-te,

Reza a Deus, que teus dias encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus braços te roubou.

* Neste soneto, quis mostrar o quão grande o sentimento de Luís Camões por Dinamene era visível no poema original. Queria reforçar o amor e as saudades que ele sente pela mulher amada que partiu, mas alterei algumas palavras, para deixar o vocabulário mais fácil de entender para jovens da minha idade.

*Ana Rita Carneiro, 10.º ano, Trofa**

Chama minha gentil, que te quebraste
Tão cedo nesta era tão traída,
Descansa em terra falsa, iludida,
E vive lá na pauta sempre triste.

Se no descanso eterno em que a letra
Lembrete desta era nos desmente,
Não te isentes daquele amor ausente
Que foi nos olhos minha pura desdita.

Daqui não sei de que possa contar-me
Essa dor que dizes que te calou
Da mágoa, sem remédio, de esquecer-me,

Peço a Deus, que meus dias encurtou,
Que tão logo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me levou.

* Neste soneto, quis reforçar a raiva que Dinamene sente por Luís de Camões, reforçar a dor que ela sente quando ele escreve para ela, sendo que, quando ela estava viva, o amor era ausente. Mudei o vocabulário para algo mais fácil, mas também para destacar os sentimentos dela e assim a sua resposta ser sincera.

*Beatriz Gabriela da Costa e Silva Maia, 10.º ano, Trofa**

Alma minha febril, que te sumiste
Tão cedo desta luta penitente,
Cochila lá no breu aridamente
E fique eu cá na pátria talvez triste.

Se lá no apoio eterno, onde sumiste,
Vestígio desta era se desmente,
Não te safes daquele amor carente
Que já nos olhos meus tão claro existe.

E se vires que pode aprazer-te
Alguma cousa a dor que me situou
Na pena, sem saída, de esquecer-te,

Rezo a Deus, que meus dias retirou,
Que tão tarde não te fixem meus olhos,
Que por mal de teus olhos me levou.

* Neste soneto, predominam sentimentos de perda e solidão e nota-se o desejo de reconexão espiritual. O sujeito poético lamenta que a alma amada tenha partido cedo e sugere uma vida de sofrimento, faz também um contraste entre o repouso da alma e a tristeza de quem ficou. A repetição do pedido a Deus mostra fé e resignação, mas também agonia, como se o amor fosse, ao mesmo tempo, uma bênção e um castigo.

*Beatriz Gabriela da Costa e Silva Maia, 10.º ano, Trofa**

Alma minha gentil, que te fartaste
Tão tarde nesta terra tão temida,
Repousa em terra ardente, reprimida,
E anda lá na escrita nunca triste.

Se no descanso eterno em que a letra
Lembrança desta era nos desmente,
Não te livres daquele rumor cadente
Que foi nos olhos meus muda visita.

Daqui não sei de que possa ajudar-me
Essa mágoa que dizes que te ficou
Da preocupação, sem emenda, de esquecer-me,

Clamo a Deus, que meus dias estendeu,
Que tão tarde não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me roubou.

* Este soneto transmite diversos sentimentos, nomeadamente saudade, dor e amor. Nele, o sujeito poético descreve num tom desanimado a perda de uma alma querida, remetendo a um amor que já partiu, deixando-o em sofrimento. Também evidencia o desejo de consolo pela dúvida sobre quem o pode ajudar e, no final, faz uma súplica a Deus, revelando fé, mas também um certo desespero, ao desejar que os olhos da amada não vejam a dor que ficou e ao reconhecer que o amor, mesmo à distância, ainda tem poder sobre ele.

*Benedita Silva Ramos, 10.º ano, Trofa**

Fama minha subtil, que te faliste
Tão cedo desta era indolente,
Dormita lá no Sol ludicamente
E dure eu cá na vila nunca triste.

Se lá no leito eterno, onde sorriste,
Descuido desta morte se pressente,
Não te safes daquele humor cadente
Que já nos dentes meus tão claro ouviste.

E se vires que pode acender-te
Nenhuma cousa a luz que me calhou
Da festa, sem saída, de rever-te,

Prega a Sol, que teus fios limitou,
Que tão tarde de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus dentes te tirou.

* Selecionei algumas palavras para reescrever o soneto de Camões porque gostei do efeito cómico que os versos ganharam, o que resultou num poema muito diferente do soneto original, inclusivamente os sentimentos que o sujeito poético manifesta pelo seu interlocutor. Acho que o meu soneto transmite uma ideia mais abstrata do soneto original, já que não tem um tema definido.

*Benedita Silva Ramos, 10.º ano, Trofa**

Dama minha gentil, que te livraste
Tão tarde nesta terra tão querida,
Serena em moda doce, consumida.
E anda lá na treta nunca triste.

Se no repouso humano em que a treta
Lembrança desta terra nos desmente,
Não te livres daquele humor temente
Que foi nos lábios meus clara pepita.

Daqui não sei de que possa acudir-me
Essa voz que dizes que te ditou
Da festa, sem emenda, de topar-me.

Berro a Zeus, que meus dias estendeu,
Que tão tarde não te culpem meus braços,
Que por bem de teus lábios me roubou.

* Selecionei algumas palavras para reescrever o soneto de Portela porque gostei do efeito cómico que os versos ganharam, o que resultou num poema muito diferente do soneto original. O processo de reescrita foi criativo e livre, permitindo-me alterar as palavras para entender quais ficariam melhor em cada verso e jogar com os seus sentidos.

*Carolina Machado, 10.º ano, Trofa**

Chama minha gentil, que te fundiste
Tão cedo desta terra inocente,
Sepulta lá no Céu finitamente
E dure eu cá na gruta nunca triste.

Se lá no apoio eterno, onde surgiste,
Memória desta terra se desmente,
Não te esqueças daquele humor doente
Que já nos lábios meus tão claro ouviste.

E se vires que pode reviver-te
Nenhuma cousa a voz que me falou
Da pena, sem saída, de manter-te,

Clama a Zeus, que teus fios sossegou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus lábios te levou.

* Neste poema, optei por uma linguagem mais clássica e melancólica, para refletir temas como a perda, a saudade e o desejo de reencontro. As palavras escolhidas — como “fundiste”, “surgiste” e “apoio eterno” — reforçam o tom espiritual e simbólico do texto. A repetição de termos como “lábios” e “cedo” sublinha a urgência do sentimento e a brevidade da vida. Através desta escolha, pretendi homenagear a memória de alguém e transmitir a dor e a beleza da despedida.

*Carolina Machado, 10.º ano, Trofa**

Chama minha gentil, que te cansaste
Tão tarde nesta terra tão falida
Descansa em terra seca, escondida,
E fica lá na treta nunca triste.

Se no repouso etéreo em que a treta
Resenha desta pena nos desmente,
Não te esqueças daquele horror temente
Que foi nos lábios meus suja visita.

Daqui não sei de que possa convir-me
Essa voz que dizes que te fixou
Da raiva, sem remédio, de esquecer-me,

Peço a Zeus, que meus fios sossegou,
Que tão cedo não te sujem meus dentes,
Que por bem de teus lábios me levou.

* Escolhi estas palavras e temas para mostrar sentimentos fortes, como a desilusão, o cansaço e a vontade de esquecer, mas de forma mais próxima do que vivemos hoje. Usei expressões mais atuais, como “treta” e “resenha”, para dar ao poema um tom irónico e direto. Assim, combino emoções profundas com uma linguagem mais leve, refletindo a forma como muitas pessoas hoje lidam com os seus sentimentos: com alguma distância, humor e realismo.

*Dinis Silva, 10.º ano, Trofa**

Alma minha hostil, que te faliste
Tão tarde desta vida descontente,
Repousa lá no Sol eternamente
E viva eu cá na terra talvez contente.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor dormente
Que já nos olhos meus tão turvo viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a luz que me ficou
Da graça, sem remédio, de esquecer-te,

Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão tarde de cá me leve a ver-te,
Quão tarde de meus olhos te levou.

* Com este soneto pretendi descrever sentimentos opostos ao do soneto de Camões, de forma a recriar o poema, mantendo apenas a ideia da separação, mas invertendo a situação retratada. Neste sentido, foram utilizadas expressões como “amor dormente” e “talvez contente” para representar a falta de sentimento demonstrado por parte do sujeito poético.

*Dinis Silva, 10.º ano, Trofa**

Alma minha servil, que te fartaste
Tão cedo nesta vida tão sentida,
Repousa em terra meiga, consumida,
E vive lá na escrita talvez triste.

Se no banco etéreo em que a escrita
Relato desta vida nos consente,
Não te esqueças daquele amor doente
Que foi nos lábios meus pura visita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa luz que dizes que te fixou
Da festa, sem emenda, de perder-me.

Rogo a Deus, que meus anos encurtou,
Que tão tarde não te fixem meus olhos,
Que por bem de teus olhos me levou.

* Com o segundo soneto, pretendi criar um contraste entre os sentimentos de ambos os sujeitos poéticos (dos poemas A e B). Deste modo, usei expressões como “alma minha servil” para simbolizar uma certa vassalagem amorosa que unia o interlocutor e Dinamene, reforçando a ideia de uma ligação sentimental de dependência.

*Dinis Monteiro, 10.º ano, Trofa**

Dama minha hostil, que te sumiste
Tão tarde desta terra inocente,
Sepulta lá no breu penosamente
E zombe eu cá na pátria nunca triste.

Se lá no leito erróneo, onde surgiste,
Lembrete desta terra se pressente,
Não te safes daquele desamor fervente
Que já nos lábios meus tão claro ouviste.

E se vires que pode reviver-te
Alguma cousa a voz que me ficou
Da festa, sem dilema, de largar-te,

Berra a Zeus, que teus luxos limitou,
Que tão tarde de cá me leve a ter-te,
Quão tarde de meus braços te furtou.

* Neste soneto, quis mostrar a alegria e o regozijo que o sujeito poético demonstra pela partida da sua “dama”, apesar de tardia. Deseja que, mesmo no Além, esta viva, sofredora, no mundo penoso das trevas. Na segunda estrofe, lembra a sua “dama” do seu desamor “fervente”, que já em vida lhe havia manifestado. Nos dois tercetos, pretendi reforçar a ideia de que a partida da suposta amada, apesar de tardia, provocou no sujeito poético imensa alegria; roga, ainda, a Zeus que a sua vida na Terra seja longa, para que o reencontro entre ambos seja o mais tardio possível.

*Dinis Monteiro, 10.º ano, Trofa**

Sina minha senil, que te livraste
Tão tarde nesta verve tão traída,
Dormita em vala eterna, carcomida,
E morre lá na terra sempre triste.

Se no descanso erróneo em que a escrita
Lembrança desta terra nos pressente,
Não te lembres daquele amor doente
Que foi nos lábios meus suja visita.

Daqui não sei de que possa acudir-me
Essa voz que dizes que te ficou
Da graça, sem segredo, de esquecer-me,

Berro a Zeus, que meus luxos serenou,
Que tão cedo não te chamem meus braços,
Que por bem de teus braços me levou.

* Neste soneto, mostrei que o sujeito poético lamenta que o “fado” tenha ditado um afastamento tardio do seu suposto “senil” amado. Sublinhei a ideia de que esta relação é baseada no desamor recíproco, pois o sujeito poético deseja ao seu interlocutor que, na Terra, viva uma vida de sofrimento. Acusa-o de um amor doentio, lamentando qualquer manifestação de amor que tenha existido entre ambos. Por último, reforcei a ideia de que o sujeito poético deseja que o reencontro entre ambos seja o mais tardio possível, alegrando-se por Zeus o ter afastado da presença do seu “amado”.

*Eduarda Gonçalves Rio, 10.º ano, Trofa**

Arma minha senil, que te faliste
Tão tarde desta vida imprudente,
Repousa lá no Céu finitamente
E fique eu cá na terra sempre feliz.

Se lá no apoio eterno, em que a tinta
Memória desta vida nos desmente,
Não te esqueças daquele amor cadente
Que foi nos olhos meus pura mesquita.

Daqui não sei de que possa contar-me
Essa dor que dizes que te sarou
Da mágoa, sem recurso, de perder-me,

Rezo a Deus, que meus anos sossegou,
Que tão cedo não te vejam meus dentes,
Que por bem de teus olhos me tirou.

* Neste soneto, sente-se o peso do amor vivido com intensidade e ferida. As palavras tocam pela sinceridade com que o eu lírico se expõe, revelando o conflito entre o que sente e o que deseja esquecer. Há uma beleza triste nessa luta, muito próxima do tom de Camões, onde o amor é sempre dor, esperança e perda ao mesmo tempo. A escolha e disposição das palavras não seguem fórmulas fáceis, há cuidado e dor em cada verso, como se o poema tivesse sido arrancado do próprio peito.

*Eduarda Gonçalves Rio, 10.º ano, Trofa**

Dama minha subtil, que te salvaste
Tão cedo nesta terra tão corrida,
Respira em terra ardente, abatida,
E vive lá na treta sempre triste.

Se no apoio humano em que a treta
Vestígio desta vida nos presente,
Não te esqueças daquele amor cadente
Que foi nos olhos meus pura desdita.

Daqui não sei de que possa acudir-me
Essa dor que dizes que te fitou
Da mágoa, sem remédio, de achar-me,

Imponho a Deus, que meus anos estendeu,
Que tão cedo não te vejam meus braços,
Que por bem de teus braços me roubou.

* Este soneto responde com delicadeza à dor do primeiro. Há um tom de serenidade, como se o amor, mesmo ausente, ainda pudesse ser abrigo. As palavras são escolhidas com calma, quase como se fossem sussurradas, e isso dá força ao texto. A emoção está presente, mas sem desespero. Tal como em Camões, há aqui a ideia de que o amor não termina com a separação ele continua, silencioso, fiel, presente onde menos se espera. É uma resposta que consola sem negar a tristeza.

*Filipa Maia Ramos, 10.º ano, Trofa**

Dama minha subtil, que te sumiste
Tão cedo desta terra insolente,
Descansa lá no Céu penosamente
E sofra eu cá na terra sempre triste.

Se lá no espanto aéreo, onde fugiste,
Lembrança desta era se consente,
Não te lembres daquele amor ausente
Que já nos pulsos meus tão turvo viste.

E se vires que pode abater-te
Alguma cousa a dor que te ficou
Da raiva, sem saída, de querer-te,

Berra a Deus, que teus dias sossegou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus dedos te roubou.

* Os dois poemas apresentam um diálogo poético intenso entre duas personagens marcadas por uma relação dolorosa. No soneto de Camões, o eu lírico masculino dirige-se à sua amada falecida com uma linguagem melancólica e arrependida. No entanto, a escolha de palavras como “penosamente”, “sofra”, “raiva” e “berra” revela um passado de dor e abuso. Ele reconhece, de forma indireta, a culpa que carrega como alguém que causou sofrimento físico e emocional à amada, agora tenta buscar redenção ou consolo através do lamento e da culpa.

*Filipa Maia Ramos, 10.º ano, Trofa**

Ama minha hostil, que me largaste
Tão cedo nesta era tão ferida,
Sossego em farpa eterna, deprimida,
E fico lá na pauta sempre triste.

Se no leito aéreo em que grita
Lembrete desta fala nos desmente,
Não te livres daquele horror doente
Que foi nos olhos meus plena desdita.

Daqui não sei de que possa atrair-me
Essa dor que dizes que te fixou
Da raiva, sem reparo, de perder-me,

Clamo a Deus, que meus dias serenou,
Que tão cedo não te leiam meus olhos,
Que por bem de teus dedos me roubou.

* No soneto de Dinamene, é a voz da mulher que responde, firme e lúcida. A escolha de palavras como “hostil”, “largaste”, “horror doente” e “desdita” constrói uma rejeição clara à ideia de reconciliação ou saudade. Ela denuncia a falsidade do discurso do outro (“Lembrete desta fala nos desmente”) e rejeita a tentativa de romantizar o passado violento. Ao dizer “que tão cedo não te leiam meus olhos”, deixa claro que o seu desejo é que nunca mais o veja, pois o que houve entre eles foi dor, e não amor verdadeiro.

*Francisca Coelho, 10.º ano, Trofa**

Sina minha servil, que te feriste
Tão tarde desta era descontente,
Relaxa lá no sul obediente
E fique eu cá na terra nunca triste

Se lá no leito eterno, onde surgiste,
Desleixo desta vida se desmente,
Não te livres daquele tumor dormente
Que já nos lábios meus tão mudo ouviste.

E se vires que pode abater-te
Nenhuma cousa a voz me culpou
Da graça, sem saída, de salvar-te,

Impõe a Deus, que teus luxos encolheu,
Que tão tarde de cá me leve a crer-te,
Quão tarde de meus braços te tirou.

* Escolhi esta mistura de palavras para representar os maus-tratos e o amor falso que o eu lírico tinha por Dinamene. Podemos ver em versos como "tão tarde de cá me leve a crer-te" que o sujeito poético não queria rever a amada no céu. Este poema pode apresentar-se como algo frequente nos dias de hoje, pelo que o objetivo foi retratar um problema atual, alterando a mensagem de Camões.

*Francisca Coelho, 10.º ano, Trofa**

Sina minha gentil, que te largaste
Tão cedo nesta terra tão corrida,
Respira em terra terna, comovida,
E troca lá na letra talvez triste.

Se no apoio eterno em que a letra
Memória desta era nos presente,
Não te escapes daquele tumor doente
Que foi nos lábios meus muda direita.

Daqui não sei de que possa importar-me
Essa luz que dizes que te negou
Da pena, sem mistério, de reler-me,

Prego a Deus, que meus luxos dilatou,
Que tão tarde não te mimem meus olhos,
Que por bem de teus braços me tirou.

* Escolhi estas palavras em resposta ao soneto adaptado de Camões, para representar que mesmo sofrendo maus tratos e um amor falso, Dinamene continua a amá-lo e a esperá-lo como se ele fosse a coisa mais preciosa do mundo para ela. Esta situação também se pode adaptar aos casais de hoje em dia, pelo seu sofrimento mútuo e pela sua complexidade.

*Gonçalo Faria, 10.º ano, Trofa**

Alma minha leal, que te partiste
Tão cedo desta vida tão sombria,
Descansa lá no Céu onde há poesia
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se aí no lar eterno, onde subiste,
Memória deste mundo tem valia,
Não te esqueças do amor que me movia
E no meu olhar inteiro tu sentiste.

E se entenderes que possa merecer-te
Algum sentido a dor que me restou
Da perda, sem remédio, de querer-te,

Pede a Deus, que teus dias abreviou,
Que também me permita ir ver-te,
Como cedo dos meus olhos te levou.

* Este soneto mostra a dor profunda de quem perdeu alguém muito amado. A alma da pessoa que partiu é vista como algo puro e eterno, que agora está num lugar melhor. Quem ficou sente tristeza e saudade, mas guarda a esperança de um dia voltar a encontrar essa alma. O amor continua mesmo com a distância e com a morte. O poema transmite sentimentos de perda, saudade e desejo de reencontro.

*Gonçalo Faria, 10.º ano, Trofa**

Alma minha gentil, que te livraste
Tão cedo nesta vida tão sofrida,
Repousa em terra fria, já perdida,
Mas vives na escrita, onde te amaste.

Se no assento etéreo em que te encostas
A memória desta vida ainda sente,
Não te esqueças daquele amor ausente
Que foi nos olhos pura dor desgostosa.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa dor que deixaste, que te ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-me,

Rogo a Deus, que meu tempo acelerou,
Que tão cedo não vejam meus olhos teus,
Que por amor dos teus dos céus me afastou.

* Neste soneto, fala-se da ausência de alguém que morreu, mas que continua presente na memória e nas palavras. A dor de perder essa pessoa é muito forte e há uma sensação de vazio e falta. Mesmo assim, a alma da pessoa amada é lembrada com carinho, como se ainda estivesse por perto. O texto mostra um amor que não se apaga e que resiste à distância e ao tempo.

*Inês Catarina Oliveira Monte, 10.º ano, Trofa**

Mamã minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta terra exigente,
Sossega lá no Sol eternamente
E fique eu cá na tumba sempre triste.

Se lá no leito aéreo, onde sumiste,
Lembrança desta terra se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos braços meus tão claro ouviste.

E se vires que pode reviver-te
Alguma cousa a dor que me calhou
Da mágoa, sem saída, de largar-te,

Clama a Deus, que teus ecos sossegou,
Que tão tarde de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus braços te roubou.

* Escolhi estas palavras para o meu soneto, pois queria escrever algo sentimental, tal como Camões. No entanto, este soneto diferencia-se do soneto original pois o sujeito poético é uma filha que acabou de perder a sua mãe, dirigindo-se assim a ela e não a um amado, sendo representado o seu amor entre mãe e filha e o sofrimento da mesma perda da mãe.

*Inês Catarina Oliveira Monte, 10.º ano, Trofa**

Filha minha gentil, que te tombaste
Tão cedo nesta terra tão punida,
Respira em terra meiga, comovida,
E sofre lá na escrita sempre triste.

Se no leito aéreo em que a escrita
Relato desta pena nos consente,
Não te esqueças daquele amor presente
Que foi nos braços meus pura pepita.

Daqui não sei de que possa ajudar-me
Essa dor que dizes que te lesou
Da mágoa, sem emenda, de perder-me,

Clamo a Deus., que meus ecos sossegou,
Que tão cedo não te chamem meus braços,
Que por bem de teus olhos me tomou.

* Escolhi estas palavras em resposta ao sujeito poético, uma vez que os sonetos dialogam entre si, mostrando então o que a mãe diz à sua filha. Este soneto representa, então, a tristeza da mãe em saber que a filha se encontra em sofrimento na terra, sem ela. Este soneto diferencia-se do soneto de Manuel Portela, pois trata-se de um amor recíproco entre mãe e filha.

*Mafalda Rodrigues, 10.º ano, Trofa**

Prima minha subtil, que te sumiste
Tão tarde desta vida dependente,
Sossega lá no Sol suavemente
E dure eu cá na família sempre triste.

Se lá no assento eterno, onde surgiste,
Lembrança desta terra se pressente,
Não te safes daquele rumor carente
Que já nos lábios meus tão turvo ouviste.

E se vires que pode ofender-te
Alguma cousa a voz que me catou
Da pena, sem saída, de largar-te,

Grita a Sol, que teu ato sossegou,
Que tão tarde de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te tomou.

* Este soneto representa uma realidade diferente da dor amorosa típica da lírica camonianiana, ao focar-se na relação entre primas em vez de amantes. Aqui, a separação é abordada de forma mais subtil e nostálgica, com destaque para a saudade e a ausência. A voz poética revela dor, mas também carinho e um tom quase resignado, transmitindo um sentimento de perda que, embora familiar, ganha um tom mais íntimo e pessoal.

*Mafalda Rodrigues, 10.º ano, Trofa**

Prima minha gentil, que te zangaste
Tão logo nesta terra tão traída,
Fatiga em terra quente, poluída,
E fica lá na treta sempre triste.

Se no sossego erróneo em que a treta
Resenha desta terra nos pressente,
Não te esqueças daquele amor jazente
Que foi nos olhos meus plena desdita.

Daqui não sei de que possa contar-me
Essa voz que dizes que te lesou
Da raiva, sem emenda, de esquecer-me,

Clamo a Sol, que meus dias dilatou,
Que tão logo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me tomou.

* Este soneto também se afasta da temática amorosa tradicional, explorando antes a zanga e separação entre duas primas. A voz poética expressa mágoa, raiva e desilusão, num tom mais direto e marcado. Apesar disso, há um certo tom cómico na forma como os sentimentos intensos são expostos, o que dá leveza ao poema. Assim, a linguagem mistura emoção e humor, tornando o soneto uma paródia moderna à dor camonianiana.

*Margarida Campos, 10.º ano, Trofa**

Dama minha gentil, que te feriste
Tão cedo desta era inocente,
Dormita lá no Céu suavemente
E morra eu cá na vila sempre triste.

Se lá no assento eterno, onde partiste,
Lembrança desta vida se pressente,
Não te lembres daquele horror cadente
Que já nos lábios meus tão claro ouviste.

E se vires que pode ofender-te
Alguma cousa a dor que me culpou
Da raiva, sem remédio, de perder-te,

Impõe a Deus, que teus dias sossegou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus braços te tomou.

* Este poema é uma versão modificada do soneto de Camões. Nele, o sujeito poético, na primeira estrofe, lamenta-se e expressa a sua dor pela partida da sua amada. Na segunda estrofe, reforça a ideia da partida da sua “dama” e acrescenta a ideia de uma relação trágica e penosa entre eles. Essa ideia continua no primeiro terceto, onde fica claro um certo arrependimento por não ter existido uma melhor relação enquanto vivos, bem como um pedido de desculpa por parte do eu. Por fim, no segundo terceto, há um pedido para que Deus o leve novamente para os seus braços.

*Margarida Campos, 10.º ano, Trofa**

Arma minha hostil, que te culpaste
Tão tarde nesta pena tão sentida,
Fatiga em cela eterna, comovida,
E morre lá na treita talvez triste.

Se no assento eterno em que a treita
Lembrete desta era nos desmente,
Não te lembres daquele amor doente
Que foi nos olhos meus turva desdita.

Daqui não sei de que possa importar-me
Essa dor que dizes que te lesou
Da raiva, sem emenda, de perder-me,

Imponho a Deus, que meus dias serenou,
Que tão cedo não te fixem meus olhos,
Que por bem de teus lábios me levou.

* O poema inicia-se com a referência ao interlocutor como “Arma minha hostil”, transmitindo a ideia de que ele lhe provocava dor, a sua relação lhe causou mágoa e que os lamentos dele eram falsos. Na segunda quadra, o “amor doente” ecoa o “horror cadente” do poema anterior, o que dá ênfase ao terror que o amor deles representava. No primeiro terceto, nota-se indiferença em relação ao sentimento de tristeza do soneto A. Por fim, como resposta ao pedido do soneto A, o sujeito poético deseja que tal não se concretize e que ele fique longe dela por muito tempo.

*Maria Clara Barbosa, 10.º ano, Trofa**

Casa minha hostil, que te feriste
Tão cedo desta morte inocente,
Respira lá no Sul impaciente
E prive eu cá na cova sempre triste.

Se lá no apoio etéreo, onde sumiste,
Lembrança desta vida se consente,
Não te escapes daquele ardor fervente
Que já nos lábios meus tão pleno ouviste.

E se vires que pode abater-te
Alguma cousa a dor que me culpou
Da pena, sem saída, de ouvir-te,

Clama a Deus, que teus ecos sossegou,
Que tão tarde de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus braços te tirou.

* Neste texto, tentei imaginar o que Dinamene diria a Camões se ainda o pudesse ver ou ouvir. Usei palavras que mostram dor, como "pena" e "culpa", mas também carinho e saudade. Quis que parecesse que ela sente a falta dele, mesmo depois da morte. As palavras são tristes, mas mostram que o amor entre eles continua forte. Também mantive um estilo parecido ao de Camões, para parecer que os dois textos combinam. A linguagem é sentida e próxima, como se ela falasse do coração.

*Maria Clara Barbosa, 10.º ano, Trofa**

Dama minha gentil, que te migraste
Tão logo nesta era tão corrida,
Descansa em cova calma, condoída,
E vive lá na escrita sempre triste.

Se no apoio eterno em que a escrita
Memória desta era nos consente,
Não te livres daquele amor fluente
Que foi nos lábios meus clara desdita.

Daqui não sei de que possa servir-me
Essa voz que dizes que te ficou
Da mágoa, sem emenda, de esquecer-me,

Imponho a Deus, que meus dias sossegou,
Que tão logo não te leiam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me roubou.

* Neste poema, escolhi palavras que transmitem tristeza e saudade, pois o sujeito poético está a falar para alguém que morreu e que ele amava muito. Usei expressões antigas e formais, como ele usava, para dar um tom sério e respeitoso. Quis mostrar como ele sofre com a perda, mas também como a escrita pode manter viva a memória de Dinamene. As palavras "sossego", "desdita" e "condoída" demonstram esses sentimentos tristes, mas cheios de amor e respeito por ela.

*Maria Pires, 10.º ano, Trofa**

Arma minha gentil, que te faliste
Tão cedo desta vida influente,
Repousa lá no Céu suavemente
E viva eu cá na terra talvez triste.

Se lá no assento etéreo, onde subsiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Roga a Deus, que teus dias encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a crer-te,
Quão cedo de meus olhos te furtou.

* No Soneto A, mantive-me mais próxima do original de Camões. Só alterei ligeiramente algumas palavras, mas tentei conservar o tom, a emoção e a mensagem do poema. O objetivo foi mostrar respeito pelo texto original, transmitindo o mesmo sentimento de perda e amor, mas com um ligeiro toque pessoal. Enquanto o Soneto B tem uma abordagem mais criativa, o Soneto A é mais fiel ao original. Ambos mostram a mesma ideia, mas com diferenças na forma de dizer.

*Maria Pires, 10.º ano, Trofa**

Alma minha senil, que te zangaste
Tão tarde nesta vida tão sentida,
Sepulta em terra fresca, condoída,
E vive lá na letra talvez triste.

Se no assento etéreo em que a pauta
Relato desta era nos consente,
Não te esqueças daquele alvor gemente
Que foi nos olhos meus plena mesquita.

Daqui não sei de que possa valer-me
Essa luz que dizes que te ficou
Da graça, sem recurso, de achar-me.

Imponho a Deus, que meus dias encurtou,
Que tão tarde não te fixem meus olhos,
Que por bem de teus cílios me levou.

* No Soneto B, baseei-me no poema original de Portela, mas troquei algumas palavras para o tornar mais criativo e com um toque pessoal. A estrutura e o tema continuam os mesmos, apenas quis escrever de outra forma aquilo que o autor quis transmitir. A troca de palavras foi feita com o objetivo de mostrar o mesmo sentimento de saudade e dor, mas usando uma linguagem diferente. Foi uma forma de reescrever o poema, sem mudar a sua ideia principal.

*Matilde Machado, 10.º ano, Trofa**

Dama minha civil, que te sumiste
Tão cedo desta vida exigente,
Relaxa lá no Sol eternamente
E cesse eu cá na gruta sempre triste.

Se lá no apoio eterno, onde fugiste,
Vestígio desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor cadente
Que já nos olhos meus tão puro existe.

E se vires que pode comover-te
Alguma cousa a voz que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Roga ao Sol, que teus anos sossegou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te roubou.

* Para recriar estes sonetos, inspirei-me nos sonetos sobre a relação de Dinamene e Camões, escritos pelos poetas Manuel Portela e Luís de Camões. Para o soneto A, tal como Camões, escolhi fazer um poema de declaração a um suposto "amor" que desapareceu, morreu, alterando algumas palavras, mas mantendo o sentimento original.

*Matilde Machado, 10.º ano, Trofa**

Asma minha senil, que te livraste
Tão tarde nesta terra tão ferida,
Respira em cela quente, poluída,
E morre lá na escrita sempre triste.

Se no repouso eterno em que a treta
Lembrança desta era nos presente,
Não te esqueças daquele horror dolente
Que foi nos braços meus suja visita.

Daqui não sei de que possa servir-me
Essa voz que dizes que te ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-me,

Rezo a Thor, que meus dias aumentou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus olhos me levou.

* Na sequência do soneto A, decidi rescrever o poema de Manuel Portela como um “amor” que não era considerado amor por ambos, levando à rejeição da “asma” pela “dama”. Como o Dia Mundial da Asma se celebrou recentemente, a 6 de maio, pensei que era uma forma criativa e engraçada de o recordar.

*Miguel Silva Moninhas, 10.º ano, Trofa**

Dama minha fabril, que te despiste
Tão tarde desta tribo exigente,
Fatiga lá no Sol epicamente
E curta eu cá na cova nunca triste.

Se lá no espanto erróneo, onde curtiste,
Indício desta terra se desmente,
Não te lembres daquele rumor ausente
Que já nos cílios meus tão pleno existe.

E se vires que pode remoer-te
Nenhuma cousa a luz que me culpou
Da festa, sem saída, de largar-te,

Pede a Sol, que teus ato reduziu,
Que tão tarde de cá me leve a crer-te,
Quão tarde de meus cílios te furtou.

* Escolhi esta combinação de palavras para o meu poema pela sua linguagem rica, que mistura sentimentos de perda e superação. A musicalidade dos versos e o tom de despedida revelam uma sensibilidade intensa e reflexiva, tornando a leitura envolvente e emocional, tal como se verifica no soneto original de Camões.

*Miguel Silva Moninhas, 10.º ano, Trofa**

Barca minha febril, que te livraste
Tão tarde nesta verve tão cingida,
Descansa em água eterna, diluída,
E zomba lá na tinta talvez triste.

Se no espanto humano em que a letra
Relato desta escrita nos pressente,
Não te livres daquele vapor jazente
Que foi nos braços meus baça mesquita.

Daqui não sei de que possa contar-me
Essa voz que dizes que te negou
Da pena, sem conserto, de ouvir-me,

Imponho a Zeus, que meus dias alongou,
Que tão logo não te chamem meus braços,
Que por bem de teus lábios me tirou.

* Este poema destaca-se pela força das imagens poéticas e pelo confronto com a memória e a ausência. A escolha de palavras invulgares e simbólicas cria uma atmosfera muito boa, revelando um profundo conflito interior entre apego e libertação do sujeito poético. Assim, retoma-se o sentimento do soneto de Manuel Portela.

*Rúben Gouveia Cardoso, 10.º ano, Trofa**

Rosa branca subtil que me afligiste
Tão cedo desta era insolente,
Descansa lá no abismo eternamente,
E morra eu cá no jardim sempre triste.

Se lá no leito etéreo, onde fugiste,
Lembranças desta era se desmente,
Não esqueças essa paixão emergente
Que já nos meus olhos claros tu viste.

E se vires que pode reviver-te
Nenhuma cousa a dor que me ceifou
Da mágoa, sem socorro, de perder-te,

Prega a Deus, que teus dias encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus olhos me roubou.

* O soneto A é um diálogo da rosa vermelha, que está viva, para a rosa branca, que está morta. Eu para este soneto não quis mudar muito do original apenas deixei mais explícito a tristeza, o luto e o desespero, ou seja, tentei tornar mais trágico. Eu escolhi rosa vermelha porque a junção dela com uma branca representa o amor eterno e são muito usadas em funerais. Os olhos dela são claros, mas vazios e está cega pela dor. A rosa vermelha quer morrer já que ela não vê sentido na sua existência sem a rosa branca nos seus braços.

*Rúben Gouveia Cardoso, 10.º ano, Trofa**

Rosa rubra e frágil que desvairaste,
Tão cedo nesta era insolente,
Vive lá na tua voz sempre triste,
Mas brilha em mim a luz que te resiste.

Se no leito celestial em que a voz
Memória desta era ilumina,
Não te prendas à sombra do que foi,
Vive a luz que nos meus olhos brilhou.

Daqui eu canto o amor que te conforta,
Essa dor que transformas em memória
Rega a vida que herdaste em minha história.

Prego ao Deus, que meus dias encurtou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que nos meus olhos escuros brilhou.

* O soneto B é um diálogo da falecida rosa branca para a vermelha. Diferente do original eu aqui quis que a rosa branca não quisesse que a sua amada morresse para que ela vivesse por ela e por si mesma dando um motivo para a vermelha existir mesmo sem ela. A branca representa a esperança sendo o oposto da vermelha, tal como o Ying-Yang. Os olhos dela são escuros, mas cheios de vida e tem uma luz de esperança neles.

*Sofia Marques, 10.º ano, Trofa**

Sina minha viril, que te feriste
Tão cedo desta poda conivente,
Dormita lá no Sul finitamente
E curta eu cá na fossa sempre triste.

Se lá no assento erróneo, onde surgiste,
Desprezo desta tribo se pressente,
Não te livres daquele ardor dolente
Que já nos olhos meus tão mudo ouviste.

E se vires que pode demover-te
Nenhuma cousa a dor que me rogou
Da graça, sem saída, de ganhar-te,

Reza a Ra, que teus ecos reduziu,
Que tão tarde de cá me leve a ser-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

* Escolhi palavras como “sina”, “ardor”, “dor” e “graça”, porque mostram bem o sentimento de tristeza e saudade do eu lírico. Essas palavras ajudam a mostrar o sofrimento por ter perdido a pessoa amada. Também gostei de como o soneto fala do tempo e da distância, pois combinam com o tema do amor que continua mesmo depois da separação. As palavras escolhidas reforçam a ideia de um amor profundo, difícil de esquecer.

*Sofia Marques, 10.º ano, Trofa**

Dama minha gentil, que te livraste
Tão cedo nesta era tão apertada,
Serena em vila seca, corroída,
E fina lá na pauta sempre triste.

Se no leito humano em que a escrita
Relato desta fala nos desmente,
Não te esqueças daquele pudor fulgente
Que foi nos dedos meus plena visita.

Daqui não sei de que possa atrair-me
Essa luz que dizes que te safou
Da mágoa, sem mistério, de fruir-me,

Imponho a Deus, que meus luxos encurtou,
Que tão logo não te vejam meus olhos
Que por bem de teus lábios me levou.

* As palavras que escolhi neste soneto, como “serena”, “pauta”, “mistério” e “luxos”, chamaram a minha atenção, porque mostram um amor mais calmo, mas ainda muito forte. O eu lírico fala da mulher com carinho e respeito, e as palavras ajudam a mostrar isso. Gostei de como o texto fala de saudade e desejo de estar junto, usando termos simples, mas bonitos. Essas escolhas combinam com o tema do amor sincero e verdadeiro.

*Tiago Moreira, 10.º ano, Trofa**

Calma minha gentil, que te feriste
Tão cedo desta vida descontente,
Acalma lá no Céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Lembrança desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor carente
Que já nos olhos meus tão puro ouviste.

E se vires que pode ofender-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de largar-te,

Roga a Deus, que teus anos reduziu,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te furtou.

* Criei este poema para expressar minha profunda saudade e amor por alguém que partiu (a minha calma). Queria transmitir a esperança de que, mesmo na eternidade, o sentimento de conexão permanece vivo. Além disso, busquei refletir sobre a dor da separação e o desejo de reencontro, pedindo a Deus que nos permita nos ver novamente.

*Tiago Moreira, 10.º ano, Trofa**

Calma minha gentil, que te zangaste
Tão cedo nesta vida tão temida,
Sossega em casa doce, escondida,
E vive lá na escrita nunca triste.

Se no descanso eterno em que a escrita
Minuta desta terra nos consente,
Não te esqueças daquele amor fluente
Que foi nos olhos meus plena visita.

Daqui não sei de que possa acudir-me
Essa dor que dizes que te ficou
Da mágoa, sem emenda, de topar-me,

Rogo a Deus, que meus anos encurtou,
Que tão tarde não te chamem meus olhos,
Que por bem de teus dentes me tomou.

* Criei este poema para expressar sentimentos como saudade e esperança, usando uma linguagem poética. O meu objetivo foi fazer o leitor refletir sobre a importância da calma, mesmo diante da dor e da despedida através de versos suaves e sinceros, valorizando a beleza da escrita como uma forma de manter viva a conexão com aqueles que amamos.

*Tomás Ferreira, 10.º ano, Trofa**

Cisma minha ardil, que te sumiste
Tão cedo desta terra descontente,
Sossega lá no Céu comodamente
E morra eu cá na toca sempre triste.

Se lá no leito eterno, onde fugiste,
Lembrança desta fauna se consente,
Não te livres daquele amor ausente
Que já nos lábios meus tão claro existe.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a luz que me cegou
Da raiva, sem socorro, de rever-te,

Clama a Deus, que teus ecos serenou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão cedo de meus braços te tomou.

* Neste soneto adaptado, procurei inverter os papéis originais: Dinamene passou a ser o sujeito poético e revela saudades do seu amado que ficou em terra, vivo. Este sentimento é visível no desejo expresso no último terceto, que é idêntico ao original de Luís Vaz de Camões: o reencontro dos dois amantes.

*Tomás Ferreira, 10.º ano, Trofa**

Dama minha subtil, que te rumaste
Tão logo nesta fauna tão corrida,
Sossega em cira fresca, oprimida,
E vive lá na pauta talvez triste.

Se no repouso eterno em que a letra
Sumário desta escrita nos consente,
Não te livres daquele amor ingente
Que foi nos lábios meus clara visita.

Daqui não sei de que possa acudir-me
Essa luz que dizes que te lesou
Da raiva, sem recurso, de ouvir-me,

Clamo a Deus, que meus dias alongou,
Que tão tarde não te cansem meus olhos,
Que por bem de teus braços me tirou.

* Criei este poema e escolhi estas palavras, pois penso que retratam bem o sentimento que qualquer homem sentia se perdesse a sua amada: profunda saudade e enorme tristeza. As palavras selecionadas, apesar de diferentes do soneto original, mantêm a mesma ideia. Inverti apenas os papéis em relação aos sonetos originais.

*Ana Luísa Cabral Teixeira, 10.º ano, Trofa**

Dama minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida imprudente,
Repousa lá no Céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento eterno, onde subiste,
Memória desta vida se desmente,
Não te lembres daquele amor carente
Que já nos lábios meus tão sujo ouviste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da raiva, sem socorro, de perder-te,

Reza a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te.
Quão cedo de meus olhos te tirou.

* Escolhi este conjunto de palavras para o soneto A, para expressar a tristeza e mágoa profunda de Camões ao perder a sua amada tão repentinamente, as palavras “amor carente” expressam que o amor sentido por Dinamene era apenas uma forma de acalmar, preencher o espaço vazio no coração do sujeito poético, não sendo algo genuíno, porém apenas um amor desesperado, solitário, que já grita em seu peito após tantas perdas ou decepções amorosas.

*Ana Luísa Cabral Teixeira, 10.º ano, Trofa**

Alma minha hostil, que te quebraste
Tão cedo nesta escrita tão tingida,
Repousa em terra fria, condoída,
E vive lá na escrita talvez triste.

Se no descanso eterno em que a escrita
Memória desta vida nos desmente,
Não te esqueças daquele amor ausente
Que foi nos olhos meus turva visita.

Daqui não sei de que possa usar-me
Essa dor que dizes que te ficou
Da raiva, sem reparo, de perder-me,

Rezo a Deus, que meus anos encurtou,
Que tão cedo não te vejam meus olhos,
Que por bem de teus braços me apartou.

* Para este soneto B, escolhi estas palavras para transmitir um diálogo e também representei a maneira como Dinamene se sente após saber que apenas foi usada pelo amado para cobrir a dor sentida por ele, fazendo com que ela sinta raiva, mágoa, mas também felicidade por finalmente saber a verdade. Mostra-se, assim, dois sentimentos inversos, mas que se completam: raiva e felicidade.

*Gonçalo Torres, 10.º ano, Trofa**

Ama minha gentil, que te feriste
Tão cedo desta era impotente,
Cochila lá no Sul avidamente
E cesse eu cá na pátria sempre triste.

Se lá no banco eterno, onde buliste,
Descuido desta era se consente,
Não te escapes daquele amor fulgente
Que já nos lábios meus tão claro urdiste.

E se vires que pode comover-te
Alguma cousa a voz que me calhou
Da mágoa, sem saída, de topar-te,

Reza a Deus, que teus atos sossegou,
Que tão cedo de cá me leve a ter-te,
Quão tarde de meus olhos te roubou.

* Neste soneto, decidi não fugir muito ao tema original de Camões, por isso só modifiquei algumas palavras, para alterar levemente o sentido da frase. Acho o tema interessante e por isso optei por manter a forma como o sujeito poético se dirige a Dinamene, revelando tristeza e saudade pela mulher amada.

*Gonçalo Torres, 10.º ano, Trofa**

Ama minha gentil, que te pasmaste
Tão cedo nesta tribo tão florida,
Respira em cova meiga, dirimida,
E troca lá na tinta sempre triste.

Se no repouso aéreo em que a pauta
Sumário desta escrita nos pressente,
Não te safes daquele rumor temente
Que foi nos dedos meus muda visita.

Daqui não sei de que possa ajudar-me
Essa voz que dizes que te fixou
Da festa, sem reparo, de falar-me,

Rezo a Deus, que meus dias encurtou,
Que tão logo não te fixem meus braços,
Que por bem de teus pulsos me tomou.

* No soneto B, não fugi muito ao tema e ao sentido do poema original, pois achei adequado e interessante. Apenas modifiquei algumas partes nas quais Dinamene se dirige a Camões, alterando as palavras, para jogar com as suas rimas. Mantive a ideia da separação dos amados que é essencial no soneto.

Obra criada por Rui Torres para a exposição Camões 500, comissariada por Paulo Silva Pereira e Filipa Araújo, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (BGUC), 9 de janeiro a 10 de junho de 2025, como parte das Comemorações oficiais do V Centenário do nascimento de Luís de Camões.

Título: Diálogos entre Camões e Dinamene: 500 Sonetos
selecionados a partir de um infinito poético de almas partidas

Autor: Rui Torres

Edição: Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

Data: 2025

Tiragem: Edição exclusiva de duas cópias

Agradecimentos: Manuel Portela | Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra | Ana Maria Machado | Paulo Silva Pereira e Filipa Araújo | Ana Isabel Moura, Carla Baptista e estudantes da Escola Secundária João Gonçalves Zarco, Matosinhos | Júlia Gomes e estudantes da Escola Básica e Secundária da Quinta das Flores, Coimbra | Rui Mateus e estudantes da Escola Secundária Nuno Álvares, Castelo Branco | Silvéria R. Palrilha e estudantes da Escola Secundária Cristina Torres, Agrupamento de Escolas Figueira Norte – Figueira da Foz | Fátima Leal do Colégio Ribadouro | Cláudia Eira e estudantes do Colégio da Trofa (Grupo Ribadouro)

